

UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO  
FACULDADE DE FILOSOFIA, LETRAS E CIÊNCIAS HUMANAS

LIS MACEDO DE BARROS

Do Capitalismo Mundial Integrado de Guattari à Farmacopornografia de  
Preciado

São Paulo  
2022

LIS MACEDO DE BARROS

Do Capitalismo Mundial Integrado de Guattari à Farmacopornografia de  
Preciado

Versão Original

Dissertação apresentada à Faculdade  
de Filosofia, Letras e Ciências  
Humanas para a obtenção do título de  
Mestra em Filosofia.

Orientadora: Profa. Dra. Silvana de  
Souza Ramos

São Paulo  
2022

Autorizo a reprodução e divulgação total ou parcial deste trabalho, por qualquer meio convencional ou eletrônico, para fins de estudo e pesquisa, desde que citada a fonte.

Catálogo na Publicação  
Serviço de Biblioteca e Documentação  
Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo

dc de Barros, Lis Macedo  
Do Capitalismo Mundial Integrado de Guattari à  
Farmacopornografia de Preciado / Lis Macedo de  
Barros; orientadora Silvana de Souza Ramos - São  
Paulo, 2022.  
128 f.

Dissertação (Mestrado)- Faculdade de Filosofia,  
Letras e Ciências Humanas da Universidade de São  
Paulo. Departamento de Filosofia. Área de  
concentração: Filosofia.

1. Capitalismo. 2. Filosofia Contemporânea . 3.  
Subjetividade. 4. Farmacopornografia. I. Ramos,  
Silvana de Souza, orient. II. Título.

## Sumário

INTRODUÇÃO.....	9
CAPÍTULO 1: CRISTAIS DO CAPITALISMO.....	23
1.1.1 ERA DO CRISTIANISMO EUROPEU.....	26
1.1.2 A ERA DA DESTERRITORIALIZAÇÃO DOS SABERES E TÉCNICAS .....	27
1.1.3 A ERA DA COMPUTADORIZAÇÃO PLANETÁRIA.....	28
1.2 CAPITAL.....	29
1.2.1 TRABALHO MAQUÍNICO E TRABALHO HUMANO.....	31
1.2.2 O CAPITAL E AS FUNÇÕES DE ALIENAÇÃO SUBJETIVA E DE SERVIDÃO MAQUÍNICA.....	36
1.3 CAPITALISMO MUNDIAL INTEGRADO.....	40
1.3.1 OS SISTEMAS DE PRODUÇÃO, DE EXPRESSÃO ECONÔMICA E DE AXIOMATIZAÇÃO DO CAPITAL MUNDIAL.....	42
1.3.2 AS NOVAS SEGMENTARIDADES DO CAPITALISMO MUNDIAL INTEGRADO.....	44
CAPÍTULO 2: MUDANÇA DE UM PARA O OUTRO.....	49
2.1 PAUL .....	51
2.2 TECNOLOGIAS DO SEXO.....	58
2.3 A GUINADA TOXICOMANÍACA EJACULANTE DO BIOCAPITALISMO.....	63
2.4 POTENTIA GAUDENDI OU FORÇA ORGÁSMICA.....	66
2.4.1 TECNO-CORPO.....	67
2.5 SEXOPOLÍTICAS.....	69
2.6 PORNOLOGIA.....	74
2.6.1 CAPÍTULOS AUTO-EXPERIMENTATIVOS.....	80
2.6.2 PORNOFICAÇÃO.....	84
CAPÍTULO 3: TECNO ECOSOFIA.....	97
3.1 SUBJETIVIDADE DROGADA.....	103
3.2 LITERATURA.....	116
3.3 CONCLUSÕES FINAIS.....	121
BIBLIOGRAFIA.....	124

*Lista de Siglas*

<i>TJ</i>	<i>Testojunkie</i>
<i>MC</i>	<i>Manifesto Contrassexual</i>
<i>PT</i>	<i>Pornotopia</i>
<i>AU</i>	<i>Um Apartamento em Urano</i>
<i>MF</i>	<i>Eu sou o Monstro que vos fala</i>

## AGRADECIMENTOS

Esse trabalho teve o auxílio direto e indireto de muitas pessoas, a quem eu agradeço imensamente pelo marco causado em minha escrita. O agenciamento entorno dessa dissertação foi perpassado por múltiplos afetos, que eu poderia dizer inclusive que muitos e importantes não vieram de pessoas. Sobretudo, gostaria de agradecer especificamente:

A Agostinho, meu querido pai, que não só me auxiliou materialmente e afetivamente, como nunca deixou de acreditar em mim e nem nas minhas peripécias;

A Silvana, querida orientadora que me acompanhou desde antes desse trabalho existir, pela paciência, ajuda e credibilidade nesse início de vida acadêmico-filosófica;

A Elizete, por quem carrego profunda admiração, pelo exemplo de conquista e pela luta vital e filosófica, além de extenso e intenso afeto;

A Agnes, uma das maiores potências filosóficas passadas por mim, pelo afeto, companheirismo, luta e trocas pós-estruturalistas e existenciais;

A Morgan, amigue que apareceu no mestrado e espero carregar para sempre e depois do sempre, pelo crédito a mim dado como pensadora, assim como o afeto e a paciência em me ter perto;

A Melissa e a Carolina, pela parceira no mestrado e pelos afetos e ajudas trocados;

Ao Departamento de Filosofia da USP, por permitir burocraticamente a execução desse trabalho;

A Gabrielle e a Sil, que ainda que no último ano do mestrado, me proporcionaram uma gigantesca oportunidade de ter esta pesquisa financiada, através do trabalho no Corpas Trans.

**RESUMO:** Partiremos do pressuposto de que a Farmacopornografia é um tipo de especificação do Capitalismo Mundial Integrado, cujos pontos de desterritorialização são levados a outros níveis de intensidade: “Preciado nos ajuda a ilustrar o pressentimento de que ‘nós ainda não vimos nada’”<sup>1</sup>. O corpo desse texto é o exame da complementaridade entre os dispositivos de atuação dos capitalismo. Trata-se de complementar ou entrecruzar os conceitos de Guattari em consonância com as análises que Preciado propõe dos fluxos semiótico-técnicos da pornografia patriarcal-colonial e das fabricações de subjetividades feitas pelo manuseio da biotecnologia. Essas análises se alimentam de conceitos que Guattari articula para pensar o capitalismo contemporâneo, de modo que nosso projeto pretende recuperar a herança não explícita em Preciado e, ao mesmo tempo, criticá-la, de acordo com as próprias hipóteses aventadas por Preciado para interpretar o capitalismo mundial integrado.

**Palavras-chave:** Paul B. Preciado; Guattari; Capitalismo; Farmacopornografia; Subjetividade; Sujeição.

---

<sup>1</sup> PELBART, P. P. apud DELEUZE, G. & GUATTARI, F. *Avesso do Nihilismo: Cartografias do Esgotamento*, 2016, p. 145. É um presságio de que ainda não se chegou a ver a capacidade total das potências do capitalismo.

**ABSTRACT:** We will begin by the assumption which Pharmacopornography is a type of specification of Integrated World Capitalism, whose points of desterritorialization will be lead to another levels of intensity: "Preciado help us to figure a feeling of 'we already haven't see nothing'". The body of the text is an exam of the complementary between the actuation devices of capitalisms. It is about complementing or crisscrossing the Guattari's concepts in consonance with Preciado's analysis of techno-semiotic flows of patriarchal-colonial pornography and the production of subjectivities by the use of biotechnology. These analysis feed themselves with concepts that Guattari articulate to think contemporain capitalism, so our project intend to recover the heritage non explicit in Preciado, and at the same time, criticize it, according with the own hypothesis brought by Preciado to interpretade the integrated world capitalism

**Key-words:** Paul B. Preciado; Guattari; Capitalism; Pharmacopornography; Subjectivity; Subjection.



## INTRODUÇÃO

Se tomarmos como ponto de partida as análises de Guattari, podemos dizer que o capitalismo contemporâneo é, sem dúvida, mundial e integrado porque potencialmente colonizou o planeta, e atualmente cria uma simbiose inclusive entre países que historicamente pareciam ter escapado dele, e porque tende a fazer com que nenhuma atividade humana e nenhum setor de produção fique fora do seu controle. Há um duplo movimento de desdobramento aí presente: o de extensão geográfica, que se defronta com um impasse, e o de expansão sobre si próprio. Parece que certas formas capitalistas caíram durante as guerras mundiais e depois ressurgiram sob outras codificações, territorializando outros fundamentos que estão relacionadas às estruturas de produção e às formações de poder.

Não há mais uma divisão internacional do trabalho, mas sim uma mundialização da divisão do trabalho, espécie de captação geral de todos os tipos de atividade, inclusive, e não por acaso, dos que formalmente escapam da mera definição econômica. Afinal, os modos de produção de certa forma considerados marginais à produção, tais como as tarefas domésticas, de reprodução, o esporte, as ciber-plataformas, as biotecnologias, a cultura, o trabalho imaterial etc, que até bem pouco tempo atrás não pareciam articulados ao mercado mundial, estão aos poucos caindo sob este domínio, ou se descobrem aí emaranhados desde sempre.

Segundo Guattari, a quem Preciado se alinha neste ponto, o Capitalismo Mundial Integrado reúne numerosos sistemas maquínicos<sup>2</sup> e semióticos, de

---

<sup>2</sup> O uso do conceito de máquina é nevrálgico na obra de Guattari, logo o utilizaremos segundo descritos nas passagens: “Nós não começamos do uso metafórico da palavra máquina, mas da (confusa) hipótese preocupada com a origem: a maneira como elementos heterogêneos são determinados a constituir uma máquina através de *recorrência e comunicação*” (GUATTARI, F. *Chaosophy*, Semiotext, 2009, p. 91). “Máquinas desejantes são máquinas binárias, com regra binária ou regime associativo [...] A síntese produtiva, a produção de produção [...] É que há sempre uma máquina produtora de fluxo, e uma outra que lhe está conectada, operando um corte, uma extração de fluxo” (DELEUZE, G. & GUATTARI, F. *O Anti-Édipo*, Editora 34, 2ª Edição, 2011, p.16), ou seja, utilizaremos de toda a ergonomia, do sistema maquínico, pensado por entradas e saídas, cortes e fluxos.

modo que há uma maior dificuldade para compreender seus sistemas de valorização unicamente através da noção quantitativa de trabalho socialmente necessário. Decerto, o que é pertinente na designação de um trabalho num cargo produtivo não é só a capacidade de despender tempo de trabalho, mas também de realizar uma performance maquínica<sup>3</sup>, performance que o próprio trabalho introduz no processo de produção. Dessa forma, as próprias reivindicações sindicais relativas às diminuições de tempo de trabalho se encaixam perfeitamente no projeto de integração do capitalismo, ou seja, elas são compatíveis e até mesmo desejáveis para que o trabalhador possa se dedicar a atividades não imediatamente produtivas, mas capazes, contudo, de manter e de desenvolver suas competências, economicamente recuperáveis. Essa integração maquínica não se circunscreve apenas aos lugares de produção, mas igualmente a todos os outros tipos de espaços sociais e institucionais, propícios a agenciamentos técnico-científicos, perpassados por equipamentos coletivos e meios de comunicação, por exemplo. A revolução informática, que vem ocorrendo desde os anos 1980, acelera consideravelmente esse processo de integração que contamina igualmente o comportamento e a subjetividade inconsciente, tanto individual quanto coletiva. A integração maquínico-semiótica do trabalho humano requer que seja considerada, dentro do processo produtivo, a modelização de cada trabalhador, não apenas no registro de seu saber, mas também em seu escopo maquínico<sup>4</sup>:

O capitalismo 'lança modelos (subjetivos) do mesmo modo como a indústria automobilística lança uma nova linha de carros'. Portanto, o projeto central da política do capitalismo consiste na articulação de fluxos econômicos, tecnológicos e sociais com a produção de subjetividade de tal maneira que a economia política se mostre idêntica à 'economia subjetiva' (LAZZARATO, 2014).

A expressão econômica do Capitalismo Mundial Integrado, seu modo de sujeição semiótica das pessoas e das coletividades, não depende unicamente

---

<sup>3</sup> Uma espécie de performance que é aberta e o coloca em conexões maquínicas (com outras espécies de máquinas: semióticas, sociais, subjetivas, etc), uma performance que o transforma, também, numa peça sob todo o maquinismo.

<sup>4</sup> "Ambiente que diz respeito tanto a máquinas propriamente ditas, máquinas técnicas, como máquinas semióticas e desejantes, funcionando na qualidade de logical?, no meio dos comportamentos sociais em todo de sensibilidade, de interiorização dos sistemas hierárquicos etc. (GUATTARI, *Revoluções Moleculares: pulsões políticas do desejo*, Editora Brasiliense, 1980, p. 213).

de sistemas e signos monetários, econômicos, das bolsas de valores, de aparelhos jurídicos etc., pois se apoia igualmente sobre sistemas de servidão<sup>5</sup>, no sentido cibernético. Os componentes semióticos do capital funcionam em um duplo registro: representação e diagramatismo, onde o primeiro envolve os sistemas de signos, independentes dos referentes econômicos, e o segundo em que os sistemas entram em concatenação direta com os referentes para modelar, programar, planificar os segmentos sociais e os agenciamentos produtivos. Logo, o capital é menos uma simples categoria econômica relativa à circulação dos bens e à acumulação de meios econômicos do que uma categoria semiótica que se refere ao conjunto dos níveis de produção e aos conjuntos de níveis de estratificação de poderes. Sua relação com os progressos científicos e técnicos se torna ambígua, visto que se apoia nessa potência maquínica e na proliferação semiótica das sociedades industriais desenvolvidas, ao mesmo tempo em que as neutraliza por seu sistema de expressão econômica. Nas palavras de Guattari: “[o capitalismo] Só favorece inovações maquínicas na medida em que pode recuperá-las e consolidar os axiomas com os quais pretende não transigir” (GUATTARI, 1985, p. 213).

Guattari discorre sobre a axiomatização do *socius*<sup>6</sup> afirmando que esta é caracterizada por três transformações: cerco, desterritorialização e segmentaridade. O primeiro [i], o cerco, relaciona-se com o impulso expansionista do capitalismo, próprio de suas fases coloniais e imperialistas, quando ele não mais tem para onde ir, ou seja, quando dele se exige uma reconfiguração interna, reconvertendo constantemente seus espaços econômicos e sociais, seus modos de controle e de sujeição do conjunto das sociedades. Devido a essa remodelação de princípios, a mundialização do capitalismo, longe de ser um fator de crescimento, corresponde, na verdade, a um novo questionamento, radical, das suas bases anteriores, gerando ou uma

---

<sup>5</sup> Acerca desse conceito *servidão*, Peter P. Pélbert faz uma nota de tradução no livro de Maurizio Lazzarato, *Signos, Máquinas, Subjetividades*, esclarecendo que seu correspondente em francês é *asservissement* e que escolheu seguir a tradução feita em *Mil Platôs*, “servidão”. *Asservissement* tem um sentido duplo de que Guattari faz uso e que se perde no português: por um lado, designa o processo pela qual se transforma humanos em servos e, por outro, é um termo técnico da engenharia de automação e controle para designar sistemas de controle automáticos utilizados em diversos tipos de máquinas.

<sup>6</sup> *Axiomatização* em oposição a uma *pragmática*, isto é, segundo o autor, não há um programa definido, frente a crises, pois o capitalismo sempre é capaz de inventar novos axiomas funcionais ou, se necessário, de suprimi-los. Axiomatização é um conceito chave para Guattari na compreensão dos processos capitalísticos, logo, ulteriormente o abordaremos com maior profundidade

involução do sistema ou uma mudança de registro. A expansão, portanto, será encontrada no trabalho com as mesmas formações de poder, ao remanejar as relações sociais e desenvolver mercados cada vez mais artificiais, não só no campo de bens, mas também no das informações e dos afetos. Quanto às atuais crises econômico-políticas, o filósofo francês afirma serem estas mais uma espécie de oscilação entre a involução de um certo capitalismo exangue e uma tentativa de conversão em bases radicalmente diferentes. O capitalismo enfrenta sua finitude e se aniquila, liquida bases produtivas que pareciam estáveis para uma necessária remodelagem do sistema: “fim dos capitalismo territorializados, dos imperialismos expansionistas e transição para imperialismos desterritorializados e intensivos” (GUATTARI, 1985, p. 214).

A segunda [ii] transformação, a desterritorialização do capitalismo, não mais põe em questão a manutenção das democracias burguesas, visto que a única força que exerce é no sentido de homogeneizar os modos de produção, e os modos de controle social. Atualmente o Capitalismo Mundial Integrado não possui um centro de poder único e seus centros de decisões reais estão espalhados por todo o planeta. Tal capitalismo instaura uma democracia interna, pois não mais se trata apenas de estados-econômicos, mas de engrenagens de poder em todos os níveis das pirâmides sociais: através de mecanismos complexos, ele consulta as esferas econômicas e segmentos sociais acerca das futuras composições e não mais se canaliza sob um caráter explicitamente político, pois se utiliza de sistemas de informação e de manipulação psicológica, por meio de sistemas de comunicação em massa, sistemas de *welfare* etc. A degenerescência das antigas localizações concêntricas (da qual resulta a desterritorialização), das formações de poder e das antigas hierarquias sociais não é compatível com o crescimento e manutenção da nova forma de capitalismo, pois seu poder é descentralizado em função de seus próprios mecanismos desterritorializados, o que torna impossível cercá-lo. E, por último [iii], a transformação do *socius* por segmentaridades: como foi exposto anteriormente, o capitalismo não está mais na fase de expansão geopolítica e é levado a se reinventar nos mesmos espaços e, como seu sistema de fabricação de centro-periferia está comprometido, ele necessita inventar novos métodos de hierarquização. Para manter a consistência da força coletiva de trabalho em escala mundial, ele faz

coexistir: zonas de superdesenvolvimento em benefício de novas aristocracias capitalistas; zonas de subdesenvolvimento relativas; e verdadeiras zonas de empobrecimento absolutas. A livre circulação de pessoas e bens tornou-se privilégio de aristocracias integradas e o resto da população é designada à residência, num setor particular do planeta, que se torna ele mesmo uma fábrica mundial destinada a ocupar os que estão anexados em campos de trabalho forçado, guetos e campos de extermínio. Essa segmentação é consequência direta do cerco: “É por meio da desterritorialização de sua multicentragem e de suas técnicas de integração que consegue manter juntos todos esses segmentos, ultrapassar as disparidades que institui, e dominar os mais diversos sistemas sociais” (GUATTARI, 1985, p. 216). Por fim, essa redefinição permanente dos segmentos sociais não se refere unicamente a questões econômicas, mas à constante interferência nas áreas individuais e inconscientes da vida social.

Segundo Lazzarato, Guattari, às vezes em conjunto com Deleuze, leva as descobertas de Marx a uma realização plena: a produção de riqueza depende da atividade subjetiva abstrata e não qualificada. Essa produção opera na interseção de dois dispositivos de poder heterogêneos: sujeição social e servidão maquínica. Os antigos modos de produção utilizavam dessa dupla-pinça de controle da subjetividade e esses regimes de vigilância e produção eram processos complementares, interdependentes e contribuíam para o funcionamento do capitalismo. A sujeição social produz e distribui lugares e papéis para a divisão do trabalho quando equipa a sociedade com uma subjetividade individualizada, para a qual se atribui sexo, profissão, nacionalidade etc. É pela linguagem que o capitalismo, organizado segundo certos dispositivos, arranja uma armadilha semiótica significativa e representativa, a qual produz o sujeito individuado. As divisões de identidade, tais como trabalhador e usuário, são investidas por conhecimentos, práticas e normas que solicitam, encorajam e predispõem à produção de indivíduos alienados na divisão do trabalho social e por gênero.

Entretanto, o capitalismo age de outras maneiras na subjetividade quando essa fabricação do sujeito individuado é estratificada por outra apreensão da subjetividade, a servidão maquínica, a qual, diferente da

primeira, ocorre por uma dessubjetivação ao mobilizar semióticas não-representativas e não-linguageiras, uma vez que funcionais e operacionais. Na servidão maquínica, o sujeito não é mais concebido como individuado ou como cidadão, pois se torna uma engrenagem, uma broca componente de diversos agenciamentos. A sujeição fabrica sujeitos individuados ao passo que a servidão os torna “dividuais”. O dividual não se opõe às máquinas, mas forma um sistema com elas, gera uma “ergonomia”, onde máquinas e pessoas são meramente partes cambiáveis e descartáveis. Porém, nessa relação ergonômica, o dividual não é apenas peça; ele é também aquele despedaçado: os componentes de sua subjetividade (inteligência, afetos, sensações, cognição etc.) não são mais unificados por um eu, pois operam sobre desterritorializações ou/e descodificações. Assim, ao ter como alvo componentes moleculares, potencialidades não individuadas, intensivas e subumanas, o capitalismo assume um controle “por dentro”, no nível pré-cognitivo, pré-verbal, pré-pessoal, e, “por fora”, no nível suprapessoal.

Ora, o que queremos elucidar com essa pesquisa, depois de já apresentados os seus pressupostos conceituais e argumentativas, é como a farmacopornografia de Preciado é uma delimitação, um recorte, uma instauração de plano sobre o Capitalismo Mundial Integrado; é a ilustração do pressentimento de que “nós ainda não vimos nada” (PELBART apud DELEUZE&GUATTARI, 2016, p. 145). Perguntamo-nos como o filósofo espanhol mobiliza, manipula e critica agenciamentos, aparelhos de captura, estratificações das indústrias semiótico-técnicas-pornográficas e farmacêutica-biomoleculares para trazer à tona a servidão maquínica e a sujeição social e os processos de integração contida em ambas indústrias: “‘a Pílula’, o Prozac e o Viagra são para a indústria farmacêutica o que a pornografia, com sua gramática de boquetes, penetrações e *cum-shots*, é para a indústria cultural: o prêmio acumulado do biocapitalismo pós-industrial” (TJ, p. 58). Para Guattari, a subjetividade é a primeira e mais importante das produções capitalistas, visto que é ela que possibilita e participa no processo de produção de todas as outras mercadorias, ela é a “mercadoria chave”: “nós (professores, psicanalistas, trabalhadores sociais, jornalistas etc) somos trabalhadores em uma indústria ultramoderna, uma indústria que fornece a

matéria-prima subjetiva necessária para todas as outras indústrias e atividades sociais” (LAZZARATO, 2014, p. 53). Sendo assim, procuramos explicar, primeiro, como o autor francês pensa o capitalismo e a importância da subjetividade em seu funcionamento e princípio para então discutir o que Preciado pensa sobre o capitalismo, e, por fim, trazer à tona processos de subjetivação experimentais, como uma maneira de não ser capturados pelo regime farmacopornográfico.

Decerto, o pensador espanhol, além de se referir a essa fonte teórica, leva a desterritorializações e reterritorializações a dupla-ação da servidão e da sujeição. A farmacopornografia pode ser entendida como uma penetração profunda dos funcionamentos das semiologias significantes (sujeição) e assignificantes (servidão) nos processos de subjetivação e dessubjetivação sexual através da pornografia e da materialidade biomolecular. Por exemplo, o aparelho de captura pornô utiliza dispositivos de sujeição quando através da circulação e do consumo dos materiais pornográficos e masturbatórios têm a intenção de gerar sujeitos consumidores, ou seja, fabrica homens heterossexuais brancos que irão penetrar as mulheres brancas heterossexuais, por exemplo, da mesma maneira que, através de dispositivos de servidão, sutilezas contidas no fluxo de informação e prazer modulam todo o afeto, a cognição, o prazer etc. tornando quem consome apenas uma ejaculação que será convertida em ciber-dinheiro, sujeito dividual, servo.

Preciado faz, em *Testo Junkie*, um mapeamento dos processos de produção, modificação, controle e inovação recentes no campo do sexo e da sexualidade, visto que isso apontaria para a emergência de uma nova racionalidade ou uma nova segmentaridade ou uma outra maneira de segmentação do poder. Os processos de biopoder da histerização do corpo feminino, a pedagogia sexual das crianças, a regulação das condutas de reprodução e a psiquiatrização dos prazeres perversos, em Foucault, são os eixos da modernização e da centralidade do sexo e da sexualidade nas relações de poder (TJ, p. 78). Para Preciado, em consonância com o pensamento foucaultiano, o sexo, com sua verdade, visibilidade, e formas de exteriorização, e a sexualidade, com suas formas de prazer normais e

patológicas, são postos no centro da atividade científica, política e teórica contemporâneas. O sexo se tornou parte tão indispensável do poder que o discurso sobre masculinidade e feminilidade e as técnicas de normalização das identidades sexuais se transformaram em agentes de controle e padronização da vida: “A produção farmacopornográfica define hoje uma nova era da economia política mundial, não por sua supremacia quantitativa, mas porque o controle, a produção e a intensificação dos afetos narcossexuais tornaram-se os modelos para todas as outras formas de produção” (TJ, p. 78).

Preciado parte da análise do fordismo, sistema de produção industrial central do século XX, quando, sob os processos de esgotamento energético e de queda das cadeias de montagens, chega-se ao período de crise de energia e, por consequência, ao colapso de muitas linhas de produção industrial, o que resultou na procura por novas formas de produzir, por novas energias a serem utilizadas e por outros tipos de consumo. Preciado vê nessa forma específica de produção econômica, o fordismo, o período econômico e político que tornou possível o surgimento das problemáticas que permitirão o aparecimento das farmacopornopolíticas. Os problemas de produção do fordismo irão deixar explícitas as novas formas de controle que não poderão apenas ser pensadas a partir da racionalidade do poder sobre a vida, pois a gestão da população e da vida e suas respectivas tecnologias de poder serão assimiladas por novos dispositivos biotecnológicos e de pornocomunicação.

Num dado momento, emergem as indústrias bioquímicas, eletrônicas, informáticas e/ou de comunicação como novos suportes industriais do capitalismo e, para Preciado, o conceito de pós-fordismo não é suficiente para dar conta dessa novidade, pelo contrário, quando se traça uma cronologia da produção industrial do início do século XX até o momento da formação do novo motor do capital, "a gestão política e técnica do corpo, do sexo e da sexualidade" (TJ, p.17), percebe-se a necessidade de outra abordagem do poder.

Surge, então, um novo tipo de governabilidade do ser vivo e de sua subjetividade, o regime farmacopornográfico, o qual converte o sexo, a sexualidade, a identidade sexual e de gênero e o prazer em centro da atividade



política e econômica. Preciado fornece uma série de exemplos das mudanças operacionais da somatopolítica, as quais demonstram como os investimentos e os holofotes da tecnociência foram concentrados em torno das sexopolíticas<sup>7</sup>, nesse período que vai da Segunda Guerra Mundial até a Guerra Fria. Um dos exemplos sexopolíticos é o fato de os EUA terem investido, ao longo do período em que vigorou a Guerra Fria, em estudos sobre sexo e sexualidade mais do que qualquer outro país o fez em toda a história<sup>8</sup>. Tais exemplos estatísticos seriam comprovações epistemosssexuais de que houve uma mudança na produção, ou seja, as novas dinâmicas de controle exigem algo mais: a observação das movimentações tecnológicas e de produção do capitalismo, da mídia global e da biotecnologia (TJ, p. 27).

Ora, a necessidade de um novo discurso teórico-conceitual-explicativo que pudesse dar conta dessa nova produção de vida e de valor é denominada por Preciado de farmacopornográfica: "tomando como referências os processos de governo biomolecular (fármaco-) e semiótico-técnico (-porno) da subjetividade sexual, dos quais a Pílula [anticoncepcional] e a *Playboy* são paradigmáticas" (TJ, p. 36). As raízes do farmacopornismo estão presentes no fordismo, todavia, as condições para que este se torne a forma de produção dominante apenas surgem no final da Segunda Guerra Mundial, evento que traz à luz a justaposição das segmentações de poder, embora estejamos "diante um novo tipo de capitalismo ardente, psicotrópico e punk" (TJ, p. 36), que utiliza dispositivos microprostéticos para o controle da subjetividade, sob uma nova plataforma de técnicas biomoleculares e midiáticas. Ou seja, a nova economia do mundo não funciona sem o fluxo contínuo de diversos fluidos biomoleculares, como o silicone, o esperma e o estrogênio, e os semiótico-técnicos, como as trocas de informações e de imagens pornográficas. A subjetividade é hipermaterializada, isto é, regida pela ordem

---

<sup>7</sup> A sexopolítica é uma das formas dominantes da ação biopolítica no capitalismo contemporâneo. Com ela, o sexo (os órgãos chamados "sexuais", as práticas sexuais e os códigos de masculinidade e de feminilidade, as identidades sexuais normais e desviantes) entra no cálculo do poder, fazendo dos discursos sobre o sexo e das tecnologias de normalização das identidades sexuais um agente de controle da vida (PRECIADO, 2011, p. 1).

<sup>8</sup> Preciado, em *Testojunkie* (2018), especificamente no início do capítulo 2, intitulado *A Era Farmacopornográfica* (p. 27-37) faz uma narrativa histórica acerca dos desenvolvimentos tecnológicos relacionados aos procedimentos de produção e controle da subjetividade sexual e de gênero.

das nanopolíticas, uma materialização farmacopornográfica onde a psicologia, a sexologia e a endocrinologia, ou segundo a expressão de Preciado<sup>9</sup>, o estudo do eu e do interior [farmacopornográficos], transformam, em meados do século XX, os conceitos de psiquismo, consciência, libido, hetero e homossexualidade, feminino e masculino, pois todos se tornam substâncias comercializáveis, bens corporais produzidos e geridos por multinacionais farmacêuticas.

Preciado se guia, também, pelos conceitos e informações das produções tecnológicas da subjetividade *ciborgue*, seguindo a trilha aberta por Donna Haraway, cujo pensamento, na década de 1990, aborda o corpo como uma entidade tecnoviva multiconectada que incorpora a tecnologia, espécie de bioporto para a produção e a circulação das subjetividades farmacopornográficas. Pode-se pensar as farmacopornopolíticas como outra concepção de um elemento do poder, enquanto heranças dos apontamentos de Haraway sobre o biopoder, embora esta preferisse o termo “tecnobiopoder” para delimitar as técnicas de controle, de maximização, de melhoramento e de racionalização da vida. Porém, divergindo de Haraway e mesmo de Foucault, Preciado mostra que a análise do governo da vida, da população ou do corpo não abrange as novas formas de somatopolíticas características do período pós Segunda Guerra Mundial:

Foucault ignora um conjunto de transformações que se sucedem a partir da Segunda Guerra Mundial e que, em minha opinião, exigem uma terceira *epistème*, nem soberana nem disciplinar, nem pré-moderna nem moderna, que leve em conta o impacto das novas tecnologias do corpo, uma epistème [sexual] que chamo de pós-moneyista, fazendo referências a figura do Dr. John Money (TJ, p. 77).

O contexto somatopolítico do período pós Segunda Guerra Mundial parece ser dominado por um conjunto de novas tecnologias do corpo (biotecnologia, cirurgias, endocrinologia) e de representações (fotografia, filmes, televisão, pornografia) que se infiltram e penetram toda a vida, uma era de tecnologias de proliferação biomoleculares, digitais, de alta velocidade e incorporadas. Enquanto na sociedade disciplinar as tecnologias de subjetivação controlam o corpo de fora para dentro, como um dispositivo

---

<sup>9</sup> Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=YZNQfioKSA0>. Acessado em 24/05/2019.

orto-arquitetônico, na farmacopornografia as tecnologias entram no corpo para fazê-lo: "eles [os dispositivos] se dissolvem no corpo; eles se tornam o corpo" (TJ, p. 110). Aos poucos, os mecanismos ortopédicos sexuais e as construções arquitetônicas disciplinares são absorvidas pelas micro-informações farmacológicas e pelas técnicas de transmissão audiovisuais instantâneas: "Na gestão técnica do corpo, a indústria farmacopornográfica sintetiza e define um modelo específico de produção e consumo [...] uma arquitetura que transforma o espaço interior em exterior [...] por meio de dispositivos de autovigilância imediata e difusão ultrarrápida" (TJ, p. 44).

A racionalidade capitalista farmacopornográfica inaugura uma era com a invenção da categoria gênero, em que o melhor negócio é a produção da espécie, da sua alma e de seu corpo, dos desejos e dos afetos. Essa invenção traz à tona o regime farmacopornográfico, já que, precisamente, a introdução do conceito e da prática plástica do "gênero" constitui o primeiro momento reflexivo da economia de construção do sexo. O cunho e o uso do conceito *gênero* aparece em 1947, pelo Dr. John Money, psiquiatra, que contrapõe à fixidez do "sexo" a tecnologia de subjetivação plástica e sintética do gênero. O primeiro uso do conceito de gênero aparece quando esse mesmo médico fala da possibilidade de modificar cirúrgica e hormonalmente crianças intersexuais, aquelas cujos órgãos sexuais não podem ser classificados pelas normas binárias da medicina. Quando Money utiliza o termo gênero, ele indica o sexo psicológico, pois se antes o sexo era natural, definitivo e intransferível no regime disciplinar, na farmacopornografia, por sua vez, ele aparecerá como sintético, maleável, variável e suscetível a ser transferido, imitado, produzido e reproduzido tecnologicamente.

Preciado remete esse terceiro modelo epistemossexual das tecnologias do corpo e da sexualidade à era pós-moneyista, e, quando fala da ruptura que o conceito de gênero traz, não sugere uma passagem de um modelo para o outro, uma descontinuidade drástica, pois se trata, sobretudo, de uma justaposição de estratos nos quais as diferentes técnicas e saberes de escritura da vida se apoiam umas sobre as outras e se reinscrevem. Para

explicar essa formulação, Preciado utiliza o mesmo exemplo em três textos diferentes<sup>10</sup>:

Vou dar somente um exemplo dessa justaposição de ficções somáticas<sup>11</sup> de que somos objetos. Dean Spade nos convida a refletir sobre a diferença entre a definição da rinoplastia como cirurgia estética e a aceitação atual da vaginoplastia e da faloplastia como operações de mudança de sexo. Enquanto a primeira pertence a um regime de corporalidade pós-moneyista, onde o nariz é considerado propriedade individual e objeto de mercado, as segundas permanecem imersas em um regime pré-moderno e quase soberano de corporalidade em que o pênis e a vagina seguem sendo propriedade do Estado (TJ, p. 115).

Os regimes descritos por Foucault, o soberano, o disciplinar e o biopolítico, possuem uma precisão analítica real acerca dos funcionamentos das tecnologias de poder, todavia, Preciado destaca, retomando formulações de Deleuze e Guattari, que as análises sobre o capitalismo contemporâneo deixam de lado, ou não mencionam, novas formas de atuação das tecnologias contemporâneas.<sup>12</sup> Por exemplo, elas parecem não se deter nas potencialidades e na rentabilidade da biotecnologia. Há uma omissão de Foucault acerca da emergência de profundas transformações nas tecnologias de subjetivação e produção do corpo, as quais aparecem no final da Segunda Guerra, isto é, mudanças que fundam um novo regime de subjetivação: o regime farmacopornográfico, onde “A ejaculação politicamente programada é a moeda desse novo controle molecular informático” (TJ, p. 84).

Um dos primeiros sinais de transformação da racionalidade farmacopornográfica das políticas do corpo foi a eletrificação, digitalização e molecularização dos dispositivos de controle e de produção das identidades sexuais e da diferença sexual; os mecanismos ortopédico-sexuais disciplinares foram absorvidos, por necessidade de adequação às novas realidades e

<sup>10</sup> *Testo-junkie* (2018, p. 115), *Biopolíticas del Género* (2008, p. 9) e *Pharmaco-pornografic Politics* (2008, p. 113).

<sup>11</sup> “São ficções somáticas não porque lhes falte realidade material, mas porque sua existência depende do que Judith Butler denominou repetição performativa de processos de construção política” (PRECIADO, 2018, p.76).

<sup>12</sup> Na primeira versão de nosso projeto de mestrado, privilegiamos tais dispositivos tal como foram herdados por Foucault. Porém, o desenrolar da pesquisa nos levou à conclusão de que Preciado tem um diálogo mais próximo com Guattari do que com Foucault, e, mais que isso, o autor de *Testojunkie* vai além desses precursores em suas análises do Capitalismo contemporâneo.

possibilidades, pelas técnicas microinformáticas audiovisuais e farmacológicas: "o corpo já não habita os espaços disciplinadores: está habitado por eles. A estrutura orgânica e biomolecular do corpo é o último esconderijo desses sistemas biopolíticos de controle. Esse momento contém todo o horror e a exaltação da potência do corpo" (TJ, p. 114). O dispositivo de subjetivação que pode ser visto a partir da teoria hormonal do início do século XX é um conjunto de redes institucionais e técnicas em que se produzem artefatos vivos os quais adquirem reconhecimento político em determinado contexto cultural. O sujeito farmacopornográfico emerge de um dispositivo pop-técnico-científico que conecta elementos heterogêneos.

Por fim, nada mais capitalista e ergonômico que a pornografia e as drogas/os ou fármacos. O objetivo de nossa pesquisa, então, é, aceitando as provocações de Guattari e Preciado, realizar uma análise menos casta da integração do capitalismo contemporâneo. Trata-se de utilizar a análise da subjetivação e da dessubjetivação sexual e não sexual, partindo do pressuposto de que a farmacopornografia possui semelhanças, analogias e pontos de maior investida sobre o capitalismo mundial, algo que Preciado deixa claro quando escreve: "Deleuze e Guattari, num escrito póstumo a *Mil Platôs*, nomeiam esse 'novo monstro' da organização social derivada do controle político sobre a vida de 'sociedade de controle'. Eu prefiro chamar, lendo Burroughs e Bukowski, de regime farmacopornográfico."<sup>13</sup>

Iniciamos as análises propriamente de ambos os autores, pensando primeiramente o capitalismo segundo Guattari, ou seja, demonstrando como este desenvolve seus processos de instauração e desenvolvimento. A seguir, discutiremos a herança guattariana não-explicita contida em Preciado, especificamente no *Testojunkie*, algo que o filósofo espanhol também aborda em suas obras mais recentes, tais como *Um apartment sur Uranus*<sup>14</sup> e *Je suis un monstre qui vous parle*<sup>15</sup>, onde conceitos nevrálgicos são desenvolvidos de outra

---

<sup>13</sup> Guattari pensa o Capitalismo Mundial Integrado como um estrato a mais da sociedade de controle, ou seja, os processos de integração, que serão detalhados no decorrer deste trabalho, geram novas especificidades que a sociedade de controle não da conta, como por exemplo, a mundialização do capital e o gigantesco fluxo de informação como catalisador da produção de capital.

<sup>14</sup> PRECIADO, P.B. *Um apartamento em Urano*, Zahar, 2020;.

<sup>15</sup> PRECIADO, P.B. *Yo soy el monstruo que os habla*, Anagrama, 2021;

maneira. E, por último, adentramos na farmacopornografia como mergulho em Preciado e em seus conceitos por si mesmos.

## CAPÍTULO 1: CRISTAIS DO CAPITALISMO

Este capítulo segue o trajeto que Guattari faz ao pensar o capitalismo em geral e, especificamente, o capitalismo contemporâneo, ou seja, percorremos capítulos de várias obras dispersas, seminários e cursos dados, e artigos que se tornaram livros quando foram postumamente reunidos<sup>16</sup>. Ao longo desse percurso, mostramos como o autor descreve as condições semióticas e maquínicas que dão indícios do nascimento do capitalismo como modo de produção, cujo valor é medido pelo capital. Sistema do qual embora possamos perceber cristais em séculos anteriores, temos de constatar que ele surge no feudalismo e que entre 1950 e 1970 alcança novas formas de integração, através de dispositivos cibernéticos e do processo de mass-mediatização das relações.

A questão do capitalismo para Guattari pode ser considerada por múltiplos ângulos, porém o econômico e o social parecem constituir pontos necessários para começar uma investigação a respeito. Pelo primeiro ângulo, o capitalismo deve ser definido como função geral de semiotização de um sistema de produção, de circulação e de distribuição de bens. O capitalismo, ou o método do capital, é considerado como um processo que permite valorizar mercadorias através de sistemas indexados governados por uma sintaxe particular para sobrecodificar e controlar. Essa definição formalista é possível, apesar de ser inseparável dos compromissos técnicos e socioeconômicos que esse sistema semiótico desenvolve diretamente, no entanto, é preciso considerar que ele possui uma coerência intrínseca. Acerca disso, os modos capitalísticos de escrever poderiam ser comparados a estruturas matemáticas cuja consistência axiomática não é afetada pelas aplicações que podem performar em campos extra-matemáticos, ou seja:

Os axiomas do capitalismo não são evidentemente proposições teóricas, nem fórmulas ideológicas, mas enunciados operatórios que constituem a forma semiológica do Capital e que entram como partes componentes nos agenciamentos de produção, de circulação, e de consumo (DELEUZE&GUATTARI, 2012, p. 174-175).

---

<sup>16</sup> Tais quais: *Cartographies Schizoanalytiques*, (1989), *Revolution Moleculaire* (1977), *Soft Subversions* (2009), *Chaosophy* (2009), *Lines of Flight* (2011), *Les Années d'Hiver* (1980-1985);

O primeiro ângulo poderia ser chamado de máquina semiótica do capitalismo ou semiótica da valorização capitalística.

No segundo, o capitalismo apareceria como gerador de um tipo particular de relação social: leis segregacionais, costumes. O processo da escrita econômica pode variar, porém, o que é primário é a conservação de um tipo de ordem social fundada na divisão de papéis entre aqueles que monopolizam o poder e aqueles que são submissos, e se aplica tanto nas áreas de trabalho e na vida econômica, quanto no estilo de vida, saber e cultura. Todas essas divisões atravessam sexo, gênero, classe, raça e idade e fazem, numa forma final, segmentos concretos do *socius*. O segundo ângulo se chamaria sistema de segmentaridade do capitalismo ou segmentaridade capitalística, e continua a preservar o sistema de coerência axiomática.

Segundo Guattari, o capitalismo é codificado, mas não como uma tábua de regras. A ordem social que ele governa evolui da mesma maneira que as sintaxes econômicas. As referências nunca são unilaterais e não se trata de uma causalidade única, logo não há motivos para opor a máquina semiótica ao sistema de segmentaridade, visto que esses componentes sempre vão em conjunto e sua distinção apenas se faz necessária quando estes interagem entre si e com outro nível fundamental do capitalismo, o da produção. Esse nível fundamental não se relaciona com o que os marxistas chamam de relações de produção ou relações de infraestrutura econômica, visto que funciona diferentemente para máquinas técnicas e máquinas desejantes. A noção de componente produtivo incluirá ambas as forças materiais maquinicas, trabalho humano, relações sociais e investimento de desejo, assim como o desenvolvimento de potencialidades e relações criativas (essas relações produtivas são denominadas de diagramáticas, como oposição às relações representativas e/ou programáticas dos dois primeiros níveis).

Ainda é legítimo falar do capitalismo como uma entidade geral? As definições dadas acima não expressam sua diversificação? Ora, pode-se encontrar capitalismo em todos os locais e tempos se se considerar o ponto de vista da exploração das classes proletárias ou da mobilização de sentidos de semiotização econômica, favorável ao surgimento de grandes mercados, crédito, trocas. Porém, para Guattari, o capitalismo dos últimos três séculos



decolou quando a ciência, a tecnologia industrial e comercial e o *socius* irreversivelmente se conectaram.

\*\*\*

No final do século XX, já nenhuma opinião, pensamento, imagem, afeto ou narrativa foge da aderência invasiva dos computadores, dos data banks, da cibernética. Mesmo as máquinas que articulam afirmações num ritmo do nível de nanosegundos não são poderes diabólicos; elas são formas de certos aspectos da subjetividade humana hiper-desenvolvidas e hiper-concentradas, e não aspectos que polarizam humanos em relações de dominação e poder. Uma ponte dupla entre máquinas e humanos deve ser feita, pensando que [i] máquinas de comunicação e informática não apenas representam algo, mas igualmente contribuem para a preparação de um agenciamento (individual ou coletivo) de enunciação, isto é, trata-se de fluxos de sistemas de signos que são disparados por essas máquinas e:

O signo remete ao signo, e remete tão somente ao signo, infinitamente. É por isso que é mesmo possível, no limite, abster-se da noção de signo, visto que não se conserva, principalmente, sua relação com um estado de coisas que ele designa nem com uma entidade que ele significa, mas somente a relação formal do signo com o signo enquanto definidor de uma cadeia dita significante (DELEUZE&GUATTARI, 2012, p. 64)

E [ii] todos os sistemas maquínicos, independente dos domínios (técnicos, biológicos, semióticos, lógicos, abstratos), são suporte para um processo de proto-subjetividade, o que se caracteriza em termos de subjetividade modular. Será que essa entrada da subjetividade no âmbito maquínico é nova? Afinal, não eram as subjetividades pré-capitalistas ou arcaicas também engendradas por diversas máquinas iniciatórias, sociais, retóricas, embutidas em clãs, instituições religiosas, militares, corporativas, no interior dos aparatos coletivos de enunciação?

No preâmbulo da obra *Cartographies schizoanalytiques*, Guattari fala que é possível datar as mutações subjetivas fundamentais em função do nascimento dos aparatos coletivos culturais e religiosos e da invenção de novos materiais, novas energias, novas máquinas para cristalizar o tempo e, finalmente, das

novas biológicas técnicas. Esses são componentes essenciais para a consistência no espaço-tempo como função das transformações técnicas, científicas e artísticas. Essas considerações levam a distinguir três zonas de fratura histórica, segundo três componentes fundamentais do capitalismo: [i] a era do cristianismo europeu, marcada pela nova concepção das relações entre poder e Terra; [ii] a era da desterritorialização capitalística dos saberes e das técnicas, fundada sob princípios de equivalências generalizadas; e [iii] a era da computadorização planetária, que abre possibilidades de uma processualidade criativa e singular se tornar uma nova base de referência de valor.

### 1.1.1 A ERA DO CRISTIANISMO EUROPEU

Segundo Guattari, sobre as ruínas dos Impérios Romanos e Carolíngios, uma nova figura de subjetividade aparece, caracterizada sob uma dupla articulação: [I] entidades territoriais autônomas de caráter étnico, nacional, religioso, que constituem a textura segmentar feudal que, mesmo modificada, se mantém até hoje; [II] uma entidade desterritorializada do poder subjetivo nasce da Igreja católica e é estruturada como um Aparato coletivo. Diferente dos poderes imperiais, a figura central não possui mais um poder direto, totalitário-totalizante que sustenta os territórios básicos do *socius* e da subjetividade. O cristianismo desistiu da unidade que ajudou no processo de integração da subjetividade e parece um meta-estado de *equilibrium*, favorável à proliferação de outro processo parcial de autonomia, resultante da conjunção entre autonomia parcial das esferas política e econômica, próprias da segmentaridade feudal, e o caráter hiper-fusional da subjetividade cristã<sup>17</sup>. As proliferações serão: uma vitalidade cismática de sensibilidade religiosa; uma explosão estética ininterrupta desde então; a revolução industrial, correlacionada ao aparecimento de novas figuras de organização urbana. Essa fórmula, mais a consistência adicional que permitiu sobreviver às invasões bárbaras, epidemias, guerras permanentes, se constitui devido a seis fatores:

---

<sup>17</sup> Para uma discussão lefortiana sobre o fim da unidade na passagem da Idade Média à Modernidade, ver: RAMOS, SILVANA DE SOUZA. "Claude Lefort e a escrita democrática" in: DISCURSO, v. 48, n. 1, p. 155-166, 2018  
<https://www.revistas.usp.br/discurso/article/view/147391>

[1] a promoção do monoteísmo flexível, capaz de se adaptar às posições subjetivas particulares dos bárbaros, escravos etc. É fato que a flexibilidade de um sistema ideológico se torna fundamental ao fornecer o que constitui um dado básico, que será encontrado nos locais importantes da subjetividade capitalista. A consolidação de um novo padrão ético-religioso do leste cristão que resulta num paralelo: uma permanente refundação de territorialidades básicas e a redefinição das filiações e redes da soberania, e da predisposição da livre circulação de fluxos de saber, de signos monetários, de figuras estéticas, de bens, de tecnologias etc., liberando acesso à segunda voz capitalista; [2] a divisão das populações cristã por um novo tipo de máquina religiosa; [3] a instalação de termo-longo das coisas do corpo, mosteiros, e muitos “data banks” de conhecimento e técnicas do tempo; [4] a generalização do uso do ferro como fonte natural de energia, propiciando o desenvolvimento das mentalidades artesanais e urbanas. Porém, esse primeiro desenvolvimento do maquinismo estava apenas numa forma parasitária, em forma de cisto, no grande agenciamento humano; [5] o aparecimento das primeiras máquinas, trazendo mais sustentação na integração subjetiva; [6] a seleção das espécies animais e vegetais, o que será base do crescimento demográfico e dos parâmetros econômicos.

Devido à colossal pressão/repressão territorial, mas também ao enriquecimento cultural exercido pelo império Bizantino, de um lado, e pelos poderes nômades e bárbaros, de outro lado, o caldeirão da cultura proto-capitalista cristã alcança relativa estabilização dos seus três polos fundamentais, a aristocracia, a subjetivação camponesa e a religiosa. Surge então o maquínico conectado com o desenvolvimento urbano, e o crescimento das tecnologias militares e civis encontra encorajamento e segurança no mesmo momento.

### 1.1.2 A ERA DA DESTERRITORIALIZAÇÃO DOS SABERES E TÉCNICAS

Esse segundo componente da subjetividade capitalística será afirmado principalmente no início do século XVIII. Será marcado por um grande desequilíbrio entre homem e máquina, quando o humano perde suas territorialidades sociais que pensava serem permanentes. Seus pontos de

referência físico e social se encontrarão interrompidos. O universo de referência para a nova política generalizada de troca não será mais a segmentação territorial, mas sim o Capital, como um modo semiótico de reterritorialização das atividades humanas, cujas estruturas são viradas de cabeça pra baixo pelos processos maquínicos. Antes era um Déspota ou Deus que servia como pilar operacional para a recomposição dos territórios existenciais, agora é uma simbólica capitalização de valores abstratos de poder, que carrega saberes econômicos e tecnológicos, articulados em duas classes sociais desterritorializadas, o que leva a uma equivalência generalizada entre todos os modos de valorização das atividades e bens humanos. Os principais fatores de consistência são: [1] a geral penetração do texto impresso através dos mecanismos sociais e da vida cultural, correspondendo a um colapso das performances orais, algo que, em compensação, autoriza mais uma acumulação de saberes; [2] a primazia do metal e dos motores a vapor que multiplica o poder penetrante dos vetores maquínicos na terra, no ar, no mar, assim como no agenciamento tecnológico, econômico e urbano; [3] a manipulação do tempo, que se encontra esvaziado de seus ritmos naturais pelas máquinas cronométricas, o que leva à divisão taylorista do trabalho, pelas técnicas econômicas de semiotização e pelos meios de crédito; [4] as revoluções biológicas, baseadas nas descobertas de Pasteur, que se conectam com o futuro das espécies vivas e com o desenvolvimento das indústrias bioquímicas. O homem se encontra então numa posição quase-parasita de adjacência em relação ao *phylum* maquínico, à forma de classificação maquínica de todos os seus órgãos, e suas relações sociais são re-afetadas, sobrecodificadas enquanto função dos requisitos globais do sistema, visto que “Algo pode ser tanto ferramenta, como pode ser máquina, [a] depende[r] do *phylum* maquínico” (GUATTARI, 2009, p. 93).

### 1.1.3 A ERA DA COMPUTADORIZAÇÃO PLANETÁRIA

Em continuação com o pensamento de Guattari, que faz essa trajetória maquínica do aparecimento do capitalismo para especificar as transformações que ocorreram para o surgimento do que conhecemos como o método do Capital, e como ele deveio na forma de capitalismo mundial integrado, agora

será a máquina que estará sob o controle subjetivo, não mais de uma subjetividade reterritorializada humana, mas de um novo tipo de subjetividade maquínica. Algumas características dessa nova era são: [1] a mídia e as telecomunicações tendem a ultrapassar as relações escritas e orais. Aqui a polifonia não é apenas humana, mas em congruência com vozes maquínicas como databanks, inteligência artificial. A opinião e o gosto coletivo são pensados sobre aparatos estatísticos produzidos pela publicidade e pela indústria de filmes; [2] pouco a pouco, os materiais naturais são substituídos por uma multidão de novos materiais químicos. O avanço da fissão e da fusão nuclear aumenta as possibilidades de expansão energética, porém a poluição leva a desastres irreversíveis, aqui tudo depende das capacidades coletivas de reapropriação dos agenciamentos sociais; [3] com a nova temporalidade posta a trabalhar por microprocessadores, grandes quantidades de dados e de problemas podem ser resolvidos num curto período de tempo, e a subjetividade maquínica salta de problema a problema; [4] a engenharia biológica abre caminho para uma remodelação infinita das formas viventes<sup>18</sup>.

A questão se volta para pensar como e por que essas imensas potencialidades carregadas por todas essas revoluções computacionais, telemáticas, robóticas, burocráticas, biotecnológicas continuam reforçando os antigos sistemas de alienação, reiterando a opressiva mass-mediatização e a infantilização da política consensual. Essas perguntas são feitas por Guattari, todavia, podemos levantar a hipótese de que Preciado tenta respondê-las quando formula o conceito de farmacopornografia, ou seja, quando encontra nessas revoluções as melhores e mais sofisticadas maneiras de gerir e fabricar subjetividades rentáveis.

## 1.2 CAPITAL

---

<sup>18</sup> Essas caracterizações que Guattari faz desse momento de computadorização planetária do capitalismo encontra perfeitamente a formulação da farmacopornografia, ainda que Guattari não especifique os pontos intensivos precidianos, isto é, a pornografia e a droga, ou o *pharmakon*. Abordaremos o capitalismo farmacopornográfico posteriormente nesse trabalho, enfatizando essas remodelações na produção e na semiótica, assim como a nova modelização subjetiva farmacopornográfica. Ver capítulo 2 e 3 deste trabalho.

Segundo Guattari, o capital não é uma categoria abstrata, é um operador semiótico de formações sociais determinadas. Ele funciona como registro, regulação e sobrecodificação das formações de poderes próprios às sociedades industriais desenvolvidas, das relações de força e dos fluxos relativos ao conjunto das potências econômicas do planeta. Encontramos em outros sistemas, sob múltiplas formas, modos de capitalização de poderes nas sociedades mais arcaicas<sup>19</sup>, todavia, é só no seio da produção capitalista que se autonomizou um procedimento geral de semiotização, que se desenvolveu sob dois eixos: [i] o da desterritorialização dos modos locais de semiotização de poderes, que se tornam, então, controlados por um sistema de inscrição e de quantificação de poder; [ii] e o da reterritorialização deste último sistema numa formação de poder hegemônico: a burguesia dos Estados-Nações.

Enquanto calculador, o capital também se torna uma predição, o computador do *socius*. Seu material cru é basicamente feito de trabalho humano e trabalho maquínico ou, mais especificamente, do poder de grupos dominantes sobre o trabalho humano e do poder das máquinas para arrumar esse trabalho. Ou seja, o que o capital capitaliza não é apenas o poder social, mas também o poder maquínico. Ele é capaz de conectar, dentro de um sistema geral de equivalência, entidades que parecem ser radicalmente heterogêneas: bens materiais e econômicos, atividades humanas individuais e coletivas e processos técnicos, industriais e científicos. E a chave disso é que ele não apenas padroniza, compara, ordena e computadoriza essas áreas, mas em cada operação extrai o que Guattari chama de mais-valia maquínica de código:

[...] num caso extremo de um ramo da indústria totalmente automatizada, não há como dizer o que se tornou mais-valia. Se ficarmos rigorosamente presos nas equações marxistas, essa mais-valia desaparecerá, o que é um absurdo. Deveríamos atribuir apenas como trabalho maquínico? Por que não? Poderíamos estabelecer que uma fórmula de mais-valia maquínica corresponderia ao trabalho 'requerido' da máquina, além de sua manutenção e de seus custos de troca (GUATTARI, 2009, p. 250).

É através da valorização maquínica que o capitalismo se infiltra, não apenas nas máquinas materiais de produção econômica (indústrias, manufatura etc.),

---

<sup>19</sup> Como foi apresentado anteriormente com os cristais de um capitalismo em outros momentos históricos.

mas dentro dos maquinismos imateriais do trabalho, no coração de cada atividade humana (produtiva-improdutiva, público-privada, real-imaginária). Logo, um mercado latente dos valores maquínicos e dos valores do desejo é necessariamente adicionado, e sobredetermina qualquer mercado manifesto econômico de valores-trocas. Esse duplo mercado essencialmente desigual e de caráter manipulador de qualquer troca no contexto capitalista surge para: [i] conectar domínios heterogêneos e potências e poderes assimétricos; [ii] controlar os arranjos sociais do desejo, que são organizados de uma maneira a programar como os modos de sensibilidade, gosto e escolha de cada indivíduo deve ser.

Uma análise exaustiva de um capital implica, portanto, a consideração de componentes extremamente diversificados, relativos tanto às prestações mais ou menos monetarizadas (de ordem sexual ou domésticas, por exemplo), quanto as gigantescas transações internacionais, que sob pretextos de operações de crédito, de investimento, de implantações industriais, de cooperações não são, de fato, mais que afrontamentos econômico-estratégicos. Logo, quando se referencia o capital a um equivalente geral, ou moedas a sistemas de paridade fixos, se está desmascarando a natureza real dos processos de sujeição e servidão maquínica capitalistas, isto é, o emprego de relações de forças sociais ou microssociais, de deslocamentos de poder, de avanços e recuos de uma formação social em relação a outra, ou de atitudes coletivas de aceleração desenfreada do processo inflacionário.

### 1.2.1 TRABALHO MAQUÍNICO E TRABALHO HUMANO

O valor de trabalho depende de um fator quantitativo – o tempo de trabalho - e de um fator qualitativo - a qualificação média do trabalho. O segundo fator não pode ser circunscrito ao plano individual, porque uma performance de qualificação é inseparável de um ambiente maquínico particular, e porque sua competência é sempre dependente de uma instância coletiva de formação e de socialização. Marx fala de trabalho coletivo, que é o valor resultante de um cálculo feito a partir do trabalho social médio, donde se decompõe o valor em duas partes: da quantidade necessária de trabalho para produção e da quantidade de mais valor, isto é, a extorsão de um sobretrabalho não

remunerado pelo capitalismo. Ora, segundo Guattari, essa concepção da mais valor faz sentido numa prática contabilizável do capitalismo, mas não na indústria moderna. O trabalho coletivo não deve ser pensado como uma abstração, pois a força de trabalho sempre se apresenta por agenciamentos de produção concretos, mesclando as relações sociais aos meios de produção, junto com o trabalho humano e maquínico. O maquinismo levaria a um aumento do capital constante, o que significa menos lucro para o capitalismo, porém o fator do tempo é apenas um parâmetro para pensar a exploração, afinal disciplina, organização etc. podem ser igualmente importantes na produção de valor. São os agenciamentos complexos - relativos à formação, à inovação, às estruturas internas, às relações sindicais - que delimitam a amplitude de lucro capitalista e não apenas uma simples extração de tempo.

O próprio Marx havia percebido a defasagem entre as componentes maquínicas, intelectuais e manuais do trabalho. Na obra *Grundrisse* o autor escreve: “a criação da riqueza verdadeira [...] depende, antes de mais nada, do estado geral da ciência e do progresso tecnológico, aplicação desta ciência à produção” (GUATTARI apud MARX, 1985, p. 194). Se o tempo de trabalho desaparecer, o valor de troca também desaparecerá, porém, para Marx, isso coincidiria com as transformações sociais revolucionárias, e que a diferença entre horas-trabalho e horas lazer coincidiria com o controle do sobretrabalho pelas massas operárias. Todavia é compreensível ao capitalismo, de um lado, suavizar cada vez mais as medidas de tempo de trabalho, para, de outro lado, levar uma política de lazer e de formação mais aberta, a saber, quanto melhor o sistema colonizar os operários, invadindo suas noites, seus fim de semanas, melhor será o seu desempenho e maior o lucro obtido. O remanejamento do tempo de trabalho não criaria então uma sociedade sem classes, pelo contrário, ele dá a sensação de que não se pode mais escapar do capital, já que não há mais tempo livre cujo desfrute escape da produção de valor. Em suma, o capitalista não extorque apenas o tempo de vida, já que o processo qualitativo envolvido na produção de valor se torna bem mais complexo do que antes.

O trabalho aparentemente mais serial, por exemplo, empurrar a alavanca, exige conhecimento da língua, dos usos e costumes, dos



regulamentos, das hierarquias, controle dos processos da abstração progressiva, interações próprias dos agenciamentos produtivos: “O trabalho não é mais, se é que o foi algum dia, um simples ingrediente, uma simples matéria prima da produção” (GUATTARI, 1985, p. 195), ou seja, a servidão maquínica<sup>20</sup> que entra no trabalho nunca é quantificável, porém a sujeição subjetiva é, e essa é a função do capital. Ambos os problemas, um referente ao valor de trabalho, outro ao seu papel na mais-valia e a incidência da elevação da produtividade pelo maquinismo sobre a taxa de lucro estão intrinsecamente ligados. “O tempo humano é cada vez mais substituído por um tempo maquínico” (GUATTARI, 1985, p. 195). É o próprio homem que age como vigia e regulador, nada “entra nele”.

A produção automatizada e informatizada de base não extrai mais sua consistência de um fator humano de base, mas de um *phylum* maquínico que atravessa, contorna, dispersa, miniaturiza, recupera todas as funções, todas as atividades. Essas transformações não implicam que o novo capitalismo substitua completamente o antigo. O que há é uma coexistência, uma estratificação e uma hierarquização dos capitalismos de diferentes níveis: [1] de um lado, os capitalismos segmentários tradicionais, territorializados nos Estados-Nações e que secretam sua unificação a partir de um modo de semiotização monetária e financeira; [2] e, de outro lado, um capitalismo mundial integrado, que não mais se apoia unicamente no modo de semiotização do capital financeiro e monetário, pois se assenta, mais fundamentalmente, sobre todo um conjunto de procedimentos de servidão maquínico-técnico-científicas, macro e microsociais, e de meios de comunicação em massa, etc. A fórmula marxista da extração da mais valia está intrinsecamente ligada aos capitalismos segmentários, visto que ela não consegue explicar o duplo movimento de mundialização e de miniaturização, isto é, pensando, por exemplo, na automatização de quase todas as indústrias, para onde iria o mais valor? Pensar de maneira quantitativa não ajuda, pois a

---

<sup>20</sup> Acerca desse conceito *servidão*, Peter P. Pébert faz uma nota de tradução no livro de Maurizio Lazzarato, *Signos, Máquinas, Subjetividades*, esclarecendo que seu correspondente em francês é *asservissement* e que escolhera seguir a tradução feita em *Mil Platôs*, “servidão”. *Asservissement* tem um sentido duplo de que Guattari faz uso e que se perde no português: por um lado, designa o processo pela qual se transforma humanos em servos e, por outro, trata-se de um termo técnico da engenharia de automação e controle para designar sistemas de controle automáticos utilizados em diversos tipos de máquinas (LAZZARATO, 2014, p.90).

extração da mais valor adentra as fórmulas do capitalismo integrado. A exploração capitalista faz dos homens máquinas, porém ela não se limita a isso. São extraídos muitos outros mais valores, muitos outros lucros. Pode-se admitir que, nas atuais condições, à exploração se concerne aos agenciamentos maquínicos, tendo o humano e suas faculdades se tornando partes integrantes desses agenciamentos. Depois, com essa exploração absoluta, as forças sociais entram em luta pela partilha do produto maquínico.

Diferente do que pensou Marx, o capital foi capaz de se livrar de uma fórmula que o teria fechado num modo de quantificação cega dos valores de troca, isto é, da tomada de controle do conjunto dos modos de circulação e de produção dos valores de uso. À semiotização do capital se deu um número cada vez maior de meios para estar em condições de detectar, quantificar, manipular as valorizações concretas de poder e, com isso, proliferar. Não é um capital racional, é capital hegemônico, visto que não harmoniza as formações sociais, pois se acomoda pela força das disparidades socioeconômicas. É uma operação de poder, antes de ser de lucro. Ontem capital social de todo país, hoje capital mundialmente integrado; ele sempre se constitui por um movimento geral de desterritorialização de todos os campos da economia, das ciências e técnicas, dos costumes. Sua existência semiótica se insere sistematicamente no conjunto dos movimentos locais de desterritorialização técnicos e sociais que ele “diagramatiza” e reterritorializa nas formas de poder dominantes. Ainda na época que parecia estar unicamente centrado no lucro monetário, por atividades como comércio, indústrias, o capital já levava fundamentalmente e tinha uma política de destruição e reestruturação. O capital é o político, o social, o técnico-científico articulados uns aos outros e essa dimensão diagramática aparece cada vez mais no capitalismo estatal, como trampolim da mundialização do capital. Os Estados-Nações manipulam um capital multidimensional: massas monetárias, índices econômicos, quantidades de “alinhamento” dessa ou daquela categoria social, fluxos de inibição para manter as pessoas na linha.

Acontece uma espécie de coletivização do capital, porém, isso não significa degeneração, já que há enriquecimento contínuo de suas componentes semióticas que tomam o controle para além do trabalho assalariado e dos bens monetarizados, de uma infinidade de *quanta* de

poder antigamente circunscrito à economia local, doméstica e libidinal. A noção de empresa capitalista deveria se estender para os equipamentos coletivos, pois as máquinas de fábricas parecem trabalhar sozinhas, mas, na verdade, o conjunto da sociedade lhes é adjacente.

O que é normal é a inflação, não o equilíbrio dos preços, pois trata-se de ajustar as relações de poder em evolução permanente. A mais valia não mais se apoia no trabalho vivo e no trabalho cristalizado no seio dos meios de produção, mas em quatro agenciamentos irreduzíveis uns aos outros: [i] as formações de poder capitalistas que garantem propriedade, estratificações sociais, sendo o valor de um bem inseparável da credibilidade dos equipamentos repressivos de direito, política e certo consenso popular da ordem estabelecida; [ii] os agenciamentos maquínicos relativos às forças produtivas, constitutivas do capital fixo (máquina, fábrica, transporte, capital de conhecimento técnico-científico, técnicas de servidão maquínica; [iii] a força coletiva de trabalho e conjunto das relações sociais sujeitadas pelo poder capitalista: a força coletiva de trabalho pela perspectiva da alienação social: sujeitada à burguesia e fator de sujeição de outras categorias sociais (estamos no campo de relações de produção e relações sociais); e [iv] a rede de equipamentos, dos aparelhos de poder estatal e paraestatal e os meios de comunicação de massa: a rede ramificada na escala microssocial ao mesmo tempo que planetária, tornou-se essencial para o capital.

O capital, enquanto agente semiótico do conjunto das formações de poder, desenvolve uma cena desterritorializada onde irão evoluir esses quatro componentes, todavia, não se trata de uma representação, mas de uma atividade produtiva, visto que o capital toma parte da ordenação dos agenciamentos maquínicos e sociais. As funções diagramáticas - inscrições que não são exclusivamente representativas, mas também operatórias - acrescentam algo ao simples acúmulo. A elevação do nível de abstração semiótica gera uma descontinuidade entre uma classe e seus membros, que não é apenas lógica, mas maquínica, isto é, não opera unicamente a partir de fluxos de signos, mas com fluxos materiais e sociais: “De fato, a potência multiplicadora do diagramatismo próprio ao capital é inseparável do ‘dinamismo’ desterritorializante dos diversos agenciamentos concretos do capitalismo” (GUATTARI, 1985, p. 197). Essas articulações que Guattari analisa

acerca do capital, de como este mergulha em processos maquínicos e em agenciamentos complexos, abordaremos ulteriormente sob a perspectiva da servidão maquínica e da sujeição social, essa dupla-ação, dupla-pinça sobre qual o capital é antes operação semiótica de poder, do que de lucro.

### 1.2.2 O CAPITAL E AS FUNÇÕES DE SUJEIÇÃO SOCIAL E DE SERVIDÃO MAQUÍNICA

O exercício do poder por meio das semióticas do capital tem como particularidade proceder a partir do controle de cúpula de segmentos sociais e pela sujeição de todos os instantes de cada indivíduo. A subjetividade capitalista é individual, pois a sobrecodificação, pelo capital, das atividades, dos pensamentos, dos sentimentos humanos, acarreta a equivalência e a ressonância dos modos particularizados de subjetivação. O conjunto de valores do desejo é reorganizado numa economia fundada na dependência sistemática dos valores de uso em relação aos de troca. Passear livremente torna-se uma atividade quantificável, por exemplo. A ordem capitalista pretende impor que os indivíduos vivam unicamente num sistema de troca. Para que a sujeição social possa cobrar todo o campo social e precizar as menores disparidades, não poderia agir apenas do exterior, isto é, o mercado de valores age de dentro para fora e de fora para dentro, ao mesmo tempo.

No CMI, os poderes dos Estados-Nações constituem tudo e nada: nada sob a perspectiva de eficiência econômica e tudo aos olhos da modelização de controle social. O paradoxo é que, em certa medida, a própria rede dos aparelhos, equipamentos e burocracias de Estado tende a escapar do poder do último, pois a realidade do Estado tende a coincidir com as tecnoestruturas estatais e paraestatais que ocupam um lugar muito ambíguo nas relações de produção e de classe, pois controlam postos reais de direção, contribuem de maneira efetiva para a manutenção da ordem e, ao mesmo tempo, elas próprias são objeto de uma exploração capitalista. Marx considerava o professor do ensino fundamental como um trabalhador primário, visto que este preparava os alunos para trabalhar para os patrões. Porém, o professor se multiplicou na teia capitalista, não sendo apenas um trabalhador primário e se

tornando agenciamento coletivo de produção, o que não possibilita separar esses agenciamentos em esferas autônomas de produção material, social, modos de semiotização e de subjetivação, ou seja, o professor primário produziria dentro e entre todas essas esferas, pois elas não se diferenciam mais. Essa ambiguidade de produção do sujeito é encontrada também entre a produção e a repressão, o que caracteriza as tecnocracias nas massas operárias: os trabalhadores estão se trabalhando enquanto trabalham na produção de bens de consumo. Todos participamos da produção de controle e repressão, o indivíduo não para de trocar de papel e em todos os níveis do *socius* encontramos uma mistura inextricável de vetores de sujeição. Não são redes de aparelhos ideológicos, mas uma bela “megamáquina”, composta de uma multidão de elementos esparsos, que concerne não somente aos trabalhadores. Na base dos mecanismos de modelização da força de trabalho reencontramos uma rede maquínica tentacular dos equipamentos capitalísticos. O Estado está essencialmente ligado aos componentes do capital. Os espaços do capitalismo contemporâneo utilizam cada vez menos metrópoles, cidades industriais, relações de classes e burocracias do capitalismo segmentário, pois ele as confecciona em escala planetária tanto quanto em escala microssocial e microfísica. Entende-se, então, que o poder do Estado não possa mais se contentar com a dominação de cima, pois necessita da modelização e da recomposição do tecido social para reconfigurar suas fórmulas de hierarquização e segmentação: “O capitalismo mundial integrado está comprometido numa incontrolável e vertiginosa aceleração” (GUATTARI, 1985, p. 205).

As atualizações dos meios vão além dos maquinismos técnicos, ou seja, funcionam na base dos comportamentos perceptivos, sensitivos, afetivos, cognitivos dessa maquinaria capitalística, cuja parte “desterritorializada” invisível é a mais eficaz. A sujeição não somente acontece por um englobamento ideológico, mas, também, por um apoderamento interno das pessoas. A sujeição por imagens e ideias é apenas um aspecto de um sistema geral da servidão. Os indivíduos são equipados de modos de percepção ou de normalização do desejo, da mesma forma que as fábricas, as escolas, os territórios. A ampliação da divisão do trabalho em escala planetária implica não apenas a integração de todas as categorias sociais às forças produtivas, mas

ainda uma recomposição permanente, uma reinvenção desta força coletiva de trabalho. Segundo Guattari, o capitalismo, idealmente, gostaria de não mais lidar com seres humanos, mas somente com conjuntos maquínicos; seu objetivo é apagar, neutralizar todas as categorizações sociais fundadas em outra coisa que não sua axiomática de poder e seus imperativos tecnológicos.

Quando pensamos no nível sensitivo, afetivo, prático, a servidão maquínica capitalista é capaz de inverter seus efeitos e revelar uma mais-valia maquínica, já percebida por Marx. “O capitalismo pretende se apoderar das cargas de desejo que a espécie humana traz em si” (GUATTARI, 1985, p. 206) e é pela servidão maquínica que ele se instala no coração dos indivíduos. A servidão não coincide com a sujeição, pois, enquanto a sujeição engaja pessoas globais, representações subjetivas facilmente manipuláveis, a servidão maquínica agencia elementos infrapessoais, infra-sociais em razão de uma economia molecular do desejo, dificilmente segurada no seio das relações sociais estratificadas. Conseguindo, assim, colocar no trabalho funções perceptivas, afetos, comportamentos inconscientes:

Há servidão quando os próprios homens são peças constituintes de uma máquina, que eles compõem entre si e com outras coisas (animais, ferramentas), sob o controle e a direção de uma unidade superior. Mas há sujeição quando a unidade superior constitui o homem como um sujeito que se reporta a um objeto que deve exterior, seja esse objeto um animal, uma ferramenta ou mesmo uma máquina: o homem, então, não é mais componente da máquina, mas trabalhador usuário ..., ele é sujeitado à máquina, e não mais submetido pela máquina (DELEUZE&GUATTARI, 2012, p. 169)

A sujeição não é um regime mais humano, e a servidão parece remeter à formação imperial arcaica: os seres humanos ali não são sujeitos, mas peças de uma máquina que sobrecodifica o conjunto. O Estado moderno e o capitalismo promovem as máquinas e aqui estamos falando de máquinas técnicas: não mais se é submetido à servidão pela máquina técnica, mas, sim, pelo sujeitado.

Ao construir uma axiomática dos fluxos descodificados, o capitalismo aparece como uma empresa mundial de subjetivação. A sujeição social, como correlato da subjetivação, aparece muito mais nos modelos de realização da axiomática do que na própria axiomática, e é nos Estados-Nações que se

manifestam os processos de subjetivação e sujeições correspondentes. A axiomática por si mesma, que os Estados são modelos de realização, restaura ou reinventa, sob novas formas que derivam técnicas, todo um sistema de servidão maquínica. Não é um retorno à máquina imperial, mas uma reinvenção de uma máquina da qual os homens são partes constituintes, em vez de serem seus trabalhadores e usuários sujeitados. Se as máquinas motrizes constituíram a segunda idade da máquina técnica, as máquinas cibernéticas e da informática formam uma terceira idade que recompõe um regime de servidão generalizado: sistemas homens máquinas, reversíveis e recorrentes, substituem as antigas relações de sujeição não reversíveis e não recorrentes entre os dois elementos.

Na composição orgânica do capital, o capital variável se define por um regime de sujeição do trabalhador tendo por quadro principal a empresa ou a fábrica, porém, o capital constante cresce proporcionalmente cada vez mais; na automação, encontramos uma nova servidão, ao mesmo tempo em que o regime de trabalho muda e a mais-valia devém maquínica. O ponto de ação do poder não mais se reduz às noções clássicas de opressão e de ideologia,

mas a processos de normalização, de modulação, de modelização, de informação que se apoiam na linguagem, na percepção, no desejo, no movimento etc. e que passam por microagenciamentos. É esse o conjunto que comporta ao mesmo tempo a sujeição e a servidão, levadas aos extremos, como duas partes simultâneas que não param de se reforçar e de se nutrir uma à outra (DELEUZE&GUATTARI, 2012, p. 170).

Para explicar o que está em jogo nesse processo, Guattari e Deleuze nos dão o exemplo da televisão: somos sujeitados na medida em que fazemos uso dela e que a consumimos. Somos submetidos pela televisão como máquina humana na medida em que os telespectadores são não mais consumidores ou usuários, nem mesmo sujeitos, mas pelas componentes intrínsecas, entradas e saídas, feed-backs ou recorrências, que pertencem à máquina e não mais a maneira de produzi-la ou de se servir dela, mas de se fazer peça de máquina junto com ela, como se as movimentações pré-pessoais por ela causada fizesse o humano tornar-se máquina junto com ela, como parte da semiótica, que é contínua, e permanece sujeitando e produzindo mais peças de máquinas. Na servidão maquínica há tão somente transformações ou trocas de informações

das quais são mecânicas ou humanas e a sujeição se mede pelo modelo de realização, como a servidão se estende à axiomática efetuada no modelo: “Sujeição ou servidão formam dois polos coexistentes, antes que duas fases” (DELEUZE&GUATTARI, 2012, p. 171).

### 1.3 O CAPITALISMO MUNDIAL INTEGRADO

Segundo Guattari, a retomada da acumulação produtiva do capital nos anos de 1970 e a restauração dos mecanismos de comando passaram por uma reestruturação de poder: a integração do político e do econômico, do Estado e do capital foi total. Esse processo se desenvolveu em duas direções: primeiro, como integração transnacional, a nível mundial e sempre mais acentuada, das relações econômicas internacionais e de sua subordinação a um projeto de controle policêntrico e rigorosamente planejado: “Chama-se Capitalismo Mundial Integrado (CMI) esse comando que agrupa e exaspera a unidade do mercado mundial, submetendo-a a instrumentos de planificação, de controle monetário e de sugestão política com características estatais” (NEGRI&GUATTARI, 2017, p. 39). Adjunto a países metropolitanos, o CMI agrega países socialistas, além de dispor de instrumentos para absorção da economia de numerosos países do Terceiro Mundo. O comando estatal e os Estados-nações geram uma verdadeira desterritorialização, não se limitam a recompor fluxos e hierarquias dos poderes estatais em sentido tradicional, de acordo com novas formas de unificação, também geram funções estatais suplementares, que se expressam propriamente através de uma rede de organizações internacionais, de uma estratégia planetária dos meios de comunicação de massa, de uma rigorosa tomada de controle do mercado e das tecnologias. A expansão planetária e sua infiltração molecular se dão através de mecanismos que podem ser extremamente flexíveis e até mesmo assumir uma figura contratual.

Como condição de constituição da integração mundial, a reestruturação visa ao modo de produção e ao conjunto dos componentes da força coletiva de trabalho que se relacionam com ele. “A desterritorialização e a integração se tornaram possíveis fundamentalmente graças à informatização do social”



(NEGRI&GUATTARI, 2017, p. 40), logo a exploração é cientificamente articulada sobre toda a cena social e os mecanismos de formação do lucro podem ser controlados em sua articulação mais ampla. A cadeia de produção industrial e comercial se estende ao social, materialmente, ou seja, a sociedade não é somente subsumida pelo comando do capital, ela é completamente absorvida pelo modo de produção integrado. A concorrência é outra, apenas existe aquele que pode suscitar entre os trabalhadores e os diversos estratos da classe operária e do proletariado, já que torna possível para o CMI implementar dispositivos específicos de análise e controle das classes sociais, fazendo ruir as lutas ou pulverizando a sua potência onde o seu grau de politização é importante. Essa renovação das formas de comando pelo CMI caminha junto com a redefinição da extração de mais valor, ou seja, este é extraído agora através da informatização dos processos de trabalho, da difusão do controle social pelos meios de comunicação de massa e da integração subjetiva pelos equipamentos coletivos.

O capitalismo contemporâneo é mundial e integrado porque colonizou o conjunto do planeta, porque atualmente vive em simbiose com países que historicamente pareciam ter escapado dele (os países do bloco soviético, a China) e porque tende a fazer com que nenhuma atividade humana, nenhum setor de produção fique fora do seu controle (GUATTARI, 1985, p. 211).

O processo de extensão geográfica do Capital e de expansão sobre si próprio constitui o que Guattari chama de processo geral de desterritorialização, ou seja, o CMI não respeita mais modos de vida tradicionais, tampouco se importa com a organização social dos conjuntos nacionais que parecem estar estabelecidas, já que ele recompõe a produção e a vida social a partir da sua própria axiomática. Ele não possui nenhum programa definido, e face a uma crise é capaz de inventar novos axiomas funcionais. Sobre a desterritorialização, dessa recomposição permanente e dessa integração é que elas dizem respeito a um só tempo estruturas de produção e às formações de poder. Nessa parte do texto abordaremos o capitalismo mundial integrado por 3 perspectivas.

### 1.3.1 OS SISTEMAS DE PRODUÇÃO, DE EXPRESSÃO ECONÔMICA E DE AXIOMATIZAÇÃO DO CAPITAL MUNDIAL

Sobre os Sistemas de produção, consideramos, segundo Guattari, que não existe apenas uma divisão internacional do trabalho, mas uma mundialização da divisão do trabalho, uma captação geral de todos os tipos de atividade, inclusive os que formalmente escapam da definição econômica do trabalho. O CMI integra numerosos sistemas maquínicos e semióticos ao trabalho humano. O que se torna importante para um trabalhador, do quesito possuir valor, não é mais o tempo de trabalho, mas o tipo de performance maquínica que ele introduz no processo de produção, assim, as reivindicações dos sindicatos são compatíveis com a integração do capitalismo, ou seja, o trabalhador pode se dedicar à atividades não imediatamente produtivas, já que também estas são economicamente recuperáveis. A integração maquínica não só ocorre nos locais de produção, mas igualmente em todos os espaços sociais e institucionais. A revolução informática acelera consideravelmente o processo de integração que contamina igualmente a subjetividade inconsciente e a social. A integração maquínico-semiótica do trabalho humano requer, portanto, que seja considerada, dentro do processo produtivo, a modelização de cada trabalhador, não só pelo saber, mas pelos sistemas de interação com a sociedade e com seu ambiente maquínico.

A expressão econômica do CMI, seu modo de sujeição semiótica das pessoas e das coletividades, não depende unicamente de sistemas de signos monetários, bolsistas, econômicos, ou de aparelhos jurídicos relativos ao salariado, à propriedade, à manutenção da ordem pública. Apoiase igualmente nos sistemas de servidão maquínica. Os componentes semióticos do capital funcionam sempre com um duplo registro: a representação (onde os signos são independentes e à distância dos referentes econômicos) e o diagramatismo (onde os signos entram em concatenação direta com os referentes para modelar, programar, planificar os segmentos sociais e os agenciamentos produtivos). Assim, o capital é muito mais que uma simples categoria econômica, pois é uma categoria semiótica que se refere ao conjunto dos níveis de produção e ao conjunto de níveis de estratificação de poder.

A axiomatização do *socius* é caracterizada por três tipos de transformações: cerco, desterritorialização e segmentaridade. O cerco se define quando o capitalismo, depois de invadir todas as superfícies econômicas possíveis, não pode manter o impulso expansionista de suas fases coloniais e imperialistas. Isso o obriga a se recompor internamente o tempo todo, reconvertendo constantemente tanto os espaços econômicos e sociais, quanto os modos de controle e de sujeição do conjunto das sociedades humanas. Logo, a mundialização corresponde a um questionamento radical das bases. A expansão, os meios de crescimento, no CMI, trabalharam sobre as mesmas formações de poder, remanejando as relações sociais e desenvolvendo mercados cada vez mais artificiais, não só no campo dos bens, mas também no das informações e dos afetos. “O que caracteriza a atual crise - que no fundo não é uma crise, mas uma gigantesca reestruturação - é precisamente essa oscilação entre involução de um certo capitalismo exangue e uma tentativa de reconversão em bases radicalmente diferentes” (GUATTARI, 1985, p. 214). O CMI tem que assumir suas finitudes e sua necessidade permanente de redefinir permanentemente seus campos de aplicação e para sair desse impasse, e, para isso, está disposto a liquidar seus próprios sistemas que pareciam estabelecidos, no nível da produção e dos compromissos sociais. Observa-se, portanto, o fim dos capitalismo territorializados, dos imperialismos expansionistas e a transição para imperialismos desterritorializados e intensivos. Trata-se de uma integração que não é incompatível com a diversidade de regimes políticos; a desterritorialização do capitalismo em si próprio é o que Marx chamou de “expropriação da burguesia pela burguesia”. O CMI não possui centro único, seus centros de decisão estão espalhados pelo planeta e eles são engrenagens de poder que se escalonam em todos os níveis da pirâmide social. O CMI instaura sua própria democracia interna, não impõe decisões, porém, através de mecanismos complexos, consulta o conjunto das esferas econômicas e dos segmentos sociais. E essa negociação não é mais apenas política, pois põe em jogo sistemas de informação e de manipulação psicológicas em larga escala, por meio de comunicação em massa e de sondagens.

A degenerescência das antigas localizações concêntricas de formações de poder e das antigas hierarquias sociais não é compatível com sua manutenção parcial e mesmo seu fortalecimento, afinal, o poder do CMI é sempre descentralizado em benefício de mecanismos de desterritorialização e é por isso que parece impossível cercá-lo, mirá-lo ou atacá-lo. Guattari encontra aí um sistema geral de segmentaridade que, não estando mais em fase expansionista, precisa se reinventar nos mesmos espaços. Uma vez que seu crescimento segundo o modelo de centro e periferia está comprometido, sua questão é inventar novos métodos de hierarquização do *socius*. Para manter a consistência da força de trabalho, ele precisa fazer coexistir zonas de superdesenvolvimento, zonas de subdesenvolvimento e verdadeiras zonas de empobrecimento, pois é entre esses extremos que a disciplinarização da força coletiva de trabalho, o cerco e a segmentarização dos espaços mundiais podem instituir-se. É por meio da desterritorialização de sua multicentragem e de suas técnicas de integração que o capitalismo consegue então manter juntos todos esses segmentos, ultrapassar as disparidades que institui e dominar os mais diversos sistemas sociais. Para Guattari, essa redefinição permanente dos segmentos sociais não se refere unicamente a questões econômicas, pois ela interfere, também, nas áreas mais individuais e inconscientes da vida social, sem que seja possível estabelecer uma ordem de causalidade unívoca entre os níveis planetário e molecular.

### 1.3.2. AS NOVAS SEGMENTARIDADES DO CAPITALISMO MUNDIAL INTEGRADO

Começamos tratando da segmentaridade transnacional. O antagonismo Leste-Oeste tende a perder sua consistência, visto que o essencial das contradições se localiza agora no eixo Norte-Sul, tornando claro que o CMI busca assegurar o controle de todas as zonas, inclusive das zonas norte e sul de cada país. O Terceiro Mundo (especialmente em regiões de produção de petróleo, onde se observa certo desenvolvimento econômico ao mesmo tempo em que se registra o empobrecimento de parte da população) se tornou um dado essencial da situação atual. Não mais parece pertinente pensar a contradição entre o capitalismo transnacional e o nacional, ou seja, as

contradições internacionais se organizam entre si, se cruzam, desenvolvem combinações regionais complexas que não se resumem à cisão Norte-Sul, Leste-Oeste etc. As contradições se proliferam como rizoma multidimensional, incluindo traços, singularidades geopolíticas, históricas, religiosas etc.

Assim, aparece uma nova segmentaridade europeia. O antagonismo é fagocitado, não mais existindo o fascismo tal que vigorou antes da Segunda Guerra. Pelo contrário, há uma evolução para um sistema de democracia autoritária de um novo tipo. No nível molecular, encontramos encontramos dois tipos de conflitos nos espaços capitalistas: [i] as lutas de interesses, econômicas, sociais, sindicais no sentido clássico e [ii] as lutas relativas às liberdades, novos questionamentos da vida cotidiana, do ambiente, do desejo (algo que pode ser chamado de revolução molecular). As lutas de interesses continuam portadoras de contradições, algo que, na falta de estratégia global, dá margem à integração pela axiomática do CMI. Porém, no quadro das lutas moleculares, algo muda, pois nos ambientes aparentemente bem controlados há uma guerra social bacteriológica, algo que não se delimita segundo frentes claramente delimitadas, mas sob uma forma de perturbação molecular difícil de apreender.

Múltiplos vírus deste gênero já trabalham o corpo social na sua relação com o consumo, com a produção, com os meios de comunicação, com a cultura (recusa ao trabalho em sua forma atual, questionamento da vida cotidiana, contestação do sistema de representação política, rádios, livres etc.) (GUATTARI, 1985, p. 220).

A reestruturação capitalista não ocorre através de leis racionais, ela não é científica, “ é essencialmente repressiva” (GUATTARI, 1985, p. 43). A informatização social é inseparável de sua automação e de sua militarização. As zonas de importância estratégica, os circuitos de reprodução que suportam a vida e a luta são cada vez mais controlados, esquadrihados e, se for o caso, reprimidos, preventivamente, de modo que o tempo da vida se encontra estreitamente esmagado sob o tempo militar do capital. O tempo do capital ou sua capacidade de traduzir qualquer sequência da vida em termos de troca e de sobredeterminação com a urgência e a necessidade das operações de quantificação econômica e de comando político. É isso que possibilita a reestruturação das funções tradicionais do Estado e a expansão indefinida

destas sobre os gestos, a sensibilidade e os espíritos: “Tudo é implementado para controlar os tempos singulares da vida, para reduzi-los aos tempos capitalísticos, sob a ameaça da aniquilação do ser” (GUATTARI, 1985, p. 43).

É antes de tudo sob o terror que são paralelamente implementadas a integração do capitalismo mundial e a reestruturação informática da produção social, quando o Estado nuclear se torna a figura central do CMI, pois é sobre ele que se apoia o inventário de meios de aniquilação que fornecem uma armadura à ordem capitalística. A intimidação e a ameaça se difundiram em todos os poros do *socius* e conferiram aos poderes do CMI a capacidade de controlar os tempos independentes e criativos da vida e de transcrevê-los nos tempos da exploração social – sendo o ideal, quanto a isso, aceitar passivamente a miséria e a impotência política. A integração das subjetividades é forçada, sob a golilhas políticas e econômicas instauradas pelo Estado e pelo capital: “a forma última dessa integração repousa sobre a possibilidade de anular a existência da espécie humana” (GUATTARI, 1985, p. 45). No CMI, todos somos assujeitados porque já não podemos localizar o poder.

A reação capitalista integra o mercado mundial através de um projeto de exploração do trabalho e de controle político que evolui de maneira homogênea. A transição ocorre na época nixoniana nos assuntos monetários e na política internacional. Entre 1971 e 1973, uma série de operações deram forma política à rede de exploração das multinacionais já implantadas no mercado mundial: a ascensão do dólar e a crise do petróleo articulam as regras de organização do trabalho e da hierarquia produtiva no plano internacional. É sobre isso que se desenha a cartografia política efetiva de exploração a nível mundial: a integração capitalística determina certas polaridades fundamentais em torno das quais se movem subsistemas dependentes, que rompem parcialmente com as hierarquias de poder e sobrecodificam as lutas de liberação e de classes, o que permite operações de remanejamento por grandes zonas.

No interior desse complexo jogo de sistemas multicêntricos, que desarticula os fluxos de luta e opera desestabilizações e estabilizações estratégicas, consolida-se um modo de produção transnacional. Pelas nervuras

desses conjuntos sistêmicos se encontra a imensa iniciativa de produção de subjetividade informatizada que regula as redes de dependência e os processos de marginalização. O proletariado dos países desenvolvidos vê e se aterroriza com o que o CMI impõe aos países marginalizados. Se um dia fosse necessária a investigação sobre o ponto semi-central do controle da vida das pessoas, este seria encontrado na produção e organização do trabalho, na assustadora voracidade capitalística que estrutura a produção de mais valor em escala mundial e escraviza pessoas no quadro de integração informática e midiática.

As estratégias de terror e de repressão são cada vez mais transversais<sup>21</sup>, o mundo se transformou num labirinto em que qualquer um pode sentir o sabor das opções destrutivas dos poderes multinacionais. Porém, não é apenas nos campos terrestres, aéreos e marítimos que se dá a guerra do CMI contra a sociedade, mas, também, no conjunto dos âmbitos civis, sociais, econômicos etc. por redes transversais variadas dos operadores de poderes inimagináveis e no seio das políticas nas quais estão interligadas as multinacionais, as máfias, os complexos industriais-militares, os serviços secretos etc. Todos os golpes são permitidos para a axiomática capitalista: especulações, rapinas, desestabilizações, chantagens, deportações, genocídios. Todas essas modalidades se inscrevem num interior do mesmo *continuum* de integração da informação, do comando e do lucro.

O mecanismo de controle temporal e espacial das lutas, implementado ao longo dos anos 1970, durante a reestruturação do modo capitalista de produzir, investiu nas novas figuras das classes sociais, onde a direita venceu. O CMI conseguiu institucionalizá-la e usá-las como motor da reestruturação. Os instrumentos para esse quadro de integração institucional residem na capacidade de implementar sistemas transnacionais de concorrência entre setores de classe; no uso de políticas monetárias deflacionárias que aumentam o desemprego; na reconversão da política de *welfare State*. Essa reestruturação confrontou as novas subjetividades revolucionárias, obrigando-as a interiorizar

---

<sup>21</sup> “A transversalidade é uma dimensão que pretende superar os dois impasses, o de uma pura verticalidade e o de uma simples horizontalidade; ela tende a se realizar quando uma comunicação máxima se efetua entre os diferentes níveis e sobretudo nos diferentes sentidos” (GUATTARI, 1985, p. 96).

a sua consistência potencial e a passar pela cisalha dos sistemas de controle tecnológico e pelo esquadrinhamento de equipamentos coletivos cada vez mais sofisticados: “a chantagem da morte é a única lei do valor que o capitalismo conhece atualmente” (GUATTARI, 1985, p. 57).

A partir de 1970, o capitalismo faliu em termos de progresso social, de gestão coerente das relações econômicas e sociais em escala internacional, e de impulsão nas esferas vitais da criação tecnocientífica. Revelou-se como um sistema de terror e de repressão irracional que atravanca o desenvolvimento de agenciamentos coletivos de produção e inibe os movimentos de valorização e capitalização das riquezas que eles engendram. O mercado mundial, longe de responder aos princípios do liberalismo, é um instrumento de subdivisão da pobreza e da morte, urdimento da marginalização e do disciplinamento sustentado pelo terror nuclear.

Nesse capítulo apresentamos a filosofia de Guattari como armamento para pensarmos, no próximo, a farmacopornografia de Preciado. Trata-se de perguntar como a mundialização analisada por Guattari é abordada por Preciado segundo processos sutis de micro-penetrações . Preciado se beneficia da abordagem do CMI para pensar um capital narcoticamente ejaculatório, isto é, para explicitar o surgimento de uma espécie de axiomática do capital ejaculatório. Sustentamos a hipótese de que quando Preciado formula a farmacopornografia, ele constrói uma axiomática do capital, todavia, um capital que, sob suas formas semióticas da servidão maquínica e da sujeição social, produz a subjetividade sexual e seus processos de cognição e de desejo. Em outras palavras, defendemos que, por meio da desterritorialização ocasionada pela informação e pela cibernética (algo que Guattari não previu) acontece, segundo o autor espanhol, a extensão fármaco-pornográfica da axiomática do Capital.



## 2 MUDANÇA DE UM PARA OUTRO

Em *Revolução Molecular*, Guattari afirma que o capital opera por diferentes fluxos para organizar a produção, ou seja, dependendo menos do tempo de trabalho e mais dos avanços tecnológicos e dos dispositivos que possibilitam o trabalho. O capitalismo, num sentido geral e em estado de ninfa, sem ter alcançado as escalas planetárias e totalizantes do CMI, não compra força de trabalho, mas o poder sobre os agenciamentos produtivos (GUATTARI, 1985, p. 67-68). Tendo isso em vista, nesse momento da dissertação, adentraremos na colagem dos mapas preciadianos e guattarianos de modo a explorar a farmacopornografia de Preciado, onde a pornificação do trabalho<sup>22</sup> gera seus próprios agenciamentos coletivos para a produção, extração e modelização da *potentia gaudendi*.

Guattari escreve não tendo a premonição de que uma filosofia preciadista apareceria, mas talvez ele possa ter conjurado<sup>23</sup> Preciado, pressentindo que haveria uma atualização de sua utilização de experimentação. Guattari possui apenas pequenos escritos sobre droga, ou fármaco, todavia, como será abordado a seguir, sua dança sobre a utilização da droga e do “junkie” ou do “doping”, pode fazer rizoma com o fármaco preciadiano, como mostra em um vídeo<sup>24</sup> no qual o francês aborda “a questão da droga”, além do platô VI, capítulo onde, em conjunto com Deleuze, ele experimenta a produção de um Corpo sem Órgãos drogado; porém, nesse platô, ainda que a droga esteja presente, seus limites e conexões ainda são vagos.

O autor francês escreve um pequeno texto, intitulado *Machinic Junkies*, texto esse no qual ele expande sua conceituação do que pensa ser a “droga”. Ele inicia alargando o significado geralmente utilizado: “Em minha opinião, todos mecanismos produtores de uma subjetividade ‘maquínica’, tudo o que contribui para a sensação de pertencer a algo, de estar em algum lugar, junto à sensação de esquecer algo, são drogas” (GUATTARI, 2009, p. 158), ou seja, a

---

<sup>22</sup> Conceito esse que abordaremos no decorrer do capítulo.

<sup>23</sup> “Conjurar é antecipar [...] para dar sentido positivo à ideia de um ‘pressentimento’ de algo que não existe ainda, é preciso mostrar como o que não existe já age sob uma outra forma que não aquela de sua existência” (DELEUZE&GUATTARI, 2012, p. 130).

<sup>24</sup> <https://www.revue-chimeres.fr/La-question-de-la-droque-1985> acessado em 19/02/2021.

droga parece ser conceitualizada como uma vetorização maquínica constituinte de subjetividades. Dessa experiência, apenas as superfícies são visíveis: músicas de *rock*, pilotos de veículos ultrarrápidos etc., pois a dimensão subjetiva não está necessariamente em relação com a prática em questão. Dopar-se<sup>25</sup> e usar drogas (substância químicas) são imediatamente análogos? Não necessariamente, mas se pensamos no alargamento da droga e das práticas produtoras de hormônios da felicidade, então o dopar-se abrange um espectro maior. Guattari utiliza dois exemplos: o do anorético que se comporta exatamente como um *junkie* viciado em heroína e o sadomasoquista, cuja paixão o faz produzir endorfinas, a satisfação pela dor-prazer. São maneiras de *ser*, de pessoalmente *se* encarnar, enquanto o chão da imagem existencial se borra.

Uma “máquina droga” ou gera euforia coletiva ou opressão gregária. A televisão, por exemplo, reterritorializa o indivíduo que chega em casa exausto após um dia de trabalho, através de meios totalmente tradicionais. Para Guattari, há dois meios de acesso ao processo de *doping* contemporâneo: um estúpido, de repetição, e outro de intervenção de processos “maquínicos”. O *doping* maquínico funciona a favor de um retorno ao individual, mas parece, no entanto, indispensável para a estabilização subjetiva das sociedades industriais: “se você não tem pelo menos essa recompensa, você realmente não tem nada” (GUATTARI, 2009, p.160). Formações subjetivas concatenadas por *doping* podem ou fazer as coisas se moverem ou podem matar lentamente e, por detrás disso, há possibilidades para criação, mudanças de vida e revoluções científicas, econômicas e, até mesmo, estéticas. “Novos horizontes ou nada” (idem, p.161).

O uso maquínico da droga possui uma semelhança com o uso rizomático do “fármaco”, quando Preciado o pensa como o medicamento/veneno que se introduz no corpo físico e no discurso com toda a sua ambivalência: ele é substância e é antissubstância, pois é aquilo que se excede indefinidamente, como não-identidade, não-essência, não-substância: “o *pharmakon* consiste propriamente em certa inconsistência, em certa

---

<sup>25</sup> “Dopar” seria a tradução de *doping*. Utilizo o mesmo vocabulário que Guattari, todavia pode haver outra tradução do inglês, tal como “drogar-se”.

impropriedade” (TJ, p. 157). Quando, anteriormente, mencionei o pressentimento de Guattari acerca de Preciado, explicitarei-o com o conceito de “*junkie* maquínico”, visto que o autor francês estende o conceito de droga quando o põe num processo maquínico, tomando-a como chave também para o processo de estabilização subjetiva necessária para as sociedades industriais e mostrando como a droga possui limites para além da introdução ou incorporação bioquímica.

Em *Testojunkie*, Guattari é citado em muitos momentos<sup>26</sup>, ou seja, a conjuração do nosso trabalho é que há uma colagem dos mapas preciadianos e guattarianos, ressaltando não apenas a importância de Guattari para Preciado, mas pondo em evidência como o primeiro traçou linhas múltiplas constituintes de outras teorizações e outras fabricações de subjetividades. Nosso capítulo inicial, foi uma espécie de explanação e um uso do Capitalismo Mundial Integrado, sem nenhum intuito de esgotar o tema, tentando tomar dos textos componentes pontos de fricção e encruzilhadas. Toda essa necessidade de peso epistemológico advém de que o rizoma dos universos semânticos não aparece à luz da lógica de maneira imediata, isto é, falamos de Guattari, abordamos seu capitalismo e, supostamente, seguiríamos para o capitalismo preciadiano com todas suas axiomáticas pornográficas. Todavia, os pontos são talvez mais complexos que apenas uma pequena aproximação, então, talvez, contrários à linearidade de um trabalho que se pretenderia filosófico e sistemático, nada de atribuições finais serão marcadas.

## 2.1 PAUL

A obra *Testojunkie* não contém apenas os argumentos de Preciado acerca do capitalismo farmacopornográfico; ela é um “protocolo de intoxicação voluntária a base de testosterona” (TJ, p. 13), um mapeamento dos duzentos e sessenta e cinco dias de uso de biomoléculas, cuja mutação, além da subjetividade, se dá também na releitura de clássicos, nas páginas que cruzam teorias, afetos e moléculas. Esse livro, então, mais que uma autobiografia, é um experimento de auto ficção política: “registram-se, aqui, tanto as micromutações fisiológicas e políticas provocadas pela testosterona [...] quanto

<sup>26</sup> PRECIADO, P.B. *Testojunkie*, Editora n-1, São Paulo, 2018, p. 146, 152, 396, 417; essas são citações na qual Preciado cita Guattari em suas obras sem Deleuze.

as modificações teóricas suscitadas nesse corpo pela perda, pelo desejo, pela exaltação, pelo fracasso” (idem). Essa ressalva do próprio autor, que se encontra antes do primeiro capítulo, parece ser uma provocação anterior às que acontecerão no próprio texto; sua obra será transpassada, transversalmente confrontada por uma experimentação e por uma filosofia coletiva a qual faz rizoma com as múltiplas técnicas de subjetivação pelas quais a vida se faz. A filosofia, como perambulação, diálogos, escrita, foi para o mundo grego o que o disparo é para a sociedade ocidental pós-fordista, ou seja, numa temporalidade em que a escrita e as rodas eram as técnicas básicas, a filosofia tinha primazia na produção de subjetividade; mais tarde, porém, com os aparatos elétricos de controle do corpo e de vigilância da alma, inaugura-se uma nova era da filosofia, como “abuso de si”, e, por fim, “depois da bomba atômica, da guitarra elétrica, da transmissão de ondas telegráficas e cibernéticas, do contágio viral, [...] a filosofia se torna uma forma de ecologia farmacopornográfica” (TJ, p. 419).

Nesse trabalho, passaremos por diversos Preciados, tanto pelos múltiplos que há em *Testojunkie*, quanto pelos outros que compõem suas outras obras, especialmente *Manifesto Contrassexual*, *Pornotopia* e *Um Apartamento em Urano*, respectivamente. As chaves de análise que utilizo são os conceitos de Dildo, tecnologia de gênero, prótese e a inspeção de como eles mutam ou são colocados quando se pensa a farmacopornografia. Começamos então pela instauração da farmacopornografia, pois, ainda que esta apareça cronologicamente depois na obra preciadiana, isto é, em *Testojunkie*, a discussão sobre a subjetividade farmacopornográfica pede pela sua correlação com o modo de produção capitalista referente, seguindo a maneira como pensam Deleuze e Guattari, ou seja, as análises prostéticas da subjetividade contrassexual apenas existem na concepção do capitalismo farmacopornográfico, na versão ejaculante do capitalismo pós-fordista. Nos três autores, a discussão sobre a subjetividade sempre é paralela ao estudo do modo de produção capitalista, ou seja, de como este agencia os fluxos de subjetividade em função da produção de capital.

Preciado parte do conceito de pós-fordismo, termo utilizado pelos estudiosos da contemporaneidade para marcar as transformações nas linhas

de produção fordista, isto é, da indústria automobilística que sintetizou e definiu um modo específico de produção e de consumo, a organização temporal taylorista da vida caracterizada por uma estética policromada e lisa do objeto inanimado, e por um conflituoso rearranjo do corpo e da máquina, e um consequente modo descontínuo de desejar e resistir. Porém, esse auge de produção chega ao declínio com a crise energética, que, por consequência, obriga à procura por outros setores em crescimento na economia global: indústrias bioquímicas, eletrônicas, informáticas como suportes industriais do capitalismo; mas, para Preciado, essas confabulações não são o bastante para explicar a produção de valor agregado e a metamorfose da vida na sociedade contemporânea, pois seria possível um mapeamento das transformações industriais no último século, utilizando como norte a gestão política e técnica do corpo, do sexo, da sexualidade e da subjetividade. É essa análise que será denominada de somatopolítica da economia mundial.

Nesse ponto, gostaria de trazer à tona o conceito de *contrassexualidade*, fazendo rizoma e mapeando a própria conceituação do autor, visto que ainda que a *contrassexualidade* seja mais uma artimanha para pensar as subjetividades dessa somatopolítica da economia mundial, seu uso é uma dupla-pinça, um dildo de dupla penetração. Façamos colagem dos mapas semióticos: a contrassexualidade aparece na primeira obra de Preciado, *Manifesto Contrassexual*, como uma espécie de ontologia, “em segundo lugar, a contrassexualidade aponta para a substituição do contrato social que denominamos Natureza por um contrato contrassexual” (MC, p. 21), ou um plano de imanência, uma dildotectônica, com seus agenciamentos maquínicos, operados pelos cortes e acoplamentos dos dildos nos tecno-corpos. Esses conceitos serão perpassados ao longo desse trabalho, não nos contentaremos com ejaculações precoces.

Com o apelo ao plano, fazemos referência à instauração de planos de imanência e à criação de conceitos, os quais Deleuze e Guattari tratam conjuntamente em suas obras. A filosofia teria dois aspectos complementares: criar conceitos e traçar planos, pois “o plano é como um deserto que os conceitos povoam sem partilhar. São os conceitos mesmo que são as únicas regiões do plano, mas é o plano que é o único suporte dos conceitos”

(DELEUZE&GUATTARI, 2010, p. 47). O plano<sup>27</sup> é uma imagem do pensamento, imagem que ele se dá do que significa pensar ou fazer uso do pensamento. Então, o que estamos chamando de plano da contrassexualidade é a constituição do pensamento como movimento infinito, é por onde os traços intensivos são poluídos pelos conceitos, e é nessa imanência que passaremos pelo dildo e pelas tecnologias de gênero. Nesse outro plano, os corpos não se reconhecem dentro de uma identidade sexual fechada, determinada naturalmente; são apenas corpos falantes com possibilidades de aceder a todas as práticas significantes e posições de enunciação. A *Contrassexualidade* é derivada da noção de contraprodutividade foucaultiana, referindo-se às produções positivadas de prazer-saber alternativas às sexualidades das sociedades liberais, indo pela via, não da repressão, mas das outras múltiplas maneiras de produzir subjetividades. Então, estamos sobrevoando agenciamentos em busca de outras práticas de montar o corpo e a subjetividade sexual, de uma maneira negativa de descodificação da naturalização dessas práticas e do sistema de gênero, e, de uma maneira positiva, afirmamos a equivalência dos corpos falantes. O campo da *contrassexualidade* não opera por sistemas binários como homem/mulher, masculino/feminino., pois as práticas e as “identidades”: “não passam de máquinas, produtos, instrumentos, aparelhos, truques, próteses, redes, aplicações, programas, conexões, fluxos de energia e de informação, interrupções e interruptores, chaves, equipamentos, formatos, acidentes, detritos, mecanismos...” (MC, p. 23)<sup>28</sup>.

Para Preciado, “A história da humanidade se beneficiaria se fosse rebatizada como ‘história das tecnologias’, sendo o sexo e o gênero dispositivos inscritos em um sistema tecnológico” (MC, p. 23). Sendo assim, a *contrassexualidade* tem por objeto de estudo as transformações tecnológicas dos corpos sexuados e generificados, logo o sexo, como órgão e prática, é para ela uma tecnologia de dominação heterossocial que reduz o corpo a zonas erógenas em função de uma distribuição assimétrica de poder entre os

---

<sup>27</sup> Estamos nos referindo a obra *O que é a Filosofia?*, última obra conjunta de Deleuze e Guattari.

<sup>28</sup> Já no *Manifesto Contrassexual* vemos uma ergonomia, ou seja, a subjetividade enquanto um agenciamento maquínico onde todas essas peças e próteses compõem.

gêneros, fazendo coincidir certos afetos com determinados órgãos, certas sensações com determinadas reações anatômicas. Anteriormente mencionei que a contrassexualidade expressava também outra ontologia, pois a natureza aqui é efeito de tecnologia social que reproduz nos corpos, nos espaços e nos discursos a equação natureza = heterossexualidade, onde esse sistema heterossexual é um dispositivo social de produção de feminilidade e masculinidade, o qual opera por divisão e fragmentação do corpo. Esse processo de divisão dos sexos seria uma operação tecnológica de redução que consiste em extrair determinadas partes da totalidade do corpo e isolá-las para fazer delas significantes sexuais.

“A tecnologia social heteronormativa pode ser caracterizada como uma máquina de produção ontológica que funciona mediante a invocação performativa do sujeito como corpo sexuado” (MC, p. 28): o gênero é, então, algo prostético, que não se dá senão na materialidade dos corpos, aparecendo como resultado de tecnologias sofisticadas que fabricam corpos sexuais. O mecanismo de produção sexo-prostético que confere aos gêneros binários (homem e mulher) seu caráter sexual-real-natural é, contudo, um maquinário que também produz falhas, visto que o maquinismo opera por corte e fluxo. Ou seja, são produzidas daí diversas corporizações, dentro ou não do maquinário sistema heterossexual, por exemplo, com a tomada e o manuseio das tecnologias sociais, outros corpos e subjetividades resultam: travestis, sapatões, viados, transviados etc., as quais são “brincadeiras ontológicas, imposturas orgânicas, mutações prostéticas, recitações subversivas de um código sexual transcendental falso” (MC, p. 31). E, em conjunto e como parte da tomada das tecnologias de gênero, a reconquista do cu, do ânus, é uma forte ação contrassexual, visto que ele é o primeiro órgão a ser controlado, este cuja naturalização se realiza por sua privatização. O cu apresenta três características fundamentais que o transformam no centro transitório de um trabalho de descodificação contrassexual: [i] é o centro erógeno universal situado além dos limites anatômicos e para além das divisões pau-buceta; [ii] é uma zona primordial de passividade, um centro produtor de excitação e de prazer que não consta nos manuais orgásticos; [iii] constitui um espaço de trabalho tecnológico, por ser uma fábrica de reelaboração do corpo

contrassexual pós-humano: “Pelo ânus, o sistema tradicional da representação sexo/gênero vai à merda” (idem).

Antes de retornar à farmacopornografia, gostaríamos de afirmar que a *contrassexualidade*, como um plano de imanência, diz respeito menos sobre colocar Preciado como uma herança de Guattari, como aquele que se utiliza do arsenal conceitual disponível, e mais sobre como este perverte realmente o conceito de plano de imanência, pelo qual traça coordenadas de organização do corpo sexual. Segundo Preciado, as tecnologias produzem as subjetividades, ou seja, o capitalismo farmacopornográfico é uma perspectiva microscópica e informacional desse plano que, na contemporaneidade, produzir as identidades e as utiliza como os produtos primeiros da produção, e, além disso, explorado de maneiras que Guattari, talvez, não teve tempo de observar.

A transição econômica situada, não nos anos de 1970, mas nas ruínas urbanas, psíquicas, fisiológicas e ecológicas da Segunda Guerra Mundial, aparece como o momento no qual surge um novo tipo de “governo do ser vivo”, baseado nas mudanças que não apenas tornam o “sexo, o “gênero”, a “sexualidade”, a “identidade sexual” e o “prazer” objetos de gestão política, algo que não é novo, mas em que se transforma a própria gestão, orientada, a partir daí, por novas dinâmicas da mídia global e das biotecnologias. “Durante a Guerra Fria, os Estados Unidos investiram mais dólares na pesquisa científica sobre sexo e sexualidade do que qualquer outro país ao longo da história” (TJ, p. 27), ou seja, com a guerra, o melhor laboratório para moldar o corpo, o sexo e a sexualidade, a partir de 1930, inicia-se a aplicação de vigilância e de biotecnologias para governar a sociedade civil. Ao longo desse momento do texto, o autor traz algumas evidências de como as noções citadas acima foram objetos de investigação e incentivo, tais como a invenção dos hormônios e o desenvolvimento de biomoléculas sintéticas para modificação das identidades patológicas, assim como a visibilidade das mulheres e da homossexualidade em espaços públicos, como o próprio exército norte-americano. É nesse momento que John Money cunha o termo “gênero”, diferenciando-o de “sexo”, e que a pílula anticoncepcional surge como a primeira técnica bioquímica capaz de separar a heterossexualidade da prática de reprodução, além de



anos depois se tornar a molécula farmacêutica mais usada na história da humanidade.

Todos esses fatos, logo, aparecem como presságio de um novo tipo de capitalismo, cujo interesse na mutação e na produção da subjetividade sexual é catalisado pelas novas técnicas bélicas, biotecnológicas e cibernéticas:

Somos confrontados com um novo tipo de capitalismo: quente, psicotrópico e *punk*. Essas transformações recentes impõem um conjunto de dispositivos microprostéticos de controle da subjetividade por meio de novos protocolos técnicos biomoleculares e multimídia (TJ, p. 36).

Com a economia agora dependendo da produção e da circulação interconectada de centenas de toneladas de esteroides sintéticos e órgãos, fluidos e células tecnicamente modificados, da elaboração e distribuição de novas variedades de psicotrópicos de novas variantes de psicotrópicos sintéticos legais e ilegais e do fluxo de sinais e circuitos digitais de informação, pode-se afirmar que se está frente ao surgimento de um regime pós-industrial, global e midiático que Preciado chama de *Farmacopornográfico*, onde *fármaco* se refere aos processos de governo biomolecular e *porno*, ao governo semiótico-técnico da subjetividade sexual. É um capitalismo que difere das premissas de penalização de toda atividade sexual sem fins reprodutivos e que, ao contrário, incita a masturbação para a obtenção de capital através da regulação multimídia em escala global. Com o surgimento de novos materiais sintéticos para o consumo e reconstrução do corpo, a comercialização farmacológica de substâncias endócrinas para separar heterossexualidade e reprodução e a transformação da pornografia em cultura de massas, a “esse capitalismo interessam os corpos e os prazeres” (MF, p. 119). É uma sociedade povoada de subjetividades toxicopornificadas que se definem por e se abastecerem de próteses cibernéticas e de vários tipos de desejos farmacopornográficos: sujeitos-acoplamentos e corte, fluxos maquínicos toxicomaníacos e duplo-penetrativos, uma “hipermodernidade *punk*” (TJ, p. 38) em que não há segredos da natureza metafísica da subjetivação, em que os processos tecnológicos, políticos e culturais assim aparecem: “não há o que descobrir no sexo [...]; não há interior. A verdade sobre o sexo não é uma revelação; é *sexdesign*” (idem). A grande produção desse capitalismo não são

coisas, mas ideias variáveis, órgãos vivos, símbolos, reações químicas e condições de alma; é a invenção de um sujeito e sua reprodução global.

## 2.2 TECNOLOGIAS DO SEXO

Voltemos ao *Manifesto Contrassexual*, visto ser nessa obra que Preciado define suas heranças e esclarece como utiliza o conceito de tecnologia. Na fabricação do conceito de *farmacopornografia*, “produção tecnológica” já é um pressuposto, logo, para um fim pedagógico e lubrificante, faz-se necessário retornar à explicitação do que o autor quer dizer com “tecnologia”. A questão para Preciado é que talvez o sexo como produção tecnológica não seja tão novidade quanto parece, pois o termo tecnologia, etimologicamente derivado de *techné*, que pode ser ou o ofício ou a arte de fabricar, coloca em funcionamento uma série de oposições binárias, tais como natural e artificial, órgão e máquina, as quais supõem que o instrumento é mediador de relações. Ora, Donna Haraway mostra como o discurso da antropologia colonial do século XIX e início do século XX definiu corpos masculinos e femininos, utilizando-se de dicotomias tais como tecnologia e natureza, ou instrumento e sexo (MC, p. 148). O corpo masculino estaria em relação com a tecnologia, visto como um instrumento, enquanto o corpo feminino, sem considerar as técnicas de gestação e educação desenvolvidas pelas mulheres, é considerado fora de qualquer sofisticação técnica, e parece estar sempre disponível ao sexo considerado natural. Ou seja, a masculinidade se relaciona com dispositivos tecnológicos, ao passo que a feminilidade se define por sua disponibilidade sexual.

Retomando o ponto etimológico, existe uma cumplicidade nesse nível entre tecnologia e sexualidade. Preciado também invoca Lyotard, que afirmou que a *techné* remete, em grego, tanto a formas de produção artificial quanto de geração natural, logo, a tecnologia remete a uma produção artificial e a uma reprodução sexual. Também invoca Foucault em sua noção de tecnologia, a qual tenta escapar de um reducionismo da técnica, não sendo ela apenas um conjunto de objetos, instrumentos, máquinas etc., mas um dispositivo complexo de poder e de saber que integra os instrumentos e os textos, os discursos e os regimes do corpo, as leis e a regra para a maximização da vida, os prazeres do

corpo e a regulação dos enunciados de verdade. Segundo Preciado, com essa noção de técnica, Foucault desfaria os impasses que os modelos de poder circulavam: o modelo jurídico e liberal e a soberania natural do sujeito e seu reconhecimento e validação pela lei, ou seja, a ideia de que o poder se centraliza e emana de instituições positivas, tais como o Estado ou o sistema jurídico. Essa noção também desfaria o sistema marxista de dominação e revolução, no qual o poder emanaria das estruturas econômicas e seria sempre dialético. Foucault define o poder como um sistema produtivo, não mais coercitivo e repressivo, ou pelo menos não apenas. Segundo essa nova concepção, a técnica é uma espécie de micropoder artificial e produtivo que opera sobre os múltiplos círculos da sociedade: do nível abstrato do Estado ao da corporalidade individual. Logo, sexo e sexualidade são resultado de um conjunto de tecnologias produtivas, e sua maior forma de controle é a produção de desejos e prazeres que derivam de predisposições naturais e que são reificadas e objetivas como “identidades sexuais”.

O que interessa para Preciado é o que ele chama de “relação promíscua entre a tecnologia e os corpos” (MC, p. 158), isto é, trata-se de investigar como a tecnologia se torna corpo, incorpora. Depois de somar esses usos da tecnologia, segundo foi exposto anteriormente, Preciado acrescenta a ideia de que a contrassexualidade se beneficia quando captura tal conceito como parte de seu agenciamento, já que então a tecnologia se desassocia do binarismo construtivista-essencialista, pois ambos continuam dançando a mesma melodia metafísica de uma entidade anterior ou primordial que define o ser e o sujeito. Ora, se no essencialismo os modelos biológicos e, contemporaneamente, alguns dos blocos patológicos da psicanálise determinam o homem e a mulher e suas diferenças, no construtivismo, o sexo é a base imutável para que o gênero, enquanto categoria social, possa ser construído. Ou seja, o conceito de tecnologia gera a perspectiva de que a subjetividade, e com ela pensamos em corpo, gênero, raça, etc. são produções, fabricações, ao passo que, na *farmacopornografia*, não conseguimos nem mais distinguir as tecnologias artificiais do resto. No caso dos hormônios, por exemplo, ponto que realçaremos posteriormente, já que Preciado se dedica à genealogia dos hormônios sexuais como explicitação das novas formas de produção e controle da subjetividade,

da excitação e do desejo; eles são um paradigma da *farmacopornografia* quando seus efeitos tornam-se corpo, não sendo possível entender o que seria natural e o que seria exterior/artificial.

A invenção do robô e do ciborgue são, contudo, as duas grandes metáforas da incorporação das tecnologias, mapas conceituais onde a “prótese” surge como um suplemento de uma palavra, como um prefixo em relação à reconstrução de um corpo graças a um membro artificial. A ideia de robô aparece no início do século XX como um tipo de operário artificial que poderia substituir a força de trabalho humano nas linhas de montagem; uma máquina humana capaz de agir e se mover. Ora, a noção de robô está entre o “órgão” e a “máquina”, na qual o primeiro remete à natureza e o segundo aos aparelhos artificiais. Todavia “órgão”, do grego *organon*, designava instrumentos ou peça, que unida às outras peças, seria necessária para realizar um processo organizado. Segundo Preciado, é algo como uma tecnologia textual de codificação-decodificação: Aristóteles pensa o *organon* como um método de representação, um conjunto de normas e regras racionais sob as quais podemos compreender a realidade. O modelo de robô catalisa as contradições metafísicas modernas: natureza/cultura, divino/humano, humano/animal, alma/corpo. Com a invenção da máquina a vapor, no taylorismo, os corpos se tornaram instrumentos de trabalho servindo à máquina: a metáfora mecânica foi invertida e a máquina, agora, se transforma em sujeito e em organismo, e o trabalho seria o resultado da ligação de membros naturais e mecânicos. O robô, por fim, é um espaço de fluxo de via-dupla entre o corpo humano e a máquina: às vezes o corpo utiliza o instrumento como parte de uma estrutura orgânica, às vezes a máquina integra o corpo como parte de seu mecanismo.

Retomemos o conceito de prótese, esse que no século XX vai estar intimamente vinculado às produções de gênero, visto que o corpo masculino, ligado ao modelo mecânico do robô, necessita de próteses de reconstrução, devido aos diversos soldados dilacerados na guerra. Numa gestão tayloriana e racional do trabalho, o corpo masculino já era uma prótese orgânica a serviço de um mecanismo; com a adição dessas próteses de reconstrução, temos um corpo todo re-codificado. Todavia, o pênis não podia ser “substituído”, ou seja, os órgãos sexuais estão no limite da produção prostética, já que a produção

destes ameaça a posição natural de poder do homem na família, na indústria e na nação. A “incorporação alucinatória” (MC, p. 161) aponta para a passagem do modelo do robô para o do ciborgue.

No ciborgue torna-se impossível definir próteses, o que é orgânico ou mecânico, corpo ou máquina. Elas pertencem ao corpo vivo por um tempo, porém, resistem à incorporação absoluta e a esse tempo do que se é ou não é; múltiplo, suas linhas de potencialidades são infinitas com o acréscimo das próteses. A isso, Preciado denomina incorporação alucinatória, que já é um ciborgue, não apenas uma substituição de um órgão ausente e a modificação e o desenvolvimento de um órgão vivo com a ajuda de um suplemento tecnológico. As cibertecnologias sugerem o desenvolvimento de formas de sensibilidade virtual e híbrida do tato e da visão, assim como automóveis, arquiteturas etc. são complexas próteses da sensibilidade e, nessa lógica de conexão crescente da incorporação alucinatória da prótese, o corpo parece se fundir com seus órgãos prostéticos gerando uma reterritorialização orgânica-inorgânica.

“O que estou sugerindo aqui é que o sexo e o gênero deveriam ser considerados como formas de incorporação prostética que se fazem passar por naturais, mas que [...] estão sujeitos a processos de transformação e de mudanças constantes” (MC, p. 166). O ciborgue ou o corpo numa incorporação alucinatória das próteses diluído numa sopa orgânica-inorgânica, num organismo que foi recodificado, é produto do capitalismo em sua fase global, financeira, comunicativa, biotecnológica e digital, ou seja, farmacopornográfica. Enquanto o robô foi criado nas fábricas e cadeias tayloristas, o ciborgue surge nos laboratórios de biotecnologias, onde engenheiros geneticistas implantam conexões cibernéticas em um animal vivo, saturando artificialmente seu sistema de informação com circuitos elétricos, hormônios, fluidos químicos e biológicos. O ciborgue é um sistema aberto, biológico e comunicante, não um sistema matemático e mecânico fechado, ou seja, ele é, também, rizoma da ciberestrutura, um ser vivo conectado a redes visuais e hipertextuais que passam pelo computador de tal maneira que o corpo conectado se transforma na prótese pensante do sistema de redes.

Essa rede comunicante ciborgueana contrassexual é aquilo que a *farmacopornografia* abusa, suga e captura para transformar em ciber-dinheiro-gosmento, porém, é também potencialidade de gozo multitécnico e libertário: “as bio e cibertecnologias contemporâneas são, ao mesmo tempo, o resultado da estrutura de poder e os possíveis bolsões de resistência a esse mesmo poder” (MC, p. 168). Não há mais volta, já somos ciborgues que incorporam práticas cibernéticas e robóticas. Não existe subjetividade farmacopornográfica que não seja uma espécie de ciborgue: “eis alguns exemplos de tecnologia ciborgue biossocial que deveriam ser objeto de um estudo contrassexual: o dildo que goza, as pessoas que vivem com Aids, os hormônios, as drogas, o sexo virtual, o corpo transexual...” (idem), ou seja, justificamos aqui então a volta à obra *Manifesto Contrassexual*. Trata-se de entender as conexões que o autor faz entre seus próprios conceitos, por exemplo, o *fármaco*, e os dispositivos pornográficos.

Mencionamos anteriormente a passagem da metáfora e da relação corpo e máquina do robô para o ciborgue como sendo análoga à passagem do capitalismo industrial ao “capitalismo em sua fase global, financeira, comunicativa, biotecnológica e digital” (MC, p. 166). Preciado explicita essa analogia de maneira intensiva na obra *Testojunkie*: a passagem da economia fordista para a farmacopornista, onde essa é dominada pela indústria da pílula, pela lógica masturbatória da pornografia e pela cadeia de excitação-frustração em que se baseia. O filósofo destrincha toda a história das mutações entre as metáforas, entendendo não apenas a mudança em si, mas as correlações e os fluxos que se mantêm, por exemplo, na ideia de corpo e máquina que não se destrói, ao contrário, produz diversos outros desdobramentos. Ele também o faz na genealogia das transformações dos modos de produção depois da Segunda Guerra Mundial, como que uma maneira, um esforço ainda maior que apenas as argumentações lógicas e filosóficas para apontar que existe uma modificação epistemológica nesses cruzamentos de linhas molares e moleculares: “Não sei como comunicar-lhes com suficiente ênfase que estamos vivendo um momento de importância histórica sem precedentes” (MF, p. 96). Trazemos essas evidências bibliográficas do autor para abordar o *modus operandi farmacopornografi'cum'* e para mostrar com maior ênfase como o

desejo, o sexo, o gênero e a sexualidade são chaves essenciais para se pensar as produções e controles de subjetividade, assim como os dispositivos de que o capitalismo dispõe para realizar suas axiomatizações. Ora, não é apenas perversão do autor sempre dar ênfase aos aspectos orgásticos, ainda que ele mesmo tenha mostrado que é um perverso.

### 2.3 A GUINADA TOXICOMANÍACA EJACULANTE DO BIOCAPITALISMO

Preciado denomina capitalismo biopolítico este que relaciona com os “teóricos pós-fordistas”: Hardt, Negri, Moulier-Boutang, Virno etc., teóricos que ele utiliza de trampolim para a *farmacopornografia*, visto que eles sugeriram que o processo do capitalismo atual tem como matéria-prima o saber, a informação, a comunicação e as relações sociais, isto é, que o motor da produção já não está nas empresas, mas na sociedade em conjunto, na qualidade da população, na cooperação, nas convenções, nas formas de organização que hibridizam o mercado, a empresa e a sociedade, ou, como Guattari assinalou, na modelização da subjetividade. E retomando Foucault, foram denominadas de produção biopolítica as formas de produção ligadas à assistência e ao cuidado corporal, à proteção do outro e à criação das relações humanas, ao trabalho ‘feminino’ de reprodução<sup>29</sup>, às relações de comunicação e ao intercâmbio de saberes e afetos. Todavia, como se pode notar, esses teóricos parecem ter pensado por uma lente “casta” as produções de subjetividade, de seu controle e da extração e das relações, como se “as análises e descrição desta nova forma de produção fossem biopoliticamente interrompidas quando chegam à cintura” (TJ, p. 40), pois

E se, na realidade, os corpos insaciáveis da multidão, seus paus, clitóris, ânus, hormônios e sinapses neurosexuais; e se o desenho, a excitação, a sexualidade, a sedução e o prazer da multidão fossem os motores de criação de valor agregado na economia contemporânea? E se a cooperação fosse uma “cooperação masturbatória” e não a simples cooperação dos cérebros? (idem).

Quando Preciado escreveu a obra *Testojunkie*, entre os anos 2000 e 2008, a indústria pornográfica já era a grande propulsora da cibereconomia, onde grande parte da indústria do sexo advinha dos portais pornôis, percebemos

---

<sup>29</sup> Posteriormente trataremos como Preciado irá reconfigurar o que Hardt e Negri, em *Multitude*, chamaram de trabalho feminino. Preciado afirma que não se trata de uma feminilização do trabalho, mas de uma pornificação das produções.

isso, visto ser provável que os números e os diversos fluxos de poder e capital provindos da indústria pornográfica tenham se tornado maiores do que já eram. Ainda que muitos portais sejam criados diariamente (TJ, p. 41), eles pertencem a uma ciberoligarquia das multinacionais que comandam esse mercado. Então, o modelo amador, onde a pessoa com sua câmera e sua conta em portais, e o acesso de populações relativamente empobrecidas aos meios técnicos de produção aparecem como uma irrupção das redes pornô.

Logo, a indústria do sexo não é apenas o mercado mais rentável da *internet*, mas também aparece como o mercado cibernético de rentabilidade máxima do mercado cibernético global, apenas comparável com a especulação financeira: “investimento mínimo, venda direta do produto em tempo real e formato único, satisfação imediata para o consumidor” (idem), e junto com a indústria farmacêutica<sup>30</sup> e a indústria da guerra<sup>31</sup> seriam os pilares do capitalismo pós-fordista, sendo necessário outra nomeação específica desse outro *trabalho imaterial*, o trabalho farmacopornográfico. As matérias primas dessas indústrias são, então, a excitação, a ereção, a ejaculação, o prazer e o sentimento de autossatisfação, controle onipotente e destruição total, ou seja, o verdadeiro motor do capitalismo atual é o controle farmacopornográfico da subjetividade:

cujos produtos são a serotonina, o tecnossangue e os hemoderivados, a testosterona, os antiácidos, a cortisona, o tecnoesperma, os antibióticos, o estradiol, o tecnoleite, o álcool e o tabaco, a morfina, a insulina, a cocaína, os óvulos vivos, o citrato de sildenafil (viagra) e todo o complexo material e virtual que participa da indução de estados mentais e psicossomáticos de excitação, relaxamento e descarga, e também no controle total e onipotente (TJ, p. 42).

Os teóricos do pós-fordismo, relendo Marx, afirmam que a economia global se caracteriza pela hegemonia do trabalho industrial, mesmo se em termos quantitativos esse trabalho continue a ser menor em comparação com outras formas de produção, ou seja, o trabalho industrial se torna hegemônico em virtude do seu poder de transformação sobre qualquer outra forma de

---

<sup>30</sup> Seguindo Preciado, dentro de “indústria farmacêutica” identificamos a extensão legal das indústrias científicas, médicas e cosméticas, bem como o tráfico de drogas consideradas ilegais.

<sup>31</sup> Preciado durante todo o *Testojunkie* não especifica o que seria a indústria da guerra e o motivo da qual ela não adentra, por exemplo, na nomeação da *farmacopornografia*.



produção, e, de maneira semelhante, a produção farmacopornográfica define uma nova era da economia política mundial, não pela supremacia quantitativa, mas porque o controle, a produção e a intensificação dos afetos narcossexuais se tornaram o modelo para todas as outras formas de produção. A indústria farmacopornográfica sintetiza e define um modo específico de produção e consumo, uma temporalização masturbatória da vida, uma estética virtual e alucinógena do objeto vivo, uma arquitetura que transforma o espaço interior em exterioridade e a cidade em interioridade “*junkspace*” por meio de dispositivos de autovigilância imediata e difusão ultrarrápida de informação, um modo contínuo de desejar e resistir, de consumir e destruir. O capitalismo farmacopornográfico está inaugurando uma nova era, onde o melhor negócio é a própria produção da espécie, a produção da sua mente e corpo e dos seus desejos e afetos; a funcionalidade deste se deve à gestão biomidiática da subjetividade, ao controle molecular e à produção de conexões virtuais audiovisuais, ou seja, o capitalismo contemporâneo se sustenta sobre dois tentáculos de um circuito integrado: as indústrias farmacêutica e audiovisual.

“Estamos vivendo uma era toxicopornográfica” (TJ, p. 56), na qual o corpo é coletivamente desejável graças a sua gestão farmacológica e sua promoção audiovisual, economias estas que dependem menos da produção do que da *invenção*. Preciado se apoia no filósofo Philippe Pignarre para afirmar que na indústria farmacêutica, ao contrário da automobilística, a pesquisa e o desenvolvimento exigem investimentos elevados, ao passo que os custos de fabricação são baixíssimos. É difícil inventar um novo medicamento, mas é fácil assegurar sua síntese química e reproduzi-lo em larga escala; do mesmo modo, nada mais fácil que a gravação de um boquete com uma câmera de vídeo.

O biocapitalismo farmacopornográfico não produz coisas, mas ideias variáveis, órgãos vivos, símbolos, desejos, reações químicas e afetos. Nos campos da biotecnologia e da pornocomunicação, não há objetos a produzir, trata-se de *inventar* um sujeito e produzi-lo em escala global (TJ, p. 57).

Se os teóricos do pós-fordismo estavam interessados no trabalho imaterial, no trabalho cognitivo, no trabalho “não objetivável”, no trabalho afetivo, os emergentes teóricos do farmacorponismo estão interessados no trabalho

sexual como um processo de subjetivação, na possibilidade de fazer do sujeito uma reserva interminável de ejaculação planetária que pode ser transformada em abstração e dados digitais, ou seja, em capital.

#### 2.4 POTENTIA GAUDENDI OU FORÇA ORGÁSMICA

Preciado, seguindo Marx e Espinosa, pensa sobre uma potência de trabalho farmacopornográfica específica, como se agora, imersos por essa gestão planetária toxicopornográfica, fosse necessário explicitar o que está sendo manipulado, visto que, se estamos pensando em novas mecânicas de produção e em outras matérias primas, a força de trabalho, talvez, deveria ser pensada sob sua perspectiva de capacidade de excitação, e sua função orgásmica. Trazemos esse neologismo, “tecno-ontopolítica” para elucidar essa fabulação preciadiana, visto que este possui, também, uma herança foucaultiana em sua concepção da subjetividade através de dispositivos, agora, em conjunto a outros, de cunho farmacopornográfico. Todavia, pensando para além do filósofo francês, ele pense que os dispositivos estão, em realidade, maquinando e manipulando uma potência, que seria a verdadeira matriz do capital viscoso e sexual. Ou seja, talvez Preciado tenha em vista uma espécie de ontologia materialista que está simbioticamente relacionada aos fluxos políticos das subjetividades, e o prefixo “tecno” advém de toda a concepção da farmacopornográfica e do corpo farmacopornográfico. Isto é, os avanços das indústrias audiovisual, de comunicação e informação e das indústrias biotecnológicas produzem a incorporação próstética da subjetividade: não podemos mais pensar num corpo, mas, sim, num tecno-corpo. Então o estrato tecnológico na produção e na formulação de ontopolítica seria inegável, ali onde talvez poderíamos falar de uma tecno-potência.

Retomando Guattari, no CMI é nítida a percepção do autor referente às potências e possibilidades que a cibernética teria tanto na produção de capital, quanto na produção de subjetividades, tendo em vista o caráter maquínico que a televisão já ocupava ali era nítido o controle e a modulação das subjetividades. Preciado consegue, contudo, precisar como o desenvolvimento semiótico-técnico e biotecnológico se tornou poderoso, expansivo e intensivo.

Preciado, então, chama de *potentia gaudendi*, ou força orgásmica, a potência, presencial ou virtual, de excitação total de um corpo. Trata-se de um conceito chave para entender como e por qual motivo a sexualidade e o corpo irrompem no coração da ação política e se tornam objetos de gestão estatal e industrial no final do século XIX; esse é um conceito análogo à força de trabalho que a economia clássica utiliza.

Essa potência é uma capacidade indeterminada; não tem gênero, não é feminina nem masculina, nem humana nem animal, nem viva nem inanimada. Sua orientação não se dirige ao feminino nem ao masculino nem conhece diferenças ou fronteiras entre heterossexualidade e homossexualidade ou entre objeto e sujeito; esta potência também não sabe a diferença entre ser excitado, excitar ou excitar-se com. Essa potência não privilegia um órgão sobre outro, de modo que o pênis não possui mais força orgásmica que a vagina, o olho ou o dedo do pé (TJ, p. 45).

É a soma da potencialidade de excitação inerente a cada molécula material, é a força de transformação do mundo em prazer. A força orgásmica é o substrato da força de trabalho no capitalismo farmacorponográfico, por isso a necessidade de pensá-la. O capitalismo farmacopornográfico a extrai sob suas diversas facetas: a forma farmacológica, como molécula incorporada e agente material que atua na mutação psicossomática; a forma de representação pornográfica, onde o signo pode ser convertido em dado numérico ou transferido mundialmente; e como serviço sexual. A *potentia gaudendi* tem como grandes virtudes a impossibilidade de ser possuída e de ser armazenada, é o fundamento energético do farmacopornismo, é sempre fluxo, não permite possuir ou reter a *potentia gaudendi* de outros: “existe unicamente como um evento, uma relação, uma prática ou um processo evolucionário” (TJ, p.46). É a mais material e a mais abstrata das forças de trabalho, é carnal e digital, viscosa e representável em valores numéricos.<sup>32</sup>

#### 2.4.1 TECNO-CORPO

Talvez o corpo em Preciado seja o centro de toda sua filosofia, um rizoma que faz mapas infinitos. Da mesma maneira, o corpo também é um local

---

<sup>32</sup> Sobre a questão da potência em Preciado, pensamos ser necessário todo um outro trabalho para conseguir dar conta de sua amplitude; então, nos contentamos, no presente trabalho, em apenas indicar que, além dos conceitos de corpo e subjetividade, há a *potentia gaudendi*.

de encontro e desencontro de fluxos que importam muito a Guattari. Em Preciado, o local é de maior privilégio, pois o filósofo coloca seu próprio corpo em operação na sua obra e escritos. Ele evidencia seu próprio caráter ciborgueano, ao passo que Guattari não era *esquizo*. O corpo é destaque em todos os conceitos preciadianos, por exemplo, nas próteses e na incorporação alucinatória, nas tecnologias de gênero, na contrassexualidade e em seu caráter desterritorializante etc. Logo, o corpo dentro da composição da *farmacopornografia*, também teria destaque. Na verdade, estamos falando de um tecno-corpo, de uma entidade tecnoviva multiconectada que incorpora a tecnologia, a plataforma pela qual a *potentia gaudendi* é capturada, castrada ou intensamente afirmada até sua destruição.

O corpo vivo é o bioporto da força orgásmica, não como um corpo pré-discursivo ou com seus limites na envoltura carnal histológica. É uma entidade tecnoviva multiconectada que incorpora a tecnologia. Segundo Donna Haraway, a “Incorporação é uma prótese de significante” (TJ, p. 47). O tecno-corpo é um sistema fluido, disperso, uma rede tecno-orgânica-textual-mítica que borra a distinção moderna entre arte, performance, mídia, *design* e arquitetura. Em corpos tecnológicos “já estar mortos ou não ainda vivos” não é uma realidade: “somos metade fetos, metade zumbis” (TJ, p. 47), pois, no circuito em que a excitação é tecnoproduzida, há apenas tecno-corpos ausentes, presenciais ou virtuais, isto é, as imagens, os vírus, os programas de computação, os fluídos tecno-orgânicos, os internautas, as vozes que respondem às linhas de sexo, as drogas e os animais mortos-vivos de laboratório etc. Na economia farmacopornográfica, eles não possuem um valor enquanto vivos ou mortos, mas apenas como integráveis ou não à bioeletrônica da excitação global.

Esse corpo, ou melhor, tecno-corpo, então, é um sistema tecnovivo que implodiu os sistemas binários modernos: feminino/ masculino, animal/humano, natureza/cultura, quando até mesmo o conceito de *vida* se torna arcaico, especialmente no contexto de numa tecno-ecologia. Preciado, novamente citando Haraway, lembra que a filósofa prefere utilizar “tecnobiopoder” à noção de biopoder de Foucault, visto que não se trata de um poder sobre a vida, ou de maximizar e administrar a vida, mas sim do poder e do controle exercidos

sobre todo um aparato tecnovivo conectado. Um tecno-corpo morto<sup>33</sup>, nessa bioeletrônica da excitação global, também pode gerar força orgásmica, e, por consequência, pode ser portador de potência de produção de capital sexual e, como conclusão do advento do *tecno-corpo*, Preciado afirma que a biopolítica e a necropolítica foucaultiana funcionam, agora, como farmacopornopolíticas, isto é, como gestão planetária da *potentia gaudendi*. Ou seja, como essa potência orgásmica é a potência de excitação total do corpo, e esse deveio tecno-corpo, sistema fluido e ciber-integrado, controle da vida e da morte, faz sentido pensar um tecno-biopoder e um tecno-necropoder, compreendendo que a gestão, agora, é de uma tecno-vida, pois já não se sabe o quão se está morto ou vivo, ou não faz tanta diferença se ainda existe uma capacidade de produzir uma ejaculação tecnicamente assistida, ou capital sexual. A farmacopornopolítica aparece como o resumo da gestão planetária dessa tecno-ecologia, que gere, controla e distribui indivíduos nos sistemas integrados de produção de excitação, assim como seu corte, e novamente a produção de excitação.

O sexo, os órgãos sexuais, o prazer, a impotência são colocados no centro da gestão tecnopolítica. Assim, existe a possibilidade de lucro com a força orgásmica. Ao fazer referência aos “teóricos do trabalho imaterial, do trabalho cognitivo, do trabalho afetivo”, Preciado se refere aos teóricos do capitalismo farmacopornográficos, focados no trabalho sexual como um processo de subjetivação: “na possibilidade de fazer do sujeito uma reserva interminável de ejaculação planetária que pode ser transformada em abstração e dados digitais - capital” (TJ, p. 49). A *potentia gaudendi*, como força de trabalho, foi regulada por um estrito controle tecnopolítico: a produção de um corpo sexual, onde cada órgão é definido pela sua função e sua sexualidade sempre implica a gestão dessas definições, ou seja, o governo da boca, do ânus, da mão.

\*\*\*

## 2.5 SEXOPOLÍTICA

---

<sup>33</sup> Um exemplo de como o corpo morto faz parte da economia farmacopornográfica são os vídeos *snuff* que circulam de morte de pessoas ciber-espetacularizada. Abordaremos as políticas *snuff* no capítulo terceiro desse trabalho.

Preciado, ao falar do capitalismo contemporâneo, se utiliza das noções foucaultianas de sociedade soberana e de sociedade disciplinadora, acrescentando o farmacopornismo enquanto *epistème*. A “sociedade farmacopornográfica” deve ser diferenciada da disciplinar<sup>34</sup>, visto que as mutações dos fluxos semióticos e econômicos exigem a especificação dos poderes biomoleculares e porno-midiáticos. Preciado pensa o conceito de “sexopolítica” como uma descrição específica da biopolítica, mas que se estende para a farmacopornografia. Esse conceito já aparece no artigo “*Multidões queer: notas para uma política dos anormais*” (2003), texto este que podemos claramente indicar como um presságio do que anos depois seria uma conceitualização da farmacopornografia, já que o autor aborda ali o capitalismo contemporâneo, o “império sexual” e o “pós-moneyismo”.

A sexopolítica, então, seria uma das formas dominantes da ação biopolítica no capitalismo contemporâneo, mas que emerge num regime disciplinar, e não no farmacopornográfico, ainda que nesse último continue sua ação, porém, por outros dispositivos. Logo, o sexo (os chamados órgãos sexuais, as práticas sexuais e os códigos de masculinidade e de feminilidade, as identidades sexuais normais e desviantes) entra no cálculo do poder e faz dos discursos sobre o sexo e das tecnologias das identidades sexuais um agente de controle da vida. Esse conceito é tomado de Foucault, porém, Preciado o contesta em sua concepção política, segundo a qual o biopoder não faria mais que produzir as disciplinas de normalização e determinar as formas de subjetivação. Preciado, seguindo neste ponto a posição de Lazzarato (MQ, 2003), distingue biopoder e potência de vida<sup>35</sup> de modo a compreender os corpos e as identidades anormais como potências políticas e não simplesmente como efeitos do discurso sobre o sexo. A sexopolítica não seria apenas uma regulação das condições de reprodução da vida nem dos processos biológicos que se referem à população, pois o sexo é correlato do capital.

---

<sup>34</sup> Não adentraremos na descrição das sociedades soberana e disciplinar e em suas inter-relações, pois esse tema já foi abordado na introdução deste trabalho e porque nosso intuito não é a investigação foucaultiana em Preciado.

<sup>35</sup> Essa noção de potência de vida pode ser considerada como outra afirmação do presságio da farmacopornografia. Embora Preciado não mergulhe na investigação sobre como Lazzarato pensa essa diferenciação entre biopoder e potência de vida; em sua teoria parece que essas identidades “anormais” dispõem de uma potência que os faria não totalmente passivos frente às produções biopolíticas que regulam e normalizam.

Para o autor espanhol, Foucault deixa a desejar quando vincula sua análise da sexualidade a certa ideia de disciplina do século XIX, e quando negligencia a emergência de um conjunto de profundas transformações das tecnologias do corpo e da subjetividade que aparecem no começo da Segunda Guerra Mundial. Parece que seus conhecimentos dos movimentos feministas americanos, da subcultura sadomasoquista ou da Frente Homossexual de Ação Revolucionária (FHAR) (2003) não o levaram a considerar tais proliferações das tecnologias do corpo sexual no século XX: medicalização e tratamento das crianças intersexo, gestão cirúrgica da transexualidade, reconstrução e “aumento” da masculinidade e da feminilidade normativas, regulação do trabalho sexual pelo Estado, *boom* das indústrias pornográficas.

O sexo se tornou parte importante do discurso sobre a masculinidade e a feminilidade e as técnicas de normalização das identidades sexuais o transformaram em agente de controle e padronização da vida. Preciado denomina esse fato de “império sexual”, fazendo alusão ao conceito de Negri e Hardt, o qual indica, para o autor espanhol, o regime biopolítico que usa o sexo, a sexualidade e a identidade sexual como centro somatopolítico para a produção e governo da subjetividade. A sexopolítica disciplinadora do final do século XIX e do século XX resume-se a uma regulação de condições de reprodução da vida ou aos processos biológicos que dizem respeito à população. Nesse período, o corpo heterossexual é o artefato sexopolítico que alicerça o sucesso do governo. Retomando formulações de Wittig, Preciado defende que a heterossexualidade seria menos uma prática sexual e mais um regime político que assegura a relação estrutural entre a produção de identidade sexual e a produção de certas partes do corpo, tais como os órgãos reprodutivos, e, nesse contexto, por ser uma região de privilégio, o ânus foi o primeiro a ser tapado, servindo como modelo de toda privatização posterior, pois ele é centro de produção de prazer que não tem gênero, não é feminino nem masculino; é centro de passividade primordial e abjeto por excelência: “buraco negro pelo qual avançam os gêneros, os sexos, as identidades e o capital” (TJ, p. 79).

Após a Segunda Guerra Mundial, o contexto somatopolítico da produção tecnopolítica do corpo parece dominado por uma série de novas tecnologias

(biotecnologia, cirurgia, endocrinologia, engenharia genética etc.) e pela representação (fotografia, cinema, televisão, internet, videogame etc.), os quais se infiltram como nunca na vida cotidiana. Trata-se de tecnologias biomoleculares, digitais e de transmissão de informação em alta velocidade. Esta é a era das tecnologias suaves, ligeiras, viscosas e gelatinosas que podem ser injetadas, inaladas ou incorporadas. Porém, essas elas não apagam as esferas já existentes e que foram eficazes em outros períodos históricos de produção do corpo e da subjetividade. São técnicas conflitantes que se justapõem e atuam produzindo o sujeito contemporâneo. Assim, a farmacopornografia se caracteriza pela produção biomolecular e semiótico-técnica da subjetividade, embora continue sendo foco de diversos outros fluxos semióticos mais duros, molares, menos sutis, cujos materiais e técnicas funcionaram de maneira mais eficaz no passado.

Na sociedade farmacopornográfica, os modelos de controle do corpo são microprostéticos. O poder atua por meio de moléculas incorporadas ao nosso sistema imunológico: o silicone toma forma de seios; neurotransmissores alteram nossas percepções e comportamentos; hormônios produzem seus efeitos sistêmicos sobre a fome, o sono, a excitação sexual, a agressividade e a codificação social da nossa feminilidade e masculinidade. Acontece progressivamente a miniaturização, a internalização e a introversão reflexiva dos mecanismos de controle e vigilância do regime sexopolítico do final do século XIX e começo do século XX, quando essas novas tecnologias suaves de microcontrole adotam a forma do corpo que controlam; elas se transformam em corpo, até se tornarem inseparáveis e indistinguíveis dele, tornando-o soma-tecno-subjetividade. É a era da drogada incorporação alucinatória, quando a produção subjetiva ciborgueana não distingue próteses de não-próteses.

“Monique Wittig com Michel Foucault. Judith Butler com Antonio Negri. Angela Davis com Félix Guattari. Kate Bornstein com Franz Fanon” (TJ, p. 132). Talvez a obra *Testojunkie* seja uma grande orgia de conceitos, onde, segundo a sugestão de Deleuze e Guattari, trepam-se *molecularmente* os autores e os conceitos, isto é, eles devêm-sexo-conceitualmente; os projéteis semióticos que cada um lança causam prazer e frustração, e a implosão seria o



*Testojunkie*. E, talvez o *Testojunkie*, nesse vórtex de disparos semióticos, posterior já ao impacto do *Manifesto Contrassexual*, seja o crepúsculo da heterossexualidade: segundo a imagem da filosofia de Nietzsche, depois de demolir a ontologia dogmática, Preciado estaria relatando o agouro do crepúsculo da heterossexualidade.

A heterossexualidade feminina branca é, antes, um conceito econômico que designa uma posição específica no centro das relações sexopolíticas de produção e de troca baseada na transformação do trabalho sexual, do trabalho de gestação, do cuidado dos corpos e de outras atividades não remuneradas no capitalismo industrial. É impossível pensar a expansão do capitalismo sem o comércio de escravos, a expropriação e a institucionalização do *dispositivo heterossexual* como modo de transformação em mais valor dos serviços sexuais não remunerados historicamente realizados pelas mulheres. A heterossexualidade é um regime que nem sempre existiu. Como a transformação do capitalismo contemporâneo implica uma mutação da ordem sexo-gênero, ela seria a tecnificação e a informatização do gênero, que emerge após a Segunda Guerra Mundial e que está fadada a desaparecer. Isso não significa que homens e mulheres não farão mais sexo, mas que as condições da produção sexual (de corpos e de prazeres) estão mudando drasticamente e se tornarão cada vez mais similares à produção de corpo e de prazeres desviantes, submetidos ao controle das mesmas regulações farmacopornográficas, estando, portanto, todos os corpos submetidos aos mesmos processos de produção tecnobiopolítica:

Em outras palavras, todas as formas de sexualidade e de produção de prazer e todas as economias libidinais e biopolíticas estão agora sujeitas às mesmas tecnologias moleculares e digitais de produção do sexo, do gênero e da sexualidade (TJ, p. 133).

O maquinário farmacopornográfico não é totalmente coerente e integrado, pois seus dois tentáculos funcionam mais por oposição que por coerência. Ora, ainda que a indústria pornográfica hegemônica trabalhe com os disparos semióticos de um regime de gênero dimórfico (produzindo representações normativas e idealizadas das práticas heterossexual e homossexual) e a assimetria política entre homens cis e mulheres *cis* seja legitimada com base nas diferenças anatômicas, as indústrias farmacêuticas e biotécnicas e as

novas técnicas de reprodução assistida redesenham incessantemente as fronteiras entre os gêneros e, como um todo, transformam o sistema econômico, heterossexual e político em um meio obsoleto de gestão da subjetividade. É a horizontalização do consumo das técnicas de produção do corpo que redistribui as diferenças entre identidades de classe, raça ou sexuais, entre a cultura musical do *rock*, a alta sociedade e a indústria pornô. Essa inconstância farmacopornográfica é um sinal de que a heterossexualidade branca será brevemente apenas mais uma estética corporal entre muitas outras: “um estilo reprodutivo retrô que várias futuras gerações poderão negar ou exaltar” (TJ, p. 135).

## 2.6 PORNOLOGIA

Como a punheta é transformada em lucro? Qual a relação de uma ejaculação com a produção capitalista? Como a pornografia e/ou o trabalho sexual tem gerado litros de capital sexual e como, já que estamos abordando a farmacopornografia, tornam-se modelos de capital e de trabalho? Como ocorre o processo de pornificação do trabalho e da vida? A pornografia é o braço “semiótico-técnico” do capitalismo farmacopornográfico: a indústria que através da produção de imagens, informação, prazer e de sua circulação e consequente modulação das subjetividades e do trabalho, através da conexão planetária da *internet*, define as novas formas de produção e de geração de lucro. Ora, trata-se da fórmula mais quente e prazerosa de captura do capitalismo nessa era dos múltiplos e intensos fluxos circulantes. Nessa parte do texto, então, abordaremos como a pornografia atua de maneira macro, na produção de subjetividades que se dividem em penetrantes e penetradas, dildo-orifício, em analogia com as máquinas desejanter e sua lógica de corte e fluxo, gerando estratificações mais duras de torções dos direitos trabalhistas dos trabalhadores farmacopornográficos<sup>36</sup>; e, sob as lentes micro, através da servidão maquínica, a pornografia modula e produz desejos, percepções, formas e maneiras de conhecer mundo, a saber, uma epistemologia masturbatória da vida.

---

<sup>36</sup> Quando falamos, nesse momento, de macro e micro, estamos pensando no sentido trazido no platô VIII, da obra *Mil-Platôs*.

Preciado no *Testojunkie* traz à tona como os teóricos do capitalismo pós-industrial não abordam o trabalho sexual e suas especificidades nas produções de saber, do corpo e de seus afetos, como se não estivessem atentos às potências “da cintura para baixo”, segundo a expressão de Preciado referente a essa miopia, pois eles parecem desviar o olhar quando o objeto é o gozo jorrado de seus próprios pênis como peça e ferramenta do capitalismo contemporâneo. Será que seria uma vergonha, por serem o público-alvo das trabalhadoras e dos trabalhadores do sexo: homens, *cis*, brancos, de classe média, envoltos num agenciamento coagulado da família e dos modos burgueses de produção de vida, que necessitam de serviços pornográficos como escape? Talvez às suas teorias anticapitalistas do afeto e da cognição falte a atenção sobre a trepada. Salientamos essa característica do corpo do filósofo na produção de seu saber, visto que quando o objeto de análise é a pornografia, e aqui nos concentramos mais na pornografia audiovisual hegemônica, ou seja, a indústria pornográfica, a moralidade se sobrepõe às análises estruturais e, também, cartográficas dos autores: as discussões estéticas, epistemológicas e político-éticas parecem se enevoar por uma dificuldade de lidar com o sexo e a sexualidade de uma maneira mais crua e consequente do ponto de vista teórico.

Não estamos definindo a pornografia como atividade sexual e mera exposição de genitais, visto que produções eróticas e até médicas também têm em comum o fato de exporem os corpos e, talvez, não seja de nossa preocupação delimitar e encaixotar o que é ou não pornografia. Logo, trabalharemos com a produção e a circulação de imagens e informação de e sobre sexo, genitais e múltiplas formas de gerar e sentir prazer cujo intuito seja a “cooperação masturbatória”. Definimos aqui uma conceituação rizomática de pornografia, visto que esse campo, ainda pouco explorado pela filosofia em geral, alimenta debates múltiplos em outras áreas de pesquisa, inclusive sobre o que define pornografia, para além da etimologia e da história da palavra: pensamos no debate se pornografia é arte ou não, ou qual a diferença entre pornografia e erótica e se tal diferenciação poderia ser resumida de uma maneira simples. É provável que a separação entre pornografia e erótica provenha de pressupostos morais, ou seja, tornando uma proibida e outra não,

uma danosa e outra não. Talvez estejamos aqui falando de obras artísticas, sejam elas de qualquer plataforma, todavia, essa separação comprove a pertinência de outro questionamento: afinal, existe arte pornográfica? Pois, se os estetas estão determinando aquilo que é arte ou não, e suas funcionalidades, a pornografia, nesse caso audiovisual, está constantemente sendo foco de direcionamento de argumentos de diferenciação. Talvez a relação entre pornografia, arte e erótica não seja imediatamente dada, ou seja, suas definições e locais não estão muito bem definidos e, à luz das ideias do filósofo Hans Maes, presentes em seu livro *Pornographic Art and the Aesthetics of Pornography*, introduziremos alguns debates.

Primeiramente, há muito pouca literatura sobre os temas acima citados, e as existentes são marcadas por quatro diferenças: [i] Conteúdo representacional, no qual pornografia é sexualmente explícita e rica de detalhes anatômicos e com foco em sexo agressivo, alienado e sem emoção, ao contrário da arte, que se utiliza de sugestões, tenta capturar a individualidade e foca no amor e na equidade da mútua afecção, eros; [ii] *Status* moral, onde a pornografia é imoral e a erótica moral, pois a sexualidade alienada, sem emoção e agressiva seria uma falha moral, porém, qual o problema com a falha moral?; [iii] qualidade artística: a arte é multifacetada e trabalha com criações únicas, enquanto a pornografia é unidimensional e explora apenas a cópula: algo que se torna expressa na diferenciação entre o estar pelado da pornografia de estar pelado e a nudez da arte; [iv] reposta prescrita, onde a pornografia é a inimiga da imaginação e própria ao consumo, ao passo que admiramos a arte; uma seria mero objeto de consumo e a outra, de contemplação.

A intenção não é definir erótica e pornografia de maneira simplista, visto que, para os autores que estamos usando, a arte erótica às vezes é colocada, dentro da binariedade pornografia-arte, como arte, às vezes, como pornografia, isto é, se pensamos no *status* moral que decide se pornografia pode produzir gozo estético, provavelmente a objeção serviria para a erótica também, visto que a objetificação e a exploração não são características apenas de obras chamadas pornográficas, as que ganham o *status* [moral] também se utilizam dessas categorias. Todavia, segundo escreve Maes em sua introdução da obra

*Pornographic Art and the Aesthetics of Pornography*, para os estetas modernos e os filósofos que escreveram sobre aquilo que poderia ser belo ou não, ou como alguma obra ganha o *status* de arte, a arte erótica não pode ser arte, visto que ela não seria desinteressada, por incitar os sentidos, ao contrário de artes que incitam as faculdades do entendimento e da imaginação, e geram gozo estético contemplativo (MAES, 2013, p.4). Ainda que Nietzsche tenha rompido com a estética kantiana, afirmando que as respostas são reconciliáveis, artística e sexual, pois o prazer que alguém sente não é desincorporado, ainda há filósofos que se apegam à ideia de um *eros* castrado, cuja beleza não é necessariamente sexual.

Partindo, então, desse pressuposto de [iii] qualidade artística segundo o qual a pornografia não pode ser arte, o artigo *Pornography, Art and Porno-Art*, de Mari Mikkola (MAES, 2013, p. 27-42) tenta pensar a conexão entre as duas categorias como algo existente, argumentando contra os filósofos exclusivistas, cuja noção de pornografia é centrada numa definição de arte devido ao seu fim último que é a excitação sexual. Ora, o despertar sexual, a ereção, a lubrificação do corpo é sempre um problema. Pornografia aqui é a audiovisual e as supostas categorizações do que é ou não pornográfico também são confusas, visto que, segundo Mikkola, quando se entra numa loja de filmes ou revistas, sabe-se onde estão as obras de pornografia, por uma espécie de intuição; todavia, as características que seriam pornográficas, como sexualidade explícita, potencial de excitação, nudez, no fundo são apenas características, como quaisquer outras.

A visão exclusivista, em nossa opinião, adiciona uma ontologia arborescente da pornografia para embasar sua exclusão precipitada da estética, ou seja, da possibilidade de que ela tenha um fim último. Ora, como essas obras que possuem um conjunto de características, cores, tempos, corpos etc. podem ser minimamente categorizados como algo cujo fim último ou motivo último de ser ou de existir é determinada questão? Consideremos que os pornógrafos não delimitam de maneira específica suas intenções, pois há em seu trabalho um entrelaçamento das intenções principais às adicionais, pornográficas e não pornográficas. Dois exemplos que Mikkola dá (MAES, 2013, p. 30): um conto no qual um jovem está fodendo uma policial, com descrição do ato em si, o gozo dele não vinha pelo fato do prazer sexual, mas

do fato de se excitar com o imaginário de estar “fodendo a polícia”, algo que o excitava muito mais do que o corpo da policial; o outro é a pornografia *mainstream*<sup>37</sup>, afinal existe dúvida de que o fim dela seja lucro? Ela apenas capturou um poderoso dispositivo cibernético rápido, com uma lógica de excitação-frustração-excitação; o sexo é aí apenas um meio. Estamos falando de pornografias comerciais, visto que se adentrarmos numa categoria de pornografia audiovisual alternativa, veremos que nela a excitação sexual claramente não vem antes do prazer estético e da representação realista de corpos dissidentes e de seus desejos, por exemplo.

Logo, mesmo sendo difícil afirmar se são arte ou se existe arte-pornô, é ainda mais difícil negar sua existência, ou seja, se estivermos trabalhando apenas com a afirmação positiva da junção das duas categorias, pornografia e arte, com certeza temos exemplos de respostas artísticas e sexuais num mesmo trabalho. Mas talvez pornô-arte seja outra coisa, segundo Mikkola. Talvez esteja na hora de os pornógrafos decidirem isso, e não apenas os estetas que muitas vezes nem atividade sexual têm. Podemos destacar um traço da teoria preciadiana que foi além do que Guattari fez em termos teóricos (ainda que ambos tenham escrito sobre as potências do corpo e da geração de Corpos sem Órgãos). Foi Preciado quem escreveu uma obra que envolve experimentação com seu próprio corpo: o seu “protocolo de intoxicação voluntária à base de testosterona a respeito do corpo e dos afetos” (TJ, p 13). Esse destaque claramente não se põe sob a ótica de um ser melhor que o outro, mas enfatiza que um teorizou através do próprio corpo, atualizou as virtualidades do corpo, criou um CsO<sup>38</sup>, e o desfez quando este se tornou segmento duro. Obviamente, micropolíticas permearam a vida de Guattari, e a questão não se resume a isso, nosso além preciadiano, aqui, nesse trabalho, que faz conexão das cartografias existenciais dos autores, é um agenciamento social-afetivo gerado pela droga. A esse agenciamento, Preciado chamou de “Princípio de autocobaia:

---

<sup>37</sup> Com pornografia *mainstream* estamos localizando um tipo de produção e circulação audiovisual de informações e conteúdos pornográfico, cujas características são a exploração e a expropriação dos corpos e subjetividades esteticamente padronizados, a masturbação compulsória transformada em lucro, através da frustração que muta em capital virtualmente circulado.

<sup>38</sup> Corpo sem Órgãos.

Eis o primeiro princípio de um movimento transfeminista capaz de encarar a modernidade pornopunk: seu corpo, o corpo da multidão, e as redes farmacopornográficas que o constituem são laboratórios políticos, ambos efeitos de processos de sujeição e controle de espaços possíveis de agenciamento político e de resistência crítica à normalização (TJ, p. 366).

Podemos, portanto, caracterizar esse princípio como contra-argumento ou contra-ação frente às farmacopornopolíticas de controle, produção, regulação, modulação e extração da vida e de capital das subjetividades. A obra *Testojunkie* parece ser, além de um protocolo de intoxicação voluntária, uma intensa e *underground* análise do capitalismo e das nano-infiltrações que suas máquinas instalaram em nossos corpos para gerar lucro. Pode-se até dizer que ela é mais *última* que *primeira*, pois, talvez a teoria escrita e argumentada pela linguagem natural, que fizesse frente às farmacopornopolíticas, não fosse suficiente, assim, a produção micropolítica anticapitalista é a escrita e a descrição das mutações do próprio corpo, a escrita aí incorporada, ou a inscrição das tecnologias de subjetividade por ela torcidas.

O princípio de autocobaia, como transformação política e modo de produção de saber comum, seria crítico na construção de práticas e discursos do transfeminismo e dos movimentos de libertação de minorias sexuais, raciais, de gênero e somatopolíticas. Segundo Haraway, para uma prática modesta, corporal, implicada e responsável de fazer política, para ser um sujeito político, é preciso começar por ser rato de seu próprio laboratório. Essa transformação é também a atualização, prática, física de modos de vida constantes dos frágeis arquivos e inovações teórico-políticas produzidos pelos movimentos de libertação negra, pelo feminismo e teoria *queer* e transgênero, pois, num contexto de guerra, toda essa constelação de pesquisas pode se destruir de maneira tão rápida, quanto um *chip* derretendo. Historicamente, isso ocorre diversas vezes. Preciado cita os livros e bibliotecas queimados e saqueados na China e na Grécia antigas, o período da Inquisição europeia, onde milhares de livros e obras acerca da produção de subjetividade foram esquecidos e destruídos, ou as pesquisas feitas por Hirschfeld sobre sexo e sexualidade, destruídas por Hitler. Logo, a autoexperimentação é a defesa do uso de produções discursivas como partes interessadas em um processo mais amplo de materialização técnica da vida que está ocorrendo no planeta.

### 2.6.1 CAPÍTULOS AUTO-EXPERIMENTATIVOS EM *TESTOJUNKIE*

A obra *Testojunkie* parece seguir uma lógica de livro-rizoma, livro aberto, livro-guerra que Deleuze e Guattari abordam no platô I, de *Mil Platôs*, cujos limites do que é livro e do que é corpo e vida parecem se borrar numa autoexperimentação como marcação e atualização da própria escrita e filosofia. Preciado é a prótese do livro ou o contrário? A testosterona, nesse protocolo que é o *Testojunkie*, ainda permanece sendo uma prótese? Parece que as respostas para essas questões não têm muita serventia, visto que antes da necessidade da verdade, vem o manuseio da dúvida e das incertezas. Uma obra que está aberta e faz, intercaladamente, com os capítulos filosófico-analíticos, ponte e encruzilhadas com as potências do corpo do filósofo e de seu agenciamento, embora aqui façamos a separação dos capítulos da obra por uma razão analítica, ainda que nela existam transversalidades dos fluxos de saber onde essa diferenciação não faz tanto sentido nos seus próprios ritornelos.

Como Preciado aborda, num pequeno texto sobre a coragem, no período que juridicamente nasce Paul B., intitulado *Coragem de ser você mesmo*, “porque falei nos meus livros das minhas práticas sexuais com dildos e próteses, contei minha relação com a testosterona. Esse é o meu mundo. Essa é minha vida, e eu não a vivi com coragem, senão com entusiasmo e júbilo” (PRECIADO, 2018, p. 17), ou seja, relata sua produção de subjetividade sexual, capítulos onde putaria lesbo-*queer*, uso de diversos tipos de drogas, luto e luta permeiam a confabulação de um capitalismo pós-industrial ejaculante.

As partes literárias, o que poderíamos dizer que resultariam em uma obra futura, visto que 10 anos depois, Preciado lança outra obra, *Um Apartamento em Urano*, que são crônicas muito semelhantes aos textos auto-experimentativos de *Testojunkie*, se iniciam com o autor vivendo a morte de seu amigo Guillaume Dustan: “Você apodreceu dois dias na mesma posição em que caiu morto. Melhor assim.[...] Eles o deixaram sozinho com seu corpo por tempo suficiente para abandonar toda esta miséria com calma” (TJ, p.17).



Preciado inicia esse livro no mesmo dia da morte de Guillaume, logo após aplicar 50mg de Testogel, sua “dose regular”.

Não tomo testosterona para me transformar em um homem, sequer para transexualizar meu corpo. Tomo simplesmente para frustrar o que a sociedade quis fazer de mim, para escrever, para trepar, para sentir uma forma pós-pornográfica de prazer, acrescentar uma prótese molecular à minha identidade transgênero *low-tech* feita de dildos, textos e imagens em movimento, para vingar sua morte (TJ, p.18).

A aplicação de testosterona continua, o protocolo é doméstico e ninguém sabe, dele. Porém, ele envia as aplicações que filma para *sites* de pessoas trans, onde circulam saberes e técnicas. Eis a força espiritual da testosterona no corpo: “se instala uma lucidez extraordinária na mente, acompanhada de uma explosão de vontade de trepar, caminhar, sair, atravessar a cidade inteira” (TJ, p.23). É diferente da cocaína e do *speed*. “Não me resta alternativa além de rever meus clássicos, submeter as teorias ao sobressalto provocado pela prática de tomar testosterona” (TJ, p. 23). Essas doses, essas medidas são práticas usadas, também, por suas amigadas trans, ou seja, ele não cria o protocolo da autointoxicação, pois este é parte do agenciamento coletivo de enunciação trans: “Somos usuários *copyleft*: isto é, consideramos os hormônios sexuais como biocódigos livres e abertos cujo uso não deve estar regulado nem pelo Estado nem confiscado pelas companhias farmacêuticas” (TJ, p. 59). A intenção não é mudar de gênero legalmente, pois aqui não se está combatendo disforias de gênero, mas hackeando-as.

Em determinado momento, é lida a bula do testogel, testosterona utilizada pelo autor. Ela é chamada de “manual de microfacismo”, visto que enuncia quem deve usar e como, isto é, alguém designado como homem ao nascimento, que possui um pênis e que está deficitário de testosterona. A droga é extremamente contraindicada para pessoas que foram designadas mulheres, pois seu uso causaria mutações irreversíveis. E, nesse mesmo momento da bula, é afirmado: “Não há categoria de depressão sem a molécula sintética de serotonina, assim como não há masculinidade clínica sem a testosterona sintética” (TJ, p. 65). Essa afirmação parece conter toda a conceitualização de *farmacorponografia*, ou seja, não que tais categorizações não existam fora dela, afinal, elas já existiam antes dos processos bioquímicos avançarem, e a *farmacopornografia* não atua enquanto regime semiótico

totalitário, mas sim como pressuposição de que nesse momento a masculinidade, a felicidade, a concentração etc. são agenciamentos somato-tecno-químicos, que estão sendo permeados pelos fluxos farmacopornográficos que os criam e a os manipulam como extratores de capital.

Virginie Despentes chega na vida de Paul no mesmo momento em que seu filme é censurado na França e que as políticas *queer* começam a surgir: “Ninguém sabe o significado da palavra *queer* na França dessa época. Terrorismo de gênero, de classe e de raça - isso sim lhes diz algo”. Há também Victor, amante de Preciado, que passa o dia no telefone, no emprego de telesexo:

Isso é o que os seguidores de Negri na esquerda radical chamam de ‘trabalho biopolítico’ - ou, em outras palavras, masturbar o pau planetário. Trata-se da transformação de nossos recursos sexuais em trabalho, de nossa sensibilidade em matéria comercializável, de nossa memória erótica em texto que será vendido pela quantidade de caracteres, dos nossos arranjos sexuais em cenários anônimos que poderão ser repetidos performaticamente por atores indiferentes (TJ, p.142).

Enquanto Victor trabalha com telesexo, Preciado escreve; ele parece já ter uma relação com a escrita menor, numa alusão ao conceito deleuze-guattariano de *literatura menor*,<sup>39</sup> pois está no êxtase de escrever em inglês, francês, espanhol, de caminhar de uma língua a outra, assim como está fluindo entre masculinidade, feminilidade e transexualidade: “O prazer da multiplicidade” (TJ, p. 144). Essas três línguas que crescem emaranhadas e que lutam para serem e não serem uma língua só, se transversalizam, encontrando sentido nessa mistura: “escrevo sobre o que mais me importa em uma língua que não me pertence” (idem). E, obviamente, tudo o que ocorre está envolto pela aplicação de *testogel*, de testosterona num corpo que nunca a teve nas doses que está recebendo.

O recebimento pelo corpo desse hormônio não é uma atividade passiva, visto que, ainda que se injete uma cadeia de significantes políticos assimiláveis ao corpo, essa molécula torna-se corpo; ora, injeta-se não apenas hormônio, mas o conceito de hormônio, isto é, uma série de signos, textos e discursos,; o

---

<sup>39</sup> Posteriormente falaremos da relação das crônicas de *Um apartamento em Urano* com a *literatura menor* deleuze-guattariana.

processo pelo qual este foi sintetizado, a sequência técnica pela qual foi produzido, uma cadeia de moléculas cristalinas de carbono esteroide solúvel em óleo, uma série de transações econômicas, um conjunto de decisões farmacêuticas, de testes clínicos, de grupos de opinião e de técnicas de gestão empresarial. É uma conexão a uma rede de intercâmbios e de fluxos econômicos e políticos que patenteiam a vida, com a eletricidade, com os projetos de pesquisa genética, com a hiper urbanização, com a destruição da biosfera, com a exploração de espécies vivas, com as minas terrestres de transmissão de informação via banda larga, com o avanço do vírus ebola e da mutação do HIV: “Dessa forma, eu me transformo em um dos conectores somáticos através dos quais circula o poder, o desejo, a libertação, a submissão, o capital, o lixo e a rebelião” (TJ, p.149-150). O rato de laboratório torna-se humano e o humano torna-se roedor, e Preciado, citando Guattari, diz que esse processo em si é uma revolução molecular em andamento, ou podemos denominar de tecno-molecular, visto não ser apenas a linha molecular que está em jogo, mas a relação biomolecular dosada pela subjetividade.

A testosterona adentrada ou enevoadada quando em contato com a corrente sanguínea não modifica a percepção da realidade nem o sentido de identidade, pois ela produz efeitos sutis, porém, determinantes de afetos na percepção interna do corpo (desde cerebral, como irritabilidade e tesão, ao fisiológico, como a disposição, o cheiro, a força física). Essa prótese é fluxo de mutação subjetiva, sua incorporação alucinatória faz agenciamento coletivo; ora, como não pensar em Guattari e Preciado juntos numa análise dos processos modulares da subjetividade, visto que se no primeiro a subjetividade é o encontro, o terminal desses fluxos, isto é, as múltiplas possibilidades vivas e não-vivas de disparos na produção de si, o segundo parece fazer uma análise profunda e prostética, a saber, investiga como esses agentes não-viventes, ou como estávamos chamando, essas próteses, compõem a subjetividade? Em Guattari (*Soft Subversions*), nos seus escritos sobre psicanálise, não é como se a subjetivação da criança, por exemplo, não ocorresse pelos pais, ou que o Édipo não exista, mas este não é o único e nem o mais importante processo de gênese da criança. O conceito de incorporação prostética de Preciado é, então, outra perspectiva da multiplicidade dos

agenciamentos coletivos pertencentes e produzidos pelas subjetividades, ora, borra-se o que é a si mesmo ao mesmo tempo que se produz a si mesmo nesse limbo.

Por que se incomodar mudando seu estado mental quando é possível mudar de *status* sexopolítico? Por que mudar de humor quando é possível mudar de identidade? Eis aqui a superioridade sexopolítica dos esteroides. [...] O que é preferível: mudar de personalidade e guardar o meu corpo, ou mudar de corpo e conservar meu modo atual de experienciar a realidade? (TJ, p. 253).

Tentamos nos parágrafos anteriores expor Preciado por si mesmo, como ele o fez, arreganhando sua vagina e seu cu para os dildos e para a experimentação, tentando tornar visível a ideia de que a própria obra é a linha de fuga do autor, sua própria vida enquanto atuação da tomada das tecnologias, enquanto micropolíticas da fabricação de outro ser: “O ser não é substância, e sim gel. [...] muito mais composto sintético do que uma consciência deseja, uma rede molecular pegajosa que procura abrir caminho para a vida” (TJ, p. 429).

### 2.6.2 PORNOFICAÇÃO

Retornemos ao tema da pornologia, da pornografia na filosofia de Preciado enquanto análise estrita, e não por produções auto-experimentativas-discursivas. Retomando o início da gozada-discursiva, vamos prosseguir e compreender a *pornificação do trabalho* como o processo de captura do sexo e da sexualidade pela economia, processo pelo qual o sexo se torna trabalho. Primeiramente, sexo não é do domínio privado e nem algo individual, até mesmo porque esses próprios locais existenciais não escapam de uma regulação política, e aqui, o sexo, a excitação, a demanda de ereção e de ejaculação existem no próprio centro da produção e da economia política da *farmacopornografia*: trabalho é sexo e sexo é trabalho, visto que o processo material de trabalho depende de um conjunto de trações sexuais, dos instintos psicossomáticos, das escalções hormonais, do estabelecimento de conexões sinápticas e da emissão de excreções químicas e seu objetivo não é satisfazer, mas excitar. A cadeia de excitação-frustração-excitação é mais eterna e produtora de subjetividades que o ser metafísico da história da filosofia: a

resposta para a ontologia é uma chupada no pau etéreo do ser e sua gozada disporia e controlaria todos os processos epistemológicos decorrentes.

A topologia desse trabalho é a pornofábrica: uma indústria tecnossomática cujos combustíveis são o esperma, o sangue, a urina, a adrenalina, a testosterona, a insulina, o silicone, os psicoestimulantes, os estrogênios, e os signos digitalizáveis que podem ser transmitidos em grande velocidade, seja o dígito, o texto, o som ou a imagem. Então, para compreender o trabalho farmacopornográfico, três âmbitos antes considerados periféricos em relação aos ciclos de produção e consumo devem ser destacados: [i] a produção, o tráfico e o consumo de drogas legais e ilegais, onde droga é entendida maquínica e abertamente, não sendo compreendida apenas como substância química, natural ou sintética, mas qualquer substância biologicamente ativa capaz de modificar o metabolismo das células sobre as quais faz efeito<sup>40</sup>; [ii] a produção, a circulação e o consumo dos materiais audiovisuais pornográficos, sendo pornografia, nesse caso, toda técnica audiovisual sexualmente ativa capaz de modificar a sensibilidade e a produção do desejo, de colocar em funcionamento ciclos de excitação-frustração e de produção de prazer psicossomático, de capturar o sistema corporal de produção afetiva; e [iii] o trabalho sexual ou a transformação da *potentia gaudendi* de um corpo em mercadoria por meio de um contrato de serviço sexual. O poder dessas três plataformas de produção de capital reside em sua capacidade de funcionar como próteses de subjetividade.

Se durante o século passado o poder se deslocou do controle da terra para o controle da manufatura e, depois, para o controle da informação e da vida<sup>41</sup>, o poder agora se estende ao sexo, ao gênero e à raça como codificações precisas da informação e da subjetividade, mas esses objetos da economia política contemporânea não parecem com o que foram os outros objetos de temporalizações anteriores. O desejo, o sexo e o gênero estão mais próximos da informação como sistema semiótico tecnoencarnado, são códigos vivos e, juntos com a informação, eles desafiam a propriedade a se tornar

---

<sup>40</sup> Signos e textos também são drogas maquínicas ou *farmakon*. Analisaremos essa produção na parte que dará conta da tóxicomania.

<sup>41</sup> Preciado está fazendo menção a disposição de poder soberano e poder disciplinar.

posse, visto que a posse de tal fragmento (gênero, informação, desejo, sexo) não o tira de outros. O prazer, o sexo, o gênero podem ser compartilhados sem que se tire algo de quem compartilhou; na verdade, compartilhá-los os multiplica. As grandes multinacionais farmacopornográficas não produzem nada, pois seu único objetivo é acumular e gerir patentes a fim de controlar a produção e a reprodução de corpos e prazeres: “Esta política do *copyright* que supervisiona a sexualização da produção e a conversão da vida em informação é o que denominei de *farmacopornopolítica*, seu propósito é transformar o [...] seu desejo e o meu em benefício abstrato” (TJ, p. 296), a saber, uma axiológica toxicopornopunk, visto que da mesma maneira que as multinacionais produzem cepas transgênicas cujas sementes, por exemplo, de milho, são inférteis, privatizando o germoplasma e controlando a produção mundial de milho, ao passo que distribui todo o planeta em potenciais consumidores dessas sementes, por meios imperativos, onde não há produção fora dessa patente, a indústria farmacopornográfica tende exponencialmente ao controle e à produção do corpo desejante. É o processo de conversão do sexo e do gênero em informação, por meio do qual o capital aspira a produzir e a possuir os modelos narcóticos audiovisuais, moleculares e narrativos que servem como modeladores da subjetividade desejante: “seu desejo, seu sexo e seu gênero são o novo supermilho transgênico da indústria farmacopornográfica” (TJ, p. 294).

Como exemplo de pornificação das cadeias de produção, Preciado cita o que chamou de “prostíbulo multimídia”, referindo-se a uma construção cujo fim era promover encontros entre trabalhadores do sexo e seus clientes durante a Copa do mundo de futebol de 2005. A construção de um bordel estatal não é invenção da Alemanha em 2005, mas uma estrutura que existe desde a Idade média<sup>42</sup>. Essa relação entre o esporte e a prostituição oferece chaves de compreensão do regime farmacopornográfico: se não houve uma radical fordização da indústria do sexo até agora, está ocorrendo uma rápida e severa pornificação das indústrias fordista e do entretenimento, pois ao invés de imaginar a prostituição como prática à margem dessas indústrias, melhor seria considerar o esporte em geral, e, muito especificamente o futebol, como parte da indústria farmacopornográfica planetária. Essa indústria controla redes de

---

<sup>42</sup> Acerca de bordeis e heterotopias sexuais, ver a obra *Pornotopia*.

*internet*, clubes, cadeias de produção, distribuição e difusão pornográficas, indústrias farmacêuticas de produção de drogas anabolizantes e outras moléculas para suplementar o corpo esportivo comercial e sexual e sua comercialização, e as cadeias de produção e distribuição de música, roupa, acessório e mercados derivados. E, segundo Preciado, em ambos, futebol e prostituição, a questão não é a venda do corpo, como desejam as feministas abolicionistas e os fundamentalistas protestantes e católicos, já que o trabalho no capitalismo contemporâneo é sempre a venda da força de comunicação e de excitação produzida por um corpo vivo, ou seja, a venda da *potentia gaudendi*. O específico de qualquer forma de produção farmacopornográfica é a assimetria de classe, gênero e raça e a deficiência no mercado em questão, bem como a assimetria da remuneração econômica e do *status* profissional: o que a indústria farmacopornográfica alemã colocou a serviço de consumidores foram os corpos erotizados e sexualizados dos esportistas e das trabalhadoras do sexo:

O processo de pornificação do trabalho, presente igualmente na indústria do espetáculo e na indústria sexual, extrai mais-valor farmacopornográfico de corpos racializados e pauperizados (corpos não brancos) aos quais o acesso legal ao território ocidental foi oficialmente vedado por qualquer outra via (TJ, p. 301).

Em cada momento histórico, um tipo de trabalho e de trabalhador define a forma de produção característica de uma economia específica. O corpo do trabalhador define sua precariedade e o regime de trabalho que está sendo explorado: o corpo da escrava e do escravo colhedores de algodão e sua reprodução definem a economia da *plantation*, o corpo da mulher define a reprodução heterossexual branca, o corpo do trabalhador e da trabalhadora da fábrica define a economia fordista, e o corpo da puta migrante, do transgênero trabalhador do sexo ou da atriz e do ator pornô definem a economia farmacopornográfica. A diferença entre a produção aparente (a produção legal de mercadorias autorizadas) e a produção real (produção de valor excitação-frustração) é tão importante aqui, que, ao longo da história, exceto pelos trabalhadores dos campos de concentração e da economia baseada na *plantantion*, nenhum outro trabalhador se via numa situação tão precária. Esses trabalhadores ultrapauperizados são as putas, os emigrantes, os pequenos

traficantes, os prisioneiros transgêneros não brancos, os corpos dedicados a trabalhos domésticos e de cuidado corporal e, finalmente, as crianças e os animais (corpos destinados a participar de testes clínicos ou serem consumidos pela indústria agroalimentar). Eles estão sobre o muro entre o que é humano e o não-humano, o que é cidadão e o que não é.

Para Preciado, essa caracterização da pornificação do trabalho e do corpo dos trabalhadores sexuais na economia farmacopornográfica aponta para a insuficiência da ideia de que há no capitalismo contemporâneo um processo de “feminização do trabalho”: seria preciso falar da pornificação deste e da produção do corpo e da subjetividade transgêneros e racializados em um regime farmacopornopolítico global (TJ, p. 303). O autor afirma que os “teóricos da feminilização do trabalho” aparecem quando falam da questão dos serviços não remunerados que as mulheres têm realizado ao longo da história, a exemplo da higiene das pessoas e das coisas, da gestão doméstica, da educação dos filhos, do cuidado com os doentes e com os idosos, da teia de redes de cooperação e solidariedade. Eles omitem, porém, os serviços sexuais e reprodutivos que fazem parte do trabalho não-remunerado, como se protegessem o domínio da sexualidade daquele da produção econômica: trata-se uma continuação do que Preciado pontua quando diz que os teóricos do capitalismo contemporâneo não se preocupam com o que acontece da “cintura para baixo”, isto é, o domínio do sexo, da sexualidade, do prazer continua sendo uma zona sagrada e um campo que não entra no cálculo econômico: “A maioria das análises do processo de transformação do capital virtuosamente evita o problema pegajoso da produção farmacopornográfica” (TJ, p. 303).

Segundo Preciado, a noção de feminização do trabalho usada por Marazzi, Lazzarato, Negri e Revel obscurece a razão para o aparecimento de um predicado de gênero, que foi posto como “apenas feminino” para descrever a atual mudança na trajetória do capitalismo, pois nada permite dizer que o modelo pós-fordista é mais feminino que o industrial, afinal, as mulheres não trabalhavam nos campos de algodão?

Dizer feminino para descrever a precarização progressiva do trabalho pressupõe uma heterocentricidade, uma metafísica da diferença sexual



e a precondição de uma “retórica de gênero” segundo a qual a certeza e a estabilidade e a permanência estão associadas ao industrial e ao masculino, e a flexibilidade, a mudança, a mobilidade e a precariedade implicam o pós-industrial e o feminino (TJ, p. 304).

Ora, segundo uma perspectiva de pornificação do trabalho, a feminização deste só se justifica pelo fato de que a produção virtual do corpo *cis* ou trans feminino e a performance da feminilidade fazem o “heteropau” global ficar rígido, ereto e duro! Ou seja, ainda que as mulheres tenham sido responsáveis por erguer o pau do mundo, nada justifica mantê-las nessa posição. Um dos índices de exploração do trabalho sexual e pornográfico é a impossibilidade de abandonar esse tipo de trabalho; ele leva ao limite a força ontológica de toda relação de exploração, pois num tempo em que o trabalho é flexível e a reinvenção profissional é comum, o trabalho sexual aparece como aquele que mais reduz o trabalhador a uma essência natural, carimbando-o pelo resto de sua vida, não existindo reabsorção deste pelo mercado em uma atividade produtiva diversa. Essa definição serviria também para mães e pessoas que geram em geral, que se tornam, também seres precarizados por definição e razão “natural”. Eles são uma espécie de trabalhadores que se assemelham a uma casta maldita, pois não têm valor em outra tarefa no mercado legal.

A restrição da prostituição como trabalho sexual e o controle dos circuitos de produção e circulação da pornografia não são uma tentativa de proteger os direitos das mulheres frente à objetificação sofrida; é justamente o contrário, pois o controle da emergência pública dos verdadeiros motores do capitalismo farmacopornográfico mostra outra coisa: é necessário negar que o sexo possa ser objeto de trabalho, de intercâmbio econômico, de serviço ou de contrato, pois a permissão e o manuseio digno desses trabalhos coloca em questão os valores puritanos do capitalismo “deixa[m] à mostra os autênticos valores pornôs que lhe são inerentes” (TJ, p. 307). Tenta-se de evitar por todos os meios o pânico social que ocorreria com a revelação de que não é a racionalidade e a produção, mas a *potentia gaudendi*, que sustenta a economia mundial, de admitir que, por trás da economia da máquina a vapor e do fordismo, se esconde e emerge o complexo industrial guerra-pornô-droga-prisão.

Alguns teóricos do capitalismo contemporâneo tentam definir como o trabalho cognitivo ou imaterial de fato é imaterial, ou seja, mesmo Negri e Hardt, chamando esse trabalho de “biopolítico”, adjetivo foucaultiano que faria referência ao corpo, mesmo tomando-o como sendo uma produção imaterial, tal corpo parece dessexualizado: “nenhum deles fala dos maravilhosos efeitos que uma dose de Viagra, acompanhada da imagem adequada, tem nos paus de filósofos” (TJ, p. 308). Para Preciado, então, esse trabalho seria farmacopornopolítico, cujo núcleo seria sexual, espermático, masturbatório, toxicológico e cujo benefício econômico seria o de produzir um efeito de pico, como a picada de heroína no braço ou a tragada do cachimbo de *crack*. Chamá-lo de imaterial não é suficiente, pois ele é, como o autor o denomina, *übermaterial* ou supramaterial, tecnomaterial, hipermaterial, já que sua textura é biológica, molecular, carnal e numérica, irredutivelmente sináptica e digitalizável. É trabalho medido em litros de fluxo, número de reações químicas e descargas musculares (economia ejaculatória). A difusão da expansão urbana e das redes de prostituição, a colonização de populações capazes de serem sexualizadas por meio da guerra ou do turismo sexual, a técnica de produção da feminilidade e da masculinidade de um corpo vivo, o controle de reações fisiológicas por compostos farmacológicos cuja fabricação e venda são pesquisadas e controladas pelas instituições médico-legais do Estado e pelas multinacionais farmacêuticas, a gravação digital e a produção de material pornográfico no espaço doméstico são todos sinais do aparecimento da produção *übermaterial*.

Em suma, do ponto de vista de Preciado, o trabalho contemporâneo não é imaterial e feminino, se não considerarmos o termo mulher como significante de todos os trabalhadores e trabalhadoras toxicológicos, afetivos, racializados e sexuais. As características do trabalho sexual são a falta de segurança, a venda de serviços corporais e emocionais a preço baixo, a exclusão do direito de residência. São os novos paradigmas do pós-fordismo do século XXI, quando o caráter viscoso da produção é estrutural e explícito, e quando nenhuma estrutura de produção capitalista funciona sem a ajuda de um dispositivo masturbatório e sem certa quantidade de esperma derramado: a indústria cultural e do espetáculo, a telecomunicação, a programação

informática, a indústria do armamento, a indústria farmacológica etc., todas se tornam progressivamente pornificadas.

Retomando o conceito de pornificação do trabalho, ou seja, a dimensão orgásmico-afetiva da produção, lembramos que este se caracteriza pela transformação em valor capital (mais valor) pelo contato dos corpos, pela excitação dos centros bioquímicos da produção hormonal, pela produção e transmissão de afetos, pela recepção de um impulso audiovisual, pela conexão do neocórtex com os vasos sanguíneos que irrigam o corpo cavernoso do pênis, do clitóris e da pele, por uma resposta a determinada substância por um metabolismo bioquímico específico sob a forma de prazer imediato ou tardio. E, as análises marxistas que lidavam minimamente com questões de trabalho reprodutivo, o máximo que analisavam referente à produção sexual e afetiva, faziam-no por meio do conceito de “divisão sexual do trabalho”, para expressar o trabalho das portadoras de óvulos. Todavia, se quisermos considerar as condições a produção farmacopornográfica, devemos, segundo Preciado, modificar radicalmente nossa abordagem, pois a “divisão sexual do trabalho” indica a divisão reprodutiva das espécies, delimitando uma segmentação estrutural entre corpos com úteros capazes de levar a cabo o desenvolvimento de um feto viável e corpos sem útero ou com útero, mas sem possibilidade de gestação. Ou seja, essa noção de que a diferença entre trabalho de produção e de reprodução é sexual pressupõe a coincidência entre o corpo de mulher e corpo com útero fertilizável, mas a relação entre feminilidade e reprodução é assimétrica, já que nem todo corpo do gênero feminino é capaz de gerar e, ademais, o tempo gasto na reprodução não equivale à totalidade da vida do sujeito. Então talvez faça mais sentido falar de “divisão do trabalho não gestacional e tecnorreprodutivo”.

Para além dessa assimetria referida, o conceito de “divisão sexual do trabalho” timidamente aponta para o caráter normativo heterossexual da reprodução, como se essa fosse a única maneira de reproduzir, e a natural. Ora, as instituições heterossexuais e as práticas sexuais são técnicas, como quaisquer outras, que foram legitimadas sociopoliticamente e naturalizadas pela tradição e pela lei; elas não possuem densidade ontológica. A pílula, em meados do século XX, escancarou o fato de que nem todo trabalho reprodutivo

é sexual, e mostrou que nem todo trabalho sexual é reprodutivo, ainda que ela não tenha liberado as mulheres *cis* do peso de ambos os trabalhos.

A esfera do trabalho porno-tóxico, como já dito antes, é uma daquelas que mais pauperizam a vida. Preciado pondera que na fábrica farmacopornô cada trabalhador tem a condição de “penetrante-penetrável”, aquele facilitador de secreção, como fornecedor de alguma coisa para injetar ou de um corpo viciado. É a proletarização global do sexo, privada de consciência crítica e de ação política que multiplica as ocasiões e as formas de opressão e submissão, estas que não desaparecem com a divisão pornográfica do trabalho, mas se multiplicam e se transformam.

Como todo corpo é capaz de produzir excitação sensorial de algum tipo, todo corpo pode chupar ou ser chupado, ou seja, a divisão do trabalho sexual não depende de uma condição natural, mas de uma especialização técnica, de uma programação somatopolítica. Mas a conjuntura é um pouco diferente, isto é, nos encontramos numa ecologia somatopolítica diversa, na qual apenas corpos de mulheres *cis*, mulheres trans e *gays* são consideráveis como corpos possivelmente penetráveis e, de maneira semelhante, apenas os homens *cis* seriam os penetrantes universais. Porém, com a crescente tecnificação da produção do prazer e da reprodução, essa divisão vem se desestabilizando. No fim, o interesse do capital é pela capacidade de todo corpo dotado de subjetividade política sentir prazer e provocar prazer em outros corpos dotados de subjetividade masturbatória. Ora, o objetivo do capitalismo nunca foi a produção de prazer, pelo menos como fim em si, e sim o controle da subjetividade política por meio da gestão do circuito de excitação-frustração: “A finalidade do pornô, como a do trabalho sexual, é a produção de satisfação frustrante” (TJ, p. 319) e, esse novo proletariado farmacopornográfico não é apenas um sujeito econômico comprometido a produzir mais valor sexual e toxicológica, mas é uma nova forma de sujeito político.

Por fim de nossa trajetória no gloryhole da pornologia, Preciado nos dá uma definição farmacopornográfica da sexualidade. Trata-se de uma atividade tecno-orgânica que corresponde ao tipo de *práxis* em que a produção é inseparável do ato de produzir; e é uma atividade que não tem produto, pois é

uma prática que encontra sua própria realização em si mesma. Preciado recorre a Marx, porém, para explicitar que o modelo do trabalho improdutivo é o trabalho sexual. Marx e Engels já tinham definido que a prostituição era o complemento estrutural da instituição burguesa do casamento monogâmico, todavia, esqueceram o essencial do trabalho improdutivo, realizado por trabalhadoras e trabalhadores cuja atividade virtuosa consiste em excitar e produzir prazer. O trabalho sexual deve ser pensado como a *poiesis* farmacopornográfica e como pertencente ao “trabalho improdutivo” marxista, onde nenhuma capital é investido, mas o salário é pago, pois é sempre trabalho vivo e corporal, mas ainda que não haja capital investido aí diretamente, o trabalho improdutivo é dependente do que Marx chamou de “cooperação”: ele precisa de um espaço publicamente organizado, de uma audiência, e, por fim, de cooperação intelectual. O mesmo ocorre com o trabalho sexual, pois a relação da trabalhadora do sexo ocorre apenas num espaço estruturado publicamente, é uma relação espetacular, de representação e comunicação, onde o cliente não consome nada, apenas a fantasia que é encarnada fisicamente pela trabalhadora.

Logo, se teóricos do pós-fordismo denominaram de *General Intellect*, a noção marxista de cooperação, a potencialidade comunicativa de cérebros como uma nova plataforma de produção capitalista, Preciado interpreta diversamente esse conceito. O *General Sex*, segundo o autor, enfatiza a cooperação entre corpos, desejos, pulsões, fluxos orgânicos, moléculas e prazeres mobilizados pelo capitalismo farmacopornográfico. Esse capital é elaborado pelo conjunto de relações corporais e sexuais que estruturam relações de dependência, pela produção dos circuitos de excitação-frustração que sedimentam camada após camada a força de trabalho sexual, afetando toda a extensão do processo de produção, ou seja, toda relação farmacopornográfica pode se transformar em capital fixo. Esse trabalho sexual vivo pode ser capturado e convertido em propriedade de uma empresa, pode se tornar produtivo e competitivo num plano internacional, e sua produtividade não pode ser medida na quantidade de produção por hora trabalhada, mas deve referir-se a um conjunto de fatores de excitação-frustração que caracterizam o corpo tecnovivo, e que transcendem o trabalhador individual:

Uma onda de coca de sete minutos ou um orgasmo de 25 segundos asseguram a existência de um sistema eficaz cibernético de partilha e intercâmbio de documentos, arquivos e hipertextos e são suficientes para justificar toda uma cadeia oculta de produção e distribuição virtual de moléculas e corpos, de imagens e sons (TJ, p. 323).

O *General Sex*, então, é a comunicação excitante, a potência masturbadora global, a conexão de subjetividades potencialmente satisfatória, o impulso para o gozo comunitário que viaja pela multidão convulsionando a totalidade de corpos-produtores excitáveis de capital e sua prática ocorre na comunicação da excitação, nas formas de paradigmas performativos (aqui como teatralização dos papéis de gênero e dos jogos sexuais) e das doses psicotrópicas por meio de variações moleculares incessantes e modulações hormonais. É pelo conceito de *General Sex* que entendemos que masturbação e “pico” nunca são atividades solitárias, mas vibrações de corpos cooperantes, efeitos de uma prática coletiva do trabalho sexual ou farmacológico sobre um corpo orgásmico vivo que jorra capital por todos os lugares. A cooperação dos corpos absorve qualquer outro tipo de trabalho produtivo, onde toda mercadoria é simultaneamente incitação ao prazer sexual e frustração desse mesmo prazer.

Mesmo retomando Marx para fundamentar conceitos como *divisão pornográfica do trabalho*, *pornificação do trabalho*, *capitalismo ejaculatório* etc., para Preciado, a dimensão produtiva de serviços sexuais e domésticos prestados pelas mulheres, pelas classes trabalhadoras e pelos corpos colonizados passou quase despercebida. O autor utiliza também Georg Simmel, que em 1892 já desenvolve uma teoria dos serviços sexuais, colocando a prostituição como parte da teoria moderna, pois além de colocar o corpo da prostitua junto com aqueles que trabalham nas minas, os realizadores de serviços ingratos, o autor mostra que o trabalho sexual não pode ser reduzido ao simples fato de bater punheta, assim como o trabalho nas minas não é apenas bater pedras; existe todo um esforço, uma formação anterior, e esses trabalhadores e trabalhadoras levam suas conexões para executar o trabalho. E ainda retalhando a teoria marxista acerca do trabalho sexual, à produção improdutiva característica desse trabalho, Preciado acrescenta a dimensão técnica e mecanizada do trabalho sexual, percurso que abre caminhos para a industrialização do sexo.

Industrialização esta que com a produção farmacológica e a produção da sexualidade e da comunicação, no século XX, acontece, todavia, diferente do trabalho de informação-comunicação da indústria cultural, pois o trabalho toxicomaniaco e pornográfico massificado permanece no âmbito *underground*: “fora dos livros, no lado não assalariado, não sindicalizado, no lado ilegal ou marginal” (TJ, p. 325). Como mencionamos anteriormente, o trabalho farmacopornográfico apoia e dá vida a outra economia contemporânea, ou seja, a produção tóxico-pornô do prazer modela todas as outras formas de produção, o substrato do trabalho é escorrimento viscoso excitante/excitado:

O regime farmacopornográfico eleva-se sobre as ruínas deixadas pela Segunda Guerra Mundial. Sua ereção cresce como o cogumelo da bomba atômica. O legado psicopolítico (violência máxima, excitação máxima, toxicomania coletiva, sintomas pós-traumáticos) e tecnológico (redes de comunicação por meio da ciência da computação, digitalização de dados, novas moléculas e novos materiais sintéticos etc.) da indústria experimental da guerra é permitir a implementação em escala global das novas técnicas de produção de prazer (excitação-frustração) no corpo tecnovivo (TJ, p. 332).

E, essa tecnologização do trabalho sexual não se desenvolve por uma presença massiva e mais intensa de ferramentas técnicas para a sexualidade, mas por um segmento mais sutil e mais preciso, a saber, a produção biotecnológica do corpo da trabalhadora do sexo, que Preciado chama de “devir-ciborgue-do-trabalhador-do-sexo”: a máquina mais qualificada para chupar paus é a boca siliconada, silenciosa e politicamente subalterna de uma mulher, cis ou trans, sem acesso à identidade administrativa e à cidadania plena. Elas são máquinas-corpos-vivos, trabalhadores que se tornaram uma biomáquina sexual, corpos sexuais enquanto mecanismos ejaculatórios e corpos sexuais ejaculantes. Mas ressaltamos, não há aí determinação natural, nem de sexo, nem de gênero ou de raça, pois as diferenças são apenas resultados dos processos de especialização política, a saber, sob a intenção de extração de *potentia gaudendi*, qualquer corpo pode devir tecno-puta multimídia.

Por fim, já destacamos que trabalhadores farmacopornográficas ocupam o lugar das máquinas mais vulneráveis historicamente, e, em relação a esse fato, Preciado assinala que as zonas de produção pornográfica e de trabalho sexual ocupam uma posição estrutural semelhante à prisão, pois ambos os

complexos, industrial-penal e indústrias do sexo, estão sob exploração máxima: são “verdadeiros oásis do capitalismo *übermaterial*” (TJ, p. 330). A pornografia e a prisão são as únicas indústrias que funcionam nas sociedades democratas e humanistas segundo um regime pós-escravista: funcionam por segregação racial e de gênero, fornecem salários-mínimos e inexistentes, proíbem sindicatos ou o direito a greves, férias ou seguro-desemprego. São complexos nos quais os trabalhadores foram privados de todo direito civil e de todo privilégio econômico e moral, a exemplo do código penal francês, e de outros códigos penais de outras democracias, onde funcionam as técnicas que permitem deslegitimar e dessubjetivar os corpos dos trabalhadores pornôs pela condenação da comercialização e do consumo de drogas, do trabalho sexual, assim como da produção e do consumo de materiais audiovisuais pornográficos, ou seja, onde a *potentia gaudendi* é manobrada para ser usada por baixíssimos custos ou de graça

Terminamos este capítulo destrinchando como Preciado pensou o *modus operandi* de sua concepção do capitalismo contemporâneo. Ora, seus argumentos e explanações deixam evidente, no mínimo, que os complexos multimídia narco-pornográficos tem uma ação violenta, brutal, ao mesmo tempo que sutil, miniaturizada e quente, tanto na produção da subjetividade farmacopornográfica quanto na produção de capital branco e viscoso. O CMI guattariano alcançou formas de outros níveis de expansão, que como já havia pensado Guattari, não mais no nível quantitativo e geográfico, mas na própria fabricação da subjetividade. Porém, a farmacopornografia é a atualização da cibernética e da circulação de informação e capital financeiro, a tecnificação do ser e da fabricação total do corpo. Será que Guattari chegou a ficar de pau duro com uma coelhinha da Playboy? Será que como os teóricos que citamos anteriormente, ele negligenciou o trabalho das putas que ele e seus colegas pagavam para gozar? Pensamos que a concepção da farmacopornografia escancara desejos que nem os teóricos do desejo se permitiram pensar.



### 3 TECNO-ECOSOFIA

Neste momento do trabalho, posterior à explanação de como o capitalismo contemporâneo funciona e como, por extensão e intenção, ele desenvolve suas tormentas para a produção de capital: através da extração da potência dos corpos, não como uma contraposição, nem sob uma perspectiva binária, mas como uma retroalimentação entre as armadilhas do capital e a produção de subjetividade, isto é, no capitalismo contemporâneo ou no CMI ou na farmacopornografia, mercadoria, produção de mais-valia etc. não estão desligadas, se é que um dia estiveram. Tratamos, assim, em vários momentos, da produção, da modulação e da normatização de subjetividade.

Começamos com Guattari, chegamos a Preciado. Talvez seja interessante concluir esse trabalho ativamente utilizando de ambos os autores para explicitar a subjetividade enquanto produto e contra-produto dos capitalismos que abordamos anteriormente. Enquanto abordávamos o *modus operandi* de cada autor para pensar o capitalismo, formas essas que se nutriam uma da outra, passamos pelos processos de subjetivação como produção óbvia do maquinismo capitalista, explicitando os fluxos capitalistas. Agora, porém, percorreremos a linha e a velocidade da subjetividade, dando ênfase aos encontros heterogêneos dos modos de subjetivação ocasionados nas subjetividades que tentam escapar aos estratos duros, eternos, fechados.

Iniciemos, então, trazendo o filósofo francês, que no seu texto de 1989, fala sobre um novo movimento que trataria de múltiplas faces permitindo as instâncias e os dispositivos analíticos e produtores de subjetividade: a ecosofia. A pequena obra intitulada *As três ecologias* nos permite cada vez mais suspeitar de seu movimento de conjuração da farmacopornografia, pois:

O capitalismo pós-industrial que, de minha parte, prefiro qualificar como CMI, tende, cada vez mais, a descentrar seus focos de poder das estruturas de produção de bens e de serviços para as estruturas produtoras de signos, de sintaxe e de subjetividade, por intermédio, especialmente, do controle que exerce sobre a mídia, a publicidade, as sondagens etc. (GUATTARI, 2012, p. 30).

Ora, a conjuração do CMI é o momento no qual o planeta Terra vive um período de intensas transformações técnico-científicas, adjunto com os desequilíbrios ecológicos e a deterioração dos modos de existência coletivos e

individuais. A mídia<sup>43</sup> opera padronizando comportamentos, ou seja, a produção de subjetividade se encontra comprometida numa espécie de movimento geral de implosão e infantilização regressiva, e as formações políticas e instâncias molares não parecem muito eficazes em apreender essa problemática, tampouco em atuar nos diversos níveis necessários. Por exemplo, quando tomam ciência dos perigos ambientais, suas medidas são apenas nos campos industriais, sob a perspectiva tecnocrática, ao passo que enquanto não houver uma resposta ético-estético-política ou ecosófica, passando por três registros ecológicos, meio ambiente, relações sociais e subjetividade humana, não haverá verdadeira resposta frente às atrocidades já em operação do CMI.

A revolução que desse conta das forças visíveis em larga escala, também deveria atuar nos domínios moleculares da sensibilidade, da inteligência e do desejo, não se baseando apenas nas valorizações dominantes das atividades humanas: [i] o mercado mundial, que coloca num mesmo plano de equivalência os bens materiais, os bens culturais e áreas naturais e [ii] o modo como esse mercado trata em conjunto as relações sociais e internacionais sob a direção das máquinas policiais e militares. Se por um lado se instauram novas potências industriais, onde se encontram princípios de tensão social e estimulação do desespero com a instauração crônica de desemprego e da marginalização cada vez maior de populações vulnerabilizadas, por outro lado, a instauração a longo prazo de imensas zonas de miséria, fome e morte é o movimento consciente do CMI. Esse capitalismo, segundo o analisamos no primeiro capítulo, opera constantemente por paradoxos internos: em todo lado encontramos o desenvolvimento contínuo de novos meios técnico-científicos potencialmente capazes de lidar com os problemas ecológicos e, ao mesmo tempo em que prevalece a incapacidade das forças sociais se organizarem e das formações subjetivas constituídas se apropriarem desses meios para torná-los operativos nesse sentido.

---

<sup>43</sup> Com mídia, Guattari [em que obra?] está especialmente abordando programas televisivos em maior escala e, em menor, programas de rádio. Todavia, podemos estender a importância, o alcance e a eficácia para a *internet* na época farmacopornográfica.

Frente a esses processos, não se trata mais de fazer funcionar uma ideologia de maneira unívoca, mas sim de trazer à tona uma nova referência ecosófica que indique linhas de recomposição das práxis humanas em todas as escalas, individuais e coletivas, tanto no que concerne à vida cotidiana quanto ao que concerne à reinvenção da democracia e ao debruçar sobre o que poderiam ser os dispositivos de produção de subjetividade, com a intenção de uma ressingularização individual e coletiva, em contrapartida à usinagem da mídia. A ecosofia é uma perspectiva ética-estética-política que atravessa as questões do racismo, da misoginia, dos desastres legados pelo urbanismo predatório, para encontrar o horizonte de uma criação artística liberta do sistema de mercado, de pedagogias capazes de inventar seus mediadores sociais; em suma, uma perspectiva da produção de existências humanas em novos contextos históricos.

Posterior a essa introdução do que seria a ecosofia guattariana e de como ela traz o tema da ênfase na subjetividade, entramos de fato nele: como temos postulado severamente durante todo esse trabalho, movimentos, ações, fluxos, tentativas de ações frente ao capitalismo precisam lidar com a subjetividade, então, seguimos analisando como ela funcionaria sob a perspectiva ecosófica. “O sujeito não é evidente: não basta pensar para ser como proclamava Descartes” (GUATTARI, 2012, p. 17), ou seja, inúmeras maneiras de existir se dão fora da consciência, e o sujeito é uma mera fase terminal do processo de subjetivação, no sentido de um dos fins de alguns fluxos ou cortes operados. Para Guattari, de uma maneira simples, talvez fosse melhor falar em componentes de subjetivação ao invés de sujeito, separando os conceitos de subjetividade e indivíduo, visto que os vetores de subjetivação não necessariamente passam pelo indivíduo, e a subjetividade se instaura no cruzamento de múltiplos componentes relativamente autônomos uns em relação aos outros e discordantes entre si.

Guattari já nos alerta em seu texto que seu argumento pode muitas vezes ser refutado sobre a égide das infraestruturas, das estruturas e dos sistemas, utilizando de paradigmas pseudocientífico das ciências duras como base, como se houvesse um superego cientista que exigisse reificar as entidades psíquicas e impusesse que só fossem apreendidas através de

coordenadas extrínsecas. O que resulta desse fato é que as ciências humanas e sociais deixaram escapar as dimensões criativas, evolutivas e autoposicionantes dos processos de subjetivação: “Aliás, as melhores cartografias da psique ou, se quisermos, as melhores psicanálises não foram elas à maneira de Goethe, Proust, Joyce, Artaud e Beckett, mais do que Freud, Jung e Lacan?” (GUATTARI, 2012, p. 18). Modelos de subjetivação houve sempre e alguns se destacaram em cada momento e, quando Guattari escreve, o que ele chama de freudismo continua a obcecar as maneiras de compreender a sexualidade, a infância, a neurose etc. Ora, a intenção não é de ultrapassar ou apagar os modos freudianos, mas de reorientar seus conceitos e práticas, retirando-os do mar pré-estruturalista de uma subjetividade ancorada no passado individual e coletivo.

Um novo paradigma ético-estético dos modos de existência sublinharia a responsabilidade e o necessário engajamento não apenas de operadores das áreas “psi”, mas de todos que podem intervir nas instâncias psíquicas individuais e coletivas: educação, saúde, cultura, esporte, arte, mídia, moda, visto que tais operadores não podem se esconder atrás de uma neutralidade fundada sobre um *corpus científico*. Todo novo impulso de análise, seja qual for o operador, potencialmente é capaz de se desenvolver e proliferar longe do equilíbrio ordinário; pode-se então, evoluir, inovar, inaugurar uma abertura sem que se valha de fundamentos teóricos assegurados pela autoridade de um grupo, de uma escola, de um conservatório.

A ecosofia, em cada um de seus focos existenciais parciais, se esforça em detectar vetores potenciais de subjetivação e de singularização: “Em geral, trata-se de algo que se coloca atravessado à ordem ‘normal’ das coisas - uma repetição contrariante, um dado intensivo que apela outras intensidades a fim de compor outras configurações existenciais” (GUATTARI, 2012, p. 28). Também se encontram operações eco-lógicas operando na vida cotidiana, nos diversos segmentos da vida social, locais estes em que cada vez mais aparece a questão da constituição de um território existencial, ao passo que o CMI tende cada vez mais a descentrar seus focos de poder das estruturas de produção de bens e serviços para as estruturas produtoras de signos, de sintaxe e de subjetividade, através do controle que exerce sobre a mídia, a

publicidade, as sondagens. Ainda que Guattari separe diferentes semióticas, nos quais se diferem qualitativamente: econômicas, jurídicas, técnico-científico e de subjetivação, não há uma hierarquia entre os regimes pelos quais o CMI age, ou seja, é através de um bloco só, produtivo-econômico-subjetivo que a ação se dá.

Uma ecologia social, aquela que lida com os modos de subjetivação, de maneira mais direta, deve trabalhar nas reconstruções das relações humanas em todos os níveis do *socius*, visto que, como abordamos anteriormente e em todo este trabalho, o poder capitalístico se desterritorializou pela expansão, ao ampliar seu domínio sobre o conjunto da vida social, econômica e cultural, e em intenção ao penetrar estratos subjetivos do inconsciente: “Longe de buscar um consenso cretinizante e infantilizante, a questão será, no futuro, a de cultivar o dissenso e a produção singular de existência” (GUATTARI, 2012, p. 33), pois a subjetividade capitalística está manufaturada de modo a premunir a existência contra toda intrusão de acontecimentos suscetíveis de atrapalhar e perturbar a opinião; toda singularidade deve ser evitada, pois gera para gerar infância, amor, arte, assim como angústia, loucura, morte, o sentimento de estar perdido. E é sobre esses dados existenciais que o CMI se constitui como agregados subjetivos maciços.

Logo, é frente a esses emaranhados heterogêneos que as práticas ecológicas devem se articular, com o objetivo de tornar ativas as singularidades isoladas, recalcadas, considerando sintomas e incidentes fora das normas como índices de um trabalho potencial de subjetivação: “Parece-me essencial que se organizem assim novas práticas micropolíticas e microsociais, novas solidariedades, uma nova suavidade juntamente com novas práticas estéticas e novas práticas analíticas das formações do inconsciente” (GUATTARI, 2012, p. 35). Ou seja, seguir essas práticas seria a única via para não mais trabalhar para um universo semiótico capitalístico. Uma reconstrução das engrenagens sociais é necessária para fazer frente aos destroços do CMI, porém menos por reformas de cúpula, leis, decretos, programas burocráticos, e mais por práticas inovadoras, disseminação de experiências alternativas centradas no respeito à singularidade e no trabalho permanente de produção subjetiva, esta que vai adquirindo autonomia e se articulando com o resto da sociedade.

Um ponto primordial da ecologia social seria fazer transitar a era midiática capitalística para uma era pós-mídia, onde haveria uma reapropriação da mídia por uma multidão de subjetividades autorreferentes, capazes de girá-la para o lado das ressingularizações. Essa tomada parece um pouco utópica, porém no momento histórico das revoluções informáticas, do surgimento das biotecnologias, da criação acelerada, de novos materiais e da maquinização cada vez mais fina do tempo, novas modalidades de subjetivação estão surgindo. O paradoxo dos momentos mais complexos serem os locais existenciais em que surgem linhas de fuga se estende por todas as ecologias<sup>44</sup>, e o ponto de Guattari não é nos fornecer um modelo de sociedade e de luta prontos para serem usados, mas o propósito de assumir o conjunto de componentes ecosófico, cujo objetivo é gerar novos sistemas de valorização, tais como a rentabilidade social, estéticas, valores de desejo, não apenas a valorização de mercado fundado no lucro. E, mesmo o sistema de valorização capitalística tem uma brecha em si: seu equivalente geral, que aplaina todos os outros modos, que ficam alienados à sua hegemonia:

A isso conviria senão opor, ao menos superpor, instrumentos de valorização fundados nas produções existenciais que não podem ser determinadas em função unicamente de um tempo de trabalho abstrato nem de lucro capitalista esperado (GUATTARI, 2012, p. 51)

A promoção de valores existenciais e de valores de desejo não se apresenta como uma alternativa global, mas como deslocamento generalizado dos atuais sistemas de valor e da aparição de novos polos de valorização.

Se pensarmos pelo prisma de subjetividade ciborgues, alucinadamente prostéticas, talvez, semelhante ao movimento proposto por Haraway, referindo-se ao “tecno-biopoder” (TJ, p. 47), talvez devêssemos localizar uma quarta ecologia, entre a social e a mental, visto que, mesmo Guattari pensando numa subjetividade maquinica, cuja ergonomia tem grande influência de tecnologias molares e moleculares de agenciamento, no regime

---

<sup>44</sup> Quando escrevemos “ecologias”, estamos fazendo referência às três ecologias que Guattari traz no texto com o mesmo nome. Seriam elas: a ambiental, que lidaria com as questões macropolíticas e de longevidade dos problemas climáticos, acentuando que mutá-los é também trabalhar as atividades humanas; a social, que lidaria com processos de subjetivação; e a ecologia mental, como aquela que trabalharia com os dramas do inconsciente, os direcionando a um maquinismo, ao invés de a recalcamientos. Aqui nomeamos apenas a ecologia social pela ênfase no problema da subjetividade, entendendo que todas se penetram e se compõem, ou seja, a ecosofia é um movimento que atinge por essas três vias.

farmacopornográfico, o alcance e a potência dos modos de subjetivação biomoleculares e semiótico-técnicos se diferenciam das escala mental e social. Talvez pudéssemos compreender a “tecnosofia biomolecular” como uma esfera que levasse em conta as incorporações prostéticas através da droga e da circulação de imagens e dados e da pornografia, entendendo que o aspecto de sujeição social pode ser compreendido nas ecosofias mentais e sociais. A servidão maquínica viscosa e contaminada da farmacopornografia, porém, opera sobre aspectos infra-pessoais que talvez merecessem uma adição às análises guattarianas.

A ecosofia, por fim, é um movimento heterogêneo que dá lugar a instâncias e dispositivos ao mesmo tempo analíticos e produtores de subjetividade, sendo esta tanto individual quanto coletiva. Ela transborda circunscrições individuais e enclausuradas em identificações e abre-se em todas as direções: para o *socius*, para *phylum* maquínicos, universos de referências técnico-científicos, mundos estéticos, apreensões que Guattari chama de pré-pessoais do tempo: “subjetividade da ressingularização capaz de receber cara a cara o encontro com a finitude sob a forma de desejo, da dor, da morte” (GUATTARI, 2012, p. 55), a saber, novas práticas sociais, novas práticas estéticas, novas práticas de si, subjetividade em estado nascente, do *socius* em estado mutante, do meio ambiente no ponto em que pode ser reinventado.

### 3.1 SUBJETIVIDADE DROGADA

Talvez não possamos dizer propriamente que Preciado empunhava um movimento ecosófico. Todavia, se considerarmos muitas práticas e analíticas semelhantes ao que Guattari disse ser a ecosofia, a saber, esse novo movimento que trataria de múltiplas faces permitindo as instâncias e os dispositivos analíticos e produtores de subjetividade, nos parece legítimo afirmar que Preciado trabalhou de maneira direta e indireta as ecologias, ou talvez, tecnosofias, visto que se a subjetividade opera por incorporações alucinatórias de próteses, na farmacopornografia, o lidar com a biosfera apenas seria por aparatos técnicos.

Nesta parte final do nosso trabalho, nos debruçamos sobre o aspecto implosivo da subjetividade, daquele que a organiza de maneira que ela não seja apenas um sujeito-ejaculante-morte, segundo os termos encontrado no *Testojunkie*, em que o autor dá alguns indícios sobre esse caráter. Preciado deixa, porém, apenas o último capítulo e os capítulos auto-experimentativos deste livro, assim como toda a obra *Um apartamento em Urano* (2019), e esse, visto que antes de adentrar nesses textos, que não necessariamente indicam de maneira lógica-discursiva suas pressuposições, é preciso compreender de maneira mais profunda como Preciado expõe o aspecto toxicomaniaco da subjetividade.

A forma como o autor introduz o farmacopoder, ou a explicação de como o poder se estende em dispositivos micro-prostéticos, exige a escrita de uma genealogia dos hormônios, pois num contexto dominado pela comunicação, pela viagem, pelo comércio, pela conexão e distribuição, compreender os corpos desejantes e livres, passa por compreender os fluxos disparados pela imprensa, pela Revolução Industrial, o magnetismo e a eletricidade, a organização da cidade moderna e a comunicação à longa distância, e, então, não seria estranho o interesse pela circulação de fluidos e pela transmissão de informação dentro do corpo para inventar os hormônios como secreções comunicantes. Desde o início do século XX até hoje, o processo de imaginação e conceitualização hormonal, bem como suas técnicas de produção, começa pela utilização de animais e, depois, de cobaias humanas, geralmente, provindas de instituições de reclusão disciplinar ou de populações de territórios colonizados.

No mesmo ano no qual Freud está escrevendo ensaios sobre sexualidade e estava imaginando uma nova geografia invisível na qual estariam em jogo o desejo, os afetos e a identidade sexual dos sujeitos, William Bayliss criava o conceito de hormônio e a biotecnologia também avançava sobre a subjetividade e a sexualidade, transformando-as em nós bioquímicos de gestão técnica. Da mesma maneira, enquanto Freud estava inventando a sexualidade como uma entidade independente do sexo anatômico, Bayliss estava estudando as reações humanas como efeitos de substâncias produzidas em diferentes partes dos corpos, que depois serão chamados de



hormônio, do grego *horman*, excitar ou ativar, o mensageiro independente do sistema nervoso, ou seja, um outro sistema. E no contexto de telecomunicações, tráfego e comércio, o hormônio se torna a nova teoria das informações e quebra, epistemologicamente, com o modelo de corpo mecânico, assim como com o modelo psicológico do inconsciente sexual: um novo diagrama do indivíduo moderno como uma rede de comunicação bioquímica silenciosa, um entrelaçamento complexo de circuitos densamente conectados que emitem, recebem e recodificam informação bioquímica.

A questão do novo modelo de indivíduo moderno é que o poder não mais atua apenas pela lei e pela punição inscritas, mas por uma interioridade densa e intensa à vida, e o controle político ocorre, também, por troca, tráfego e comunicação. O hormônio funciona sob a lógica da teleação: ele tem a capacidade de modificar um órgão por meio da emissão de informação biocodificada sob certa distância; logo, ele implica transporte, difusão, exportação, disponibilidade para uso extra-doméstico, fluxo, escape, fuga, mas também leitura, descodificação e tradução: “uma mensagem química, uma biochamada de longa distância” (TJ, p. 174). Segundo a teoria hormonal, o corpo não é apenas o meio de transmissão e coleta de informação, mas o efeito material desses fluxos semiótico-técnicos.

Um dos modos de subjetivação que é consequência da teoria hormonal, então, é o conjunto de redes institucionais e técnicas em que se produzem artefatos vivos, os quais adquirem reconhecimento político em determinado contexto cultural:

O sujeito farmacopornográfico emergirá de um dispositivo pop-técnico-científico que conecta elementos tão heterogêneos quanto navios negreiros, testículos de baleia, soldados impotentes, instituições penais, escravas grávidas, textos bioquímicos e dinheiro (TJ, p. 175).

O hormônio deixa de ter o *status* de molécula para tornar-se *pharmakon* ou *junkie maquínico*, passando de cadeias silenciosas de carbono para devir bioartefatos feitos não apenas de cadeia de carbono, mas também de linguagem, imagens, capital e desejos coletivos.

As biomoléculas mais produzidas em toda indústria farmacêutica mundial são o estrogênio e a progesterona, bases da pílula anti-concepcional,

todavia, o mais interessante é que ao mesmo tempo em que aparecem como as biomoléculas mais usadas pela medicina, elas são utilizadas exclusivamente no corpo das mulheres, até o início do século XXI. Ora, é toda a ficção de uma bio-feminilidade ocidental que mobilizada aqui através de meios midiáticos e tecnologias biomoleculares, pois, assim como os hormônios, as mulheres *cis* se tornam artefatos industriais modernos, tecno-organismos do laboratório do capitalismo colonial. Entretanto, não apenas a biofeminilidade é uma ficção política, pois a biomasculinidade começa, no século XXI, a ser alvo de normatização farmacopornográfica, quando as grandes indústrias começam a comercializar vaso-dilatadores capazes de provocar e manter a ereção, tirando a masculinidade de redutos fechados e naturais para capitalizá-la e transformá-la em efeito da engenharia biopolítica.

A direção da comercialização e produção hormonal sempre foi historicamente desigual, visto que enquanto os interesses nos testículos e nos hormônios das, agora, tecno-masculinidades apoiavam sua representação normativa do corpo dos homens, onde a testosterona era sempre equivalente de juventude, força, desejo sexual e vital, os projetos direcionados às tecno-feminilidades se direcionavam apenas a controlar a sexualidade e a reprodução. Porém, esse desequilíbrio sempre teve como objetivo a capitalização do ser vivo, pois se por um lado o Viagra trabalha como prótese de manutenção da masculinidade normativa produtora de prazer, os corpos das mulheres são farmacopornograficamente projetados como um sistema público reprodutivo, a serviço do interesse nacional. Ora, não há um corpo humano universal, mas uma multiplicidade de seres vivos e tecidos generificados, racializados e sexualizados, onde os órgãos e os hormônios não têm o mesmo valor sexopolítico.

Não apenas a genealogia dos hormônios traz essa diferente valoração, mas uma genealogia das práticas cirúrgicas revela algo parecido: na segunda metade do século XIX, enquanto a remoção dos ovários era uma cirurgia padrão para curas de distúrbios menstruais e mentais, a extração testicular era reservada para castrações penais, para o tratamento eugênico dos

considerados “loucos” e “doentes mentais”, e para a terapia de “psicopatas sexuais”<sup>45</sup>.

A pílula anticoncepcional, como nanotecnologia de modificação hormonal pioneira, doméstica, portátil e consumível, aparece no mesmo momento que a noção de gênero, a bomba atômica, os implantes mamários de silicone e as novas maneiras de circular nas sociedades surgem. É ela, a pílula, que abre portas para a entrada de hormônios sintéticos no espaço doméstico e que cria um nó entre consumo e produção dentro da rede farmacológica; ela é o início do processo de ampla medicalização e regulação farmacológica da vida privada que ocorre no século XX. De maneira análoga ao que ocorreu nos cenários coloniais (TJ, p. 187), os testes clínicos com hormônios sexuais são feitos em instituições psiquiátricas e em penitenciárias e instituições correcionais até que esses mesmos hormônios possam ser produzidos e consumidos com certa segurança dentro do espaço doméstico heterossexual estadunidense.

A cartografia da pílula produz e distribui corpos, fluidos, moléculas e capital, assim como contradições, por exemplo: seu aperfeiçoamento se deu por John Rock, numa pesquisa para auxiliar a procriação de famílias católicas brancas estéreis. Foi criada para ser um contraceptivo simples, seguro e barato para ser usado em favelas miseráveis, ou seja, uma molécula pensada como um dispositivo eugênico urbano e método de controlar o crescimento da população não-branca. Seguindo a fabricação, os protocolos de pesquisa e avaliação da eficácia revelam suas raízes coloniais, pois os primeiros testes clínicos em larga escala, a fim de receber a aprovação do órgão regulador, foram feitos em grupos de hospitais psiquiátricos, sob o objetivo do controle de natalidade em mulheres e a diminuição de tendências homossexuais em homens. Porém, essas instituições não foram as mais adequadas para testar as novas técnicas moleculares, pois não ofereceram elementos suficientes para a aprovação da distribuição da pílula anticoncepcional. Nesse momento, Porto Rico já tinha uma história com o controle de natalidade e se tornou o *topos* de maior importância para os testes da pílula fora das instituições psiquiátricas e penitenciárias: “A ilha era a fábrica invisível por trás da Mansão

---

<sup>45</sup> Aspas inseridas pelo autor.

Playboy e da dona de casa norte-americana branca, livre e de classe média” (TJ, p. 191).

Esses testes com hormônios sexuais tinham como desafio a cadeia de experimentação e avaliação: primeiro, os testes em animais, depois, em humanos confinados em instituições e, por fim, a liberação para a população em geral. E esses testes também necessitavam de um controle maior das cobaias, pois nas mulheres antes utilizadas, por diversos fatores, era difícil manter a precisão científica, o que não ocorreu em Porto Rico, pois no momento da inserção da pílula, a população era considerada dócil e fácil de controlar, além de pobre e sem instrução, ou seja, se até essas mulheres poderiam seguir um regime de diariamente tomar a pílula, qualquer mulher branca estadunidense poderia. Em um período de 20 anos, Porto Rico se tornou o maior laboratório bioquímico e farmacêutico na América do Norte, visto que a ilha ganhou incentivo econômico e social ao abandonar as indústrias coloniais agrárias em benefício das indústrias farmacêutica, química e eletrônica, a saber, é o capitalismo farmacopornográfico em sua captura de uma ilha colonial, pobre, não-branca, ideal para suas reproduções de biomoléculas e sua pornificação do trabalho das pessoas, controlando a subjetividade hormonalmente e extraindo a *potentia gaudendi* desses corpos.

As grandes empresas farmacológicas construíram fábricas na ilha, transformando as mulheres em operárias durante o dia e em cobaias à noite. E a mudança entre os testes realizados nas instituições e os realizados em Porto Rico não foi das substâncias contidas, mas da introdução hormonal no ambiente doméstico: uma modernização habitacional como uma forma de instalar um laboratório microfarmacêutico dentro do ambiente doméstico.

Mais importante que isso, a Pílula era uma nova técnica farmacodoméstica para (re)produzir raça, uma forma de eugenia biotecnológica neocolonial para controlar a reprodução das espécies. A partir dessa perspectiva, a Pílula funciona como um elemento material-semiótico (em suas encarnações tanto como molécula quanto como discurso, máquina e substância orgânica) na gramática racial e sexual hegemônica da cultura ocidental, obcecada, como argumentou Donna Haraway, pela contaminação da linhagem, pela pureza da raça, pela separação dos sexos e pelo controle do gênero (TJ, p. 204).

A relação da pílula com a produção, a distribuição e o consumo mostra que o processo de feminização revela os hormônios como ficções sexopolíticas,

metáforas tecnovivas que podem ser engolidas e digeridas, absorvidas e incorporadas; são artefatos farmacopornográficos que podem criar formações físicas que se tornam integradas com organizações política vastas, com instituições médico-legais, com o Estado-Nações e/ou redes globais por onde o capital circula.

Preciado aborda a pílula anticoncepcional como um processo de servidão maquínica, a qual consegue mobilizar e modular componentes pré-individuais, pré-cognitivos e pré-verbais da subjetividade, causando afetos, percepções ainda tidas como não individuais ou não atribuídas a um sujeito. Ou seja, não é necessário mais calar e domesticar indivíduos em instituições para submetê-los a testes bioquímicos e processos de eugenia, pois esses são realizados dentro de casa, pela atenta e íntima supervisão da mulher branca. O corpo está engolindo o poder nessa era, como uma forma de controle democrática e privada, ingerível, bebível, inalável e de fácil administração. Reiterando: o corpo está desejando o poder, procurando engoli-lo, comê-lo, administrá-lo, devorá-lo por qualquer abertura ou cavidade.

E, retomando o que já tratamos acerca da servidão maquínica e da sujeição social, algo que o próprio Preciado pondera (TJ, p. 221), gostaríamos de elucidar, outra vez, como também a sujeição social é articulada por esse farmacopoder, assim como as ambas formas de operação do capitalismo também ocorrem pelas indústrias pornográficas. Ora, a pílula cria sujeitos, é sua incorporação mais imediata: ela cria feminilidades, mulheres, sujeitos dóceis, sujeitos que serão utilizados como testes políticos, assim como o anti-depressivo também cria o sujeito incapaz, o sujeito que não faz coisas, porém, consome. Da mesma maneira que enquanto pornografia audiovisual hegemônica, a indústria pornográfica, tem “sua capacidade de estimular, independente da vontade do espectador, são os mecanismos bioquímicos e musculares que regem o prazer” (TJ, p. 281), e podemos até concluir que eles são o modelo por excelência de servidão maquínica, transformando os consumidores em peças de maneira rentável, mais que a outras indústrias: “A literatura, o cinema, a televisão, o videogame etc. desejam a pornografia, querem produzir prazer e mais valor pornográfico sem sofrer a marginalização da representação pornô” (TJ, p. 284). Não obstante em produzir toda uma rede

de peças de onde se extrai e produz capital, maquinando de maneira excelente os afetos, o desejo, a cognição, a sensação, a percepção, a pornografia também produz sujeitos: o masturbador, o consumidor, o homem cis-heterossexual penetrador, a mulher-vagina penetrável<sup>46</sup>. Essas operações que fizeram o CMI existir em escala planetária parecem ter ganho, assim como outros aspectos, uma *finesse* em seu processamento, resultando em formas de ação muito mais potentes.

O corpo está engolindo o poder nessa era, como uma forma de controle democrática e privada, ingerível, bebível, inalável e de fácil administração. Reiterando: o corpo está desejando o poder, procurando engoli-lo, comê-lo, administrá-lo, devorá-lo por qualquer abertura e cavidade. As altas doses de estrogênio e progesterona no corpo das mulheres cis nas sociedades ocidentais pós Segunda Guerra Mundial produziu a feminilidade como um biocódigo pronto e padronizado: a feminilidade microprotética patenteada, que pode ser comercializada, implantada e transferida para qualquer outro corpo. Essas altas doses de estrogênio resultam numa baixa biodisponibilidade de testosterona que leva à ausência de libido e à depressão: este é um curto circuito somático, onde a subjetividade da mulher cis cresce na margem estreita da liberdade entre forças divergentes, por um lado, a pílula administrada generalizadamente, por outro, uma lógica farmacológica de tentar superar a depressão.

A subjetividade farmacopornográfica possui dois vetores basilares de sua aparição: a introdução da noção de gênero, a categoria-dispositivo técnico, visual e performativa para sexualizar o corpo, reorganizar o sistema médico-jurídico e educacional, que até o momento utilizava de “normalidade” e “perversão” para abordar hetero/homossexualidade e, então, começará a discutir a possibilidade de modificar tecnicamente o corpo, para inventar a “mente” feminina e/ou masculina; e as técnicas de controle social que adentram os indivíduos, visto que o mais importante já não é tanto a punição frente aos crimes e às aberrações por meio de disciplinas, mas a modificação dos corpos, quando estes são tomados como produtores e consumidores de órgãos, fluxos

---

<sup>46</sup> Não coloquei mulher-cis, visto que nem toda mulher com vagina é cis, e a preocupação da indústria da pornografia é mais o ser penetrante do que seu caráter somático.

e neurotransmissores. O controle permanece, mas se torna leve, borbulhante, cheio de cores, *gay*, com orelhas do Mickey Mouse e os decotes da Brigitte Bardot.

A biofeminilidade, a partir de 1950, torna-se produto sexopolítico, que consiste na recodificação molecular, a saber, uma reprogramação da estrutura da vida, por exemplo, o seio tem seu peso, sua forma e sua consistência uma pertinência, literalmente, plástica, transformando-se em um significativo tecnosomático de produção de gênero: “Em outras palavras, cada biosseio existe em relação à própria prótese cultural” (TJ, p. 228). Tecno ou bio, sufixos que em *Testojunkie* estão longe de avaliar o que é sintético e o que é orgânico, e talvez nem para a farmacopornografia, pois as tecnologias de produção do corpo não são fiéis a uma taxonomia clássica, onde cada órgão, tecido e molécula corresponde a determinada função; longe disso, elas atualizam processos tectônicos de construção do corpo, onde esses mesmos órgãos, tecidos, fluidos, e moléculas são matérias-primas da fabricação de outra natureza.

Os sistemas hormonais de que dispomos operam pelo filtro da dosagem: cada corpo tem microquantidades hormonais, assim como receptores, a saber, nos manuais endocrinológicos, regidos por normalizações, encontramos um domínio de não saber e um potencial intervenção tecnopolítica, visto que se há doses de testosterona e estrogênio e progesterona “normal” para ser homem ou mulher, mesmo a indústria farmacêutica produzindo e distribuindo doses comercializáveis desses hormônios, os critérios para esse processo produtivo continua respondendo a uma metafísica da diferença sexual.

Retornemos ao aspecto implosivo da subjetividade, tanto para Preciado como para Guattari: a auto-experimentação, especificamente, os processos de auto-cobaia precidianos. Ora, o filósofo espanhol dedica uma grande parte do *Testojunkie* para falar sobre drogas, como fármaco e/ou como *junkie* maquinico guattariano, seu uso, a maneira como essas substâncias, não necessariamente bio-químicas, são capazes de mutar a subjetividade, contribuindo para deslocamentos de sensações e de espaço-tempo, pontos de pico, como ápice da autoentorpecência ou como ponto final de vetorização da subjetividade. Mas

o uso de droga, veneno, toxicomania parece-nos como a maneira de o autor abordar fármacos em seu aspecto de devir-morte, como a mutação na subjetividade através de hormônios que vão gerar padrões de controle e de geração de capital, através de sua transposição para qualquer corpo, e sua capitalização da vida ao produzir a subjetividade. O aspecto drogado do farmacopoder é aquele que leva à desterritorialização absoluta e, quando devém-morte, capitaliza-se o cadáver, todavia, fármaco, droga é um conceito-rizoma em Preciado, explicitamente, quando seu uso gera modos de auto-experimentação, como é o caso dos hormônios e seu uso como *hacker* de gênero: controla-se o poder sobre si.

Discutimos, no capítulo anterior deste trabalho, como esse princípio de auto-experimentação, protocolo que fazia parte da pesquisa farmacológica, é “o primeiro princípio de um movimento transfeminista capaz de encarnar a modernidade *pornopunk*” (TJ, p. 366), onde o corpo e o corpo da multidão, em conjunto com as redes farmacopornográficas são laboratórios políticos, ambos efeitos de processos de sujeição e controle de espaços possíveis de agenciamentos políticos e de resistência crítica à normalização. Preciado chamou de princípio de auto-cobaia o conjunto de experimentação corporal e semiótico-tecnológicos, a prática modesta, corporal, implicada e responsável de fazer política de libertação.

Como exemplo das práticas de auto-cobaia, Preciado aborda a obra de Freud, a “cloaca máxima, bueiro que absorvia as substâncias e técnicas do *self* produzidas na época” (TJ, p. 377) e seu agenciamento de narcoanálise, na utilização da cocaína, no final do século XIX, como cura de fadiga, anestesia local, indução à excitação sexual e, também, como produção de conhecimento. Freud nasceu em 1856, apenas um ano depois da cocaína ser isolada pela primeira vez. Nesse período, a Europa traficava substâncias psicoativas por meios coloniais que são consumidas e comercializadas ilegalmente, tais como o ópio, o haxixe, a maconha, a heroína, a mescalina etc. Freud toma conhecimento da cocaína por um artigo que um médico que descreve seu uso contra a fadiga de soldados, pois não há guerra sem suplementos químicos da subjetividade que levem o corpo e a consciência para além de si mesmos, assim como o pós-guerra não existe sem drogas de amnésia. O projeto



“cocaína” de Freud, segundo Preciado, era econômico, assim como epistemológico, projeto esse que não começa bem, visto que Freud receita cocaína como cura da dependência de morfina de seu amigo e acaba talvez gerando o primeiro dependente de cocaína da Europa. Mas o médico ainda não estava certo da dependência que a substância gerava, pois dizia que esta era fruto do que chamou de “aversão”: a decepção que vem após consumir cocaína levaria o sujeito a continuar inalando-a.

É nesse momento que se inicia o *boom* das indústrias farmacêuticas, o imperativo tecnocapitalista que torna explícito que não há relação imediata entre certeza terapêutica, licença de produção e consumo de substâncias bioativas. Enquanto a cocaína é utilizada como anestésico e o MDMA como supressor de apetite, Freud pratica a narcoanálise, onde utiliza hipnose e modelo de dependência de substâncias: por exemplo, a morfina e o hipnotizador se parecem, pois ambos provocam um estado alterado de consciência, uma modificação do modo em que o eu está presente diante de si mesmo, permitindo a emergência de outras formas de percepção, de conhecimento e ação. Freud, como leitor de Krafft-Ebing, tinha a masturbação, a produção química de um orgasmo ou de uma ejaculação, como um modelo de toda dependência; logo, o álcool, o tabaco, a morfina, e a cocaína são substitutos masturbatórios, práticas exógenas de produção de excedentes de toxicidade química no corpo, ou seja, não importa se a substância é inoculada do exterior ou se é produzida pelo próprio corpo, a sexualidade seria, aqui, uma ingestão de substância psicotrópicas, a busca da produção de um estado de intoxicação neuronal.

A esse processo de produção de subjetividade que possui um local material específico, ainda que biomolecular, Preciado chamou de hipermaterialidade: a depressão tem seu correspondente hipermaterial no anti-depressivo. A incorporação do controle e da produção de subjetividade farmacopornográfica implanta mutações cognitivas, de percepção, de ser que possuem uma vetorização semiótico-técnica ou farmacológica. Se antes era o controle e a vigilância que produziam a subjetividade pela produção de alma não localizável, um inconsciente que não se sabe onde está, agora, em conjunto à mutação de um controle alegre, quente, intensivo, que é engolido e

transformado em ser, toda a psique, tudo o que se é, é hipermaterialmente, sob perspectiva nano, detectável.

O princípio de auto-cobaia é também uma autovivissecação, pois: “uma filosofia que não utiliza de seu corpo como plataforma ativa de transformação tecnovital está pisando em falso” (TJ, p. 376); a de Preciado é um corte de si, uma auto-análise visceral, uma incisão na subjetividade. E Freud não poupava nenhuma célula, nem as suas, nem as alheias, por isso Preciado afirma que a psicanálise freudiana poderia ser pensada como um processo de cura que ia além da palavra, visto que a “boca de esgoto freudiana” ingeriu todas as técnicas somatossemióticas, incorporando próteses de sua era e transformando-as em corpos vivos e discursos culturais. E ingerindo as substâncias psicotrópicas por si mesmo, ele entendeu que apenas seria possível modificar a cartografia psíquica sob certa toxicidade:

As substâncias químicas assimiláveis pelo organismo operam como uma *potentia*: elas têm o poder de provocar uma mudança substancial do corpo e da consciência - com a condição de que a subjetividade se deixe afetar e se faça dinâmica, no sentido grego do termo *dynamis*, isto é, deixe emergir sua potencialidade, sua capacidade de passar de um estado a outro (TJ, p. 378).

A transferência na psicanálise dependem de fluxos de substâncias, códigos, lembranças, emoções que vão gerar modificações somáticas, da mesma maneira que o álcool, o tabaco, o haxixe, a cocaína, a morfina, bem como os estrogênios e os androgênios não são meros conectores ou transportadores, mas, também, tecnologias do sujeito, microtecnologias da mente, próteses químicas pelas quais emergirão novas práticas para a definição de quadros de inteligibilidade humana. A guerra da subjetividade moderna é pelo equilíbrio imunológico e o uso de drogas ou a psicanálise são parques experimentais em que aprendemos a viver em um meio semiótico e somático cada vez mais tóxico.

Nos parece que a psicanálise e a narcoanálise tendem a um fim mais ou menos comum, todavia, elas não são equivalentes, pois, retomando o que afirmamos anteriormente, a droga é o aspecto do *pharmakon* que tem maior inclinação para devir-morte, e retomando também o plato VI, da obra *Mil Platôs*, de Deleuze e Guattari, podemos dizer que a droga também é vetor de

produção de um Corpo sem Órgãos; sua utilização necessita de cuidado, precaução e dosagem, por poder levar à morte de maneiras mais eficazes e rápidas, ou seja, a intoxicação de imagens e linguagem que a psicanálise faz é uma dosagem menor e com frequências diferentes do uso de drogas ou de substâncias psicoativas ou da própriarancoanálise, cuja eficácia semiótica é intensa, pois “ataca a alma pela via sintética” (TJ, p. 380).

Para finalizar a apresentação da importância da subjetivação drogada em Preciado, a fim de avaliar as crônicas de *Um apartamento em Urano* (2021), citamos outras duas práticas de autoexperimentação, de auto-cobaia: a *queer-análise* e o *copyleft*. A *queer-análise*, assim como a narco-análise, não é uma anti-psicanálise, ao contrário, ambas pervertem as táticas psicanalíticas politizando-as e fazendo-as operarem seus fluxos somato-semióticos por vias distantes da normalização das subjetividades e das formas de violência e, conseqüentemente, da produção de subjetividades rentáveis para o regime farmacopornográfica. Neste trabalho em específico, passamos sobre o tema “gênero” por sobrevoos, ou seja, apenas quando ele é atribuído como mais um vetor de subjetivação, contudo, é óbvia a sua importância para a farmacopornografia, por isso mencionamos processos de controle e de fabricação de subjetividade sexual e de gênero. Porém, não nos aprofundamos no tema em específico, logo, a *queer-análise*, feita de oficinas de *drag king* coletivas, onde mais do que imitar um homem *cis*, exerce-se o escancaramento dos agenciamentos que formam homens e mulheres, hétero e homossexuais, masculinidades e feminilidades, não foi profundamente avaliada. A saber, a fabricação de um conjunto de códigos masculinos explicita que não há original tampouco imitação, pratica-se somaticamente experimentos de autonomia da própria subjetividade sexual.

A política *copyleft* é a política de autodesign, que Preciado exemplifica com o colosso Agnes Heller, onde a jovem, no fim dos anos 50 consegue utilizar dos sistemas médicos, endocrinológicos e psiquiátricos para fazer uma vaginoplastia, já que ela fora até os médicos com um corpo feminino, porém, com pênis desenvolvido. Ela sustenta um discurso de intersexual, aonde ganharia as técnicas cirúrgicas para a “adequação ao seu gênero”, sem passar pelos protocolos do processo transexualizador da época. Utiliza

sofisticadamente as patentes das tecnologias de gênero a seu favor, a fim de produzir sua subjetividade nada dócil, conseguindo lutar contra a privatização do corpo e a redução da *potentia gaudendi* em força de trabalho.

### 3.2 LITERATURA

Se Freud era a cloaca, Preciado em *Testojunkie* é a grande buceta testosteronada que recebe toda mutação subjetiva com a intoxicação voluntária em pequenas dosagens, que aumentam com o tempo, ele que recebe todos dildos e próteses semiótico-técnicas e sexuais que uma subjetividade farmacopornográfica pode incorporar<sup>47</sup>. Como afirmamos anteriormente, o bioterrorismo de gênero, um dos *hackers* de gênero, parece o autor se referindo também a si mesmo. Ora, se ele escreveu pouco sobre as micropolíticas frente ao regime farmacopornográfico, é porque elas são inúmeras e estão sempre entrando no processo de captura e de se tornar linhas de fuga e, também, porque o próprio livro é um agenciamento coletivo de enunciação de produções micropolíticas, que faz rizoma com a vida e as outras obras do próprio autor. Logo, o encerramento desse trabalho não poderia ocorrer se não com Preciado e suas produções literárias sobre travessias entre subjetividades, suas produções e mutações.

Então, utilizamos, da obra *Um apartamento em Urano*, que é um apanhado de crônicas que Preciado fez para o jornal francês *Liberation*, entre 2013 e 2018, perpassando sua travessia por uma transição de gênero legal, social e hormonal: “Quando comecei a escrevê-las meu nome ainda era Beatriz” (AU, p. 31) e pelas diversas viagens ocorridas nesse período, o devir-estrangeiro-nômade. Todavia antes de adentrarmos na obra, gostaríamos de ressaltar que as crônicas serão vistas, também, sob a perspectiva de uma *literatura menor*, onde esse menor é referente às “condições revolucionárias de toda literatura no seio daquela que se chama grande (ou estabelecida)” (DELEUZE&GUATTARI, 2014, p. 39). É ir sempre mais longe na

---

<sup>47</sup> A grande captura do regime farmacopornográfico é perceber que todos são uma grande cratera genital que recebe e incorpora em seu corpo os vetores de subjetivação.

desterritorialização, fazer vibrar o vocabulário em intensidade, opondo-se ao uso simbólico, ou mesmo significativo da língua.

Talvez esse seja um bom filtro sob a escrita de Preciado, de que ele intensivamente produz literatura, longe de um significante, através, em resumo, dos diversos devires que resultam no movimento subjetivo. Todavia, a escrita preciadiana também parece levar em si as outras duas características que Deleuze e Guattari afirmaram sobre a literatura menor: a ligação do individual no imediato-político e o agenciamento coletivo de enunciação, ou seja, a ideia de que toda língua é afetada por um coeficiente de desterritorialização, de que tudo nela é político e de que tudo nela tem valor coletivo. Então, aliadas essas características das literaturas menores ao uso que Preciado faz de sua escrita, talvez poderíamos chamá-la de literatura tecno-menor<sup>48</sup>, fazendo referência às técnicas utilizadas para fazer dessa escrita, uma literatura menor.

“A travessia teve início em 2004, quando comecei a tomar pequenas doses de testosterona” (AU, p. 32), ora, é explícito o rizoma vida-escrita-livro de Preciado, pois o *Testojunkie* já conjurava, de algumas maneiras, as travessias dos diversos autores que compõem *Um apartamento em Urano*, ou melhor, os vários Preciados<sup>49</sup> que o compõem. Talvez pudéssemos distanciar as obras apenas pela dosagem de intoxicação, pois, se na primeira obra, o autor vivia uma experiência de fluidez de gênero: “transitando num espaço de reconhecimento de gênero situado entre o feminino e o masculino, entre a masculinidade lésbica e a feminilidade *king*” (AU, p. 32) e estava sob “dose umbral [de testosterona], que não dispara no corpo a proliferação dos chamados caracteres secundários” (AU, p. 32), na segunda obra, já está sob um regime de aplicação e dose, onde o fármaco já acarreta mudanças físicas e visíveis de gênero. É através de diferenciações entre as dosagens farmacopornográficas que situamos este trabalho, quando nossa dissertação

---

<sup>48</sup> Seguimos atualizando alguns conceitos à maneira de Preciado: gerando outros nomes para questões que estão e são abertas ao ponto de não serem mais aquilo, ou seja, anteriormente já adicionamos o sufixo *tecno-* com o intuito de utilizar o conceito, mas levando em conta o aparato tecnológico e maquínico da produção, por exemplo, de literaturas tecno-menores.

<sup>49</sup> Essa questão dos múltiplos Preciados é algo que já mencionamos quando avaliamos os capítulos auto-experimentativos do *Testojunkie*, seguindo o fato de que Deleuze e Guattari escrevem na abertura da obra *Mil Platôs* que a obra fora escrita por vários autores, várias mãos, justamente por ser um livro-rizoma; algo que pode acontecer entre quebras e entrelaçamentos.

se dispõe a analisar essas obras em conjunto às de Guattari, inquirindo sobre que próteses de subjetividade está se falando.

Devido à explicitação dessa afirmação: “Embora o contexto político seja de guerra global, os leitores não encontrarão nestas crônicas nem pedagogia nem moral” (AU, p. 40), que introduzimos através de uma dissecação da subjetividade drogada de Preciado, as subjetividades compostas pela travessia e pela dosagem, para minimamente usarmos dos diversos Preciados existentes. Então, passaremos pelos capítulos a fim de apontar as técnicas, as táticas anti-farmacopornográficas, o devir literatura tecno-menor da escrita e os agenciamentos formadores de subjetividade que visam o próprio manejo da *potentia gaudendi*.

Logo no início do *Em um Apartamento em Urano*, na crônica intitulada *Dizemos revolução*, a esquerda progressista daquele momento, que é representada por Žižek e Badiou, fala de ideologia como nossos pais falavam de marido; ora, ao contrário, Preciado já tem fluxos múltiplos e diversos: experimentação, multidão frente a identidade, mestiçagem do centro contra o domínio das periferias, aliança multiespécies contra o capital humano etc. Proliferação de uma multiplicidade de técnicas de produção de subjetividade frente à integração do ser: “Trata-se de modificar a produção de signos, a sintaxe, a subjetividade, modos de produzir e reproduzir a vida. [...] Estamos falando de interromper o Capitalismo Mundial Integrado” (AU, p. 46). São corpos e subjetividades que são fracassos por si, quase impossíveis de rentabilizar na economia do conhecimento, que não desejam ser definidos como trabalhadores cognitivos nem como consumidores farmacopornográficos. O que se quer é abandonar a política de morte: “fazer sexo com os drones” (idem).

E em relação ao tema da anti-necrocracia ou da frente contra os regimes de aniquilamento, em *Ne(Cr)oliberalismo* e em *Soberania Snuff*, tema que já aparece em *Testojunkie*<sup>50</sup>, o primeiro utiliza do prefixo necro- em diversas palavras que rondam a vida: “necrodiscurso, necrofelicidade, necronecroterapia, necrozoo, necromoral” (AU, p. 156) e termina com: “Acaso

<sup>50</sup> O snuff, o gênero cinematográfico que representa a morte, real ou não, em seus detalhes e a distribuem como produção e circulação de capital

pode o capitalismo financeiro produzir alguma outra coisa?”. E na outra crônica, as gravações de morte real disseminadas pela *internet* são entendidas por Preciado como a teatralização da morte, ao estilo da Soberania foucaultiana, mas por um novo regime escópico farmacopornográfico, pois a nova gestão da subjetividade requer uma espetacularização ritualística da morte e do terror. Como em filmes *snuff*, os vídeos de jihadistas publicizam mortes e pânico proporcionando não apenas um ritual necropolítico num certo local do reino, como era nos tempos do dispositivo da soberania, mas numa praça pública global: a amputação de uma cabeça destrói o corpo político, nega a racionalidade do poder ocidental. Não é mais um deus transcendente que gera poder, mas uma rede toda-poderosa da *internet*. Na obra existem outros momentos em que a necropolítica é colocada, mas são nessas duas que o necro- foi elevado a um capitalismo avançado, quando este não produz outra coisa senão aniquilamento, e um aniquilamento publicizado e capitalizado globalmente.

Em *Derrida, Foucault e as biografias impossíveis*, Foucault e Derrida têm suas vidas analisadas como dois exemplos de tecnologia de subjetividade, como prática performativa de produção de vida. Preciado teve contato próximo com Derrida<sup>51</sup>, então classifica a biografia de Benoît Peeters como algo que não vale muitas críticas, e sim que merece ser entendida como uma desconstrução para entender a biografia contendo mais retratos de Peeters do que de Derrida. Ao contrário, a biografia feita por Mathieu Lindon de Foucault, é um diagrama da vida do autor, pois fala mais do apartamento de Foucault, mais do que de Foucault, uma geografia dos afetos. Muitos ativistas passaram por lá, era um centro de ecologia *gay* enquanto tomava LSD e emprestava um local dentro do apartamento, um apartamento dentro do apartamento, a amantes e a amigos que precisavam. E, de maneira semelhante, a biografia destinada a Foucault, como uma tecnologia de subjetividade, formulando uma visão afetiva do mesmo, a biografia de Marx, feita por Francis Wheen, também é uma técnica quando demonstra que Marx foi feliz, mas foi um fracasso profissional, porque o autor alemão era feio, faltava-lhe saúde, não teve sucesso em suas publicações, foi perseguido, tinha os preconceitos sexuais e raciais da época.

---

<sup>51</sup> Fora Derrida, que convidou, em 1999, Preciado para ir à França participar de seminários na *École des hautes études en sciences sociales*.

Mas era feliz quando lia Shakespeare para seus filhos, com seu senso de humor, suas conversas com Engels e seu inalcançável desejo de entender o mundo que o rodeava. A escrita sobre Marx como uma forma anti-neoliberal de produção de felicidade.

Da necropolítica à necro-estética, como uma nova maneira de viver com os mortos, a relação da morte com o início da vida, uma reativação do feminismo como animalismo. Ora, se o humanismo criou um corpo soberano, branco, heterossexual, saudável, um corpo estratificado, cheio de órgãos, capital cujos desejos são efeitos de desejos necropolíticos, o animalismo é uma contratecnologia de produção de consciência, conversão à vida sem soberania. O animalismo é o tempo do impossível e do inimaginável, um gozo fotossintético. É disso que Preciado trata em *O feminismo não é um humanismo*, isto é, da relação do afeto e da vida para além de um dos temas que o autor mais discutiu até hoje, segundo *A coragem de ser você mesmo*, o feminismo. Quando já não se é mais a mulher do feminismo, parece que fica mais nítido a inclusão interespecies dos afetos e das tecnopolíticas, pois se Porto Rico fora local de testes farmacopornográficos com mulheres, os bisontes da América do Norte também passaram por essa experiência.

Animalismo, necro-estéticas, Foucault em LSD. Em forma de crônicas, parece que estamos recebendo um catálogo de micropolíticas ou algo para se fazer com o que foi escrito no *Testojunkie*. Se antes não detalhamos como as oficinas *drag king* de Preciado eram um agenciamento, passamos pelas crônicas de transição de gênero de Paul B. Em *A Bala*, a transexualidade é um franco-atirador cego, generoso como o amor e a coragem para ver a ferida que a transforma em uma chave mestra para mundos nunca vistos: “eu tinha três anos quando senti pela primeira vez o peso da bala” (AU, p. 107). Desses novos mundos: “nunca acordo duas vezes na mesma cama ... nem no mesmo corpo” (AU, p. 177), um nomadismo interior e somático toma conta da vida, apenas é possível habitar o nomadismo. Em suma, nada mais preciadiano do que uma impressora 3D capaz de produzir órgãos genitais a partir de tecidos das próprias pessoas e de enxertá-los aonde fosse desejado: “Chegará o tempo da estética contrassexual definida não por leis de reprodução sexual ou de regulação política, mas por princípios de complexidade, singularidade,



intensidade e afeto” (AU, p. 257), uma maneira hipermaterial de produzir um Corpo sem Órgãos ou com órgãos desejados autonomamente, n+1 órgãos sexuais implantáveis.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Quando elaboramos o tema deste trabalho, a relação Preciado-Guattari, a investigação era, de fato, uma tentativa de argumentação em que ambos os autores poderiam fazer juntos intensas análises sobre o capitalismo e a subjetividade em seus modos contemporâneos. Quando Guattari, então, afirma que o capitalismo deve ser definido como semiotização de um sistema de produção, circulação e distribuição, podemos afirmar que a farmacopornografia parte desse pressuposto. Visto que seus dois grandes pilares ganharam esse local de potência justamente pelo caráter semiótico de sobrecodificar os valores, para então controlar e se manter. E, ambos os autores reconhecem que, a partir do século XX, nada mais escapa das tecnologias cibernéticas. Se a questão da máquina já tinha grande importância para Guattari, os domínios maquínicos são evidentemente suporte para a produção de uma subjetividade modular e cibernética.

O Capital é um operador semiótico de formações sociais determinadas e foi durante a produção capitalista que a semiotização geral ocorreu pela desterritorialização dos modos locais de semiotização dos poderes e pela reterritorialização numa formação de poder hegemônico. Conectando esferas heterogêneas dentro da sociedade, ele extrai o mais valor, que pensamos com Guattari como mais valor maquínico, como a extração, também, das máquinas que compõem a produção, sejam elas sociais, técnicas, econômicas, psíquicas etc. E as funções operantes para que as conexões ocorram são a sujeição social e a servidão maquínica: controlam-se os segmentos sociais e todos os instantes de cada indivíduo; literalmente, a produção de mais valor maquínico não se extingue, e, como vimos na farmacopornografia, nem a morte e o cadáver escapam da sobrecodificação e produção de capital. A sujeição opera produzindo sujeitos mais ou menos coerentes, pois os próprios vetores de

sujeição não param de se auto interferirem na gigantesca carga de imagens e ideias que chegam aos olhos. O tempo todo a subjetividade está sendo trabalhada, inclusive nos maquinismos mais íntimos, os que operam na percepção, sensação, cognição, como se, de maneira parasitária, fosse instalado seu sistema de valoração na alma de cada um e daí se extraísse mais valor maquínico.

Sob esses procedimentos e operações, o modo de produção capitalista desterritorializa e integra em escala global, numa integração transnacional das relações econômicas internacionais, pela subordinação a um projeto de controle policêntrico e planejado e por infiltrações moleculares por mecanismos flexíveis. Se os sistemas maquínicos já estavam presentes no trabalho humano, a revolução da informática acelera todo um processo de igual contaminação na subjetividade, ou seja, a integração maquínica-semiótica necessita da modelização de cada trabalhador.

Com diferentes vocabulários, poderíamos afirmar que descrevemos tanto a Farmacopornografia quanto o Capitalismo Mundial Integrado, pois Preciado também destacou que o modo de produção *ciberpunk* é caracterizado pela modulação das subjetividades, que se tornou suporte para as outras produções, especificando dois modos específicos: a droga e o pornô, assim como a importância do controle e da regulação das subjetividades sexuais e de gênero para a gestão da vida e extração de mais valor maquínico ou *potentia gaudendi*. Abordamos extensamente esses processos, porém, salientamos que se trata de uma colagem de mapas, literalmente colocar um em cima do outro e ver as diferenças e as proximidades como complementares do tema capitalismo e subjetividade, entendendo que Preciado conseguiu explorar campos que Guattari, por múltiplos motivos, não investigou. Contudo, é bem possível que ele tenha tido contato com drogas e refletido sobre seu uso múltiplo, inclusive por ter sido psiquiatra, e, como qualquer homem cis, que viveu no século da *Playboy*, ejaculou, direta ou indiretamente, com uma imagem pornográfica.

Enquanto construíamos esse trabalho, tentando articular filosófica e argumentativamente os conceitos de ambas as filosofias, Preciado lançou, em

forma de livro, a fala que fez frente aos psicanalistas da *École de la Cause freudienne de Francia*, afirmando o quão aquele evento e o projeto epistêmico que aquela instituição, a psicanálise, são binários, patriarcas e colonialistas, que além de belamente denunciar a valoração da qual o evento estava se baseando, faz menção direta ao CMI:

A implantação da ciência moderna, com sua taxonomia de raças e sexos, a instituição da família heterossexual e a extensão de uma economia mundial de mercado vieram também acompanhadas de técnicas biopolíticas e necropolíticas específicas de gestão da população, com suas práticas de segmentação de classe, de hierarquização sexual, de segregação racial e de depuração étnica. Este é o regime de 'capitalismo mundial integrado', por dizer com Félix Guattari. (MF, p. 97).

Ora, pelo menos um ponto conseguimos provar, a presença de Guattari no pensamento de Preciado. O resto: a argumentação, as tentativas de atualização dos conceitos, as demonstrações, como trouxemos etc. não garantem nada, ou seja, deixamos em aberto este trabalho, entendendo-o como um pequeno traçado iniciatório em Preciado e em Guattari. Por fim, Preciado, no momento em que este trabalho foi finalizado, lançou seu sexto livro, *Dysphoria Mundi*: um caminho que poderíamos traçar e que não foi citado neste percurso, pois estão ali as fórmulas guattarianas de micropolíticas, especificamente um trabalho sobre os paradigmas ético-estéticos. Talvez a *Caosmose* também esteja na mente de Paul.

## 5 BIBLIOGRAFIA

ALLIEZ, E., LAZZARATO, M., **Guerres et Capital**, Éditions Amsterdam, 2016

CAMPAGNOLI, Mabel Alicia. **Preciados Feminismos: una lectura de Preciado para la antropología filosófica**. Málaga: Universidad de Málaga, 2018.

CANO, Virginia. **Subversión narcótica y dissidência sexual: una lectura desde el sur de las tesis farmacopornográficas de Paul B. Preciado**. In: Revista Mora, n. 21, 2015.

DELEUZE, G. **Post-Scriptum sobre as Sociedades de Controle**, Conversações: 1972-1990, Editora 32, trad. Peter Pal Pelbert, 1992.,

DELEUZE, G., & GUATTARI F.. **Capitalismo e Esquizofrenia: O Anti-Édipo**. São Paulo, Editora 34, 2010

\_\_\_\_\_. **Mil Platôs: capitalismo e esquizofrenia** (Vols. 1 a 5). São Paulo: Ed. 34, 2010

Deleuze, Gilles., & Guattari, Félix. (1991/1992). *O que é a Filosofia?* São Paulo, 2ª Edição, Editora 34, 2016;

\_\_\_\_\_. **Kafka: Por uma literatura menor**, Editora Autêntica, 2014.

\_\_\_\_\_. **O que é a Filosofia?**, Editora 34, 2010.

DRIGO, L. **Guattari: Política antes e depois de maio de 68**. In: Deleuze, desconstrução e alteridade. Org. Georgia Amitrano, Jorge L. Viesenteiner, Mariana Toledo Barbosa. São Paulo: ANPOF, 2019.

\_\_\_\_\_. **Guattari: Máquinas e Sujeitos Políticos**. In: Trans/Form/Ação, Marília, v. 43, n.1, p. 103-126, Jan/Mar., 2020.

\_\_\_\_\_. **Transversalité et institution.** In: La Deleuziana – Online Journal of Philosophy. N. 8/ 2018. La pensee dix-huit.

GENOSKO, G., **Deleuze and Guattari: Critical Assentements of Leading Philosophers**, Routledge, 2001.

\_\_\_\_\_. **Félix Guattari: An Aberrant Introduction**, Continuum, 2002.

\_\_\_\_\_. *Félix Guattari in the Age of Semiocapitalism*, Deleuze Studies, volume 6 number 2, 2012.

GUATTARI, F. *Caosmose*, Editora 34, 2ª Edição, 2014;

\_\_\_\_\_. **Chaosophy**, Semitext(e) Foreign Agent Series, 2009;

\_\_\_\_\_. *Cartographies Schizoanalytiques*, Galilée, 1989.

\_\_\_\_\_. *As três ecologias*, Papirus, 21ª Edição, 2012;

\_\_\_\_\_. *Les Anées d'Hiver*, Barrault, 1986.

\_\_\_\_\_. **Lines of Flight**, Semitext(e) Foreign Agent Series, 2011.

\_\_\_\_\_. *Psychoanalysis and Tranversality*, Semitext(e) Foreign Agent Series, 2015.

\_\_\_\_\_. *Revolução Molecular: pulsões políticas do desejo*. São Paulo: Editora Brasiliense S.A, 1985.

\_\_\_\_\_. **Soft Subversions**, Semitext(e) Foreign Agent Series, 2009.

\_\_\_\_\_. *The Anti-Oedipus Papers*, Semitext(e) Foreign Agent Series, 2006;

\_\_\_\_\_. *The Machinic Unconscious*, Semitext(e) Foreign Agent Series, 2011.

GUATTARI, F. & NEGRI, A. *As verdades nômade*, Editora Politeia & Autonomia Literária, 2017;

GUATTARI, F. ROLNIK, S. *Micropolítica: Cartografias do Desejo*, Editora Vozes, 4ª edição, 1996

LAZZARATO, M. *Signos, Máquinas, Subjetividades*, n-1 edições, Sesc edições, 2014.

\_\_\_\_\_. *Sujeição e servidão no capitalismo contemporâneo*. In: Cadernos de Subjetividade, n. 12, 2010b. Disponível em: <https://bit.ly/33yclwM>. Acesso em: 20 set. 2022;

RIBEIRO, V. M. L. . *A partir de Guattari 1: uma política da existência*. 1. ed. Rio de Janeiro: Ponteio, 2019;

MAES, H. *Pornographic Art and the Aesthetics of Pornography*, Plagrave MacMillan, UK, 2013;

NAHUEL MARTÍN, Facundo. *Leer a Marx después de Preciado. Pensar el “fragmento de las máquinas” en clave transhumanista*. In: Praxis filosófica, n. 47, pp. 169-194, jun. 2018. Disponível em: <https://bit.ly/3jlBrFh>. Acesso em: 23/06/2022

PELBART, Peter Pál . *Ensaio do assombro*. 1. ed. São Paulo: n-1 edições, 2019. v. 1. 300p ;

\_\_\_\_\_. *Acesso do Niilismo: Cartografias do Esgotamento*, n-1 Edições, 2016;

PRECIADO, P. B. *Devenir Bollo-Lobo o cómo hacerse un cuerpo queer a partir del Pensamiento heterosexual*. In: SÁEZ, J; CÓRDOBA, D; VIDARTE, Paco. Teoria Queer Políticas Bollerías, Maricas, Trans, Mestizas, pp. 111-131. Madrid: Editorial Egales, 2005.

\_\_\_\_\_. *Testojunkie: Sexo, Drogas e biopolítica na era farmacopornográfica*, n-1 Edições, 2018;

\_\_\_\_\_. *Pharmaco-pornographic Politics: Towards a New Gender Ecology*. Revista Parallax, vol. 14, n. 1, pp. 105-117, 2008a.

\_\_\_\_\_. *Um apartamento em Urano*, Zahar, 2020;

\_\_\_\_\_. *Yo soy el monstruo que os habla*, Anagrama, 2021;

\_\_\_\_\_. *Transfeminismo*, n-1 Edições, São Paulo, 201

\_\_\_\_\_. *Biopolítica del género*. AA.VV, Biopolítica, série “Conversaciones Feministas”, Ají de Pollo, Buenos Aires, 2008b.

\_\_\_\_\_. **Terror Anal (Posfácio)**. In: HOCQUENGHEM, Guy. El deseo homosexual. Tradução por Geoffroy Huard de la Marre. 1ª ed. Santa Cruz de Tenerife: Melusina, 2009, pp. 133-170.

\_\_\_\_\_. *Multidões queer: notas para uma política dos "anormais"*. Estudos Feministas, Florianópolis, 2003;

\_\_\_\_\_. **Cuerpo Improprio. Guia de modelos somatopolíticos y de sus posibles usos desviados**. Seminário, de 2 a 4 de novembro, Universidad Internacional de Andalucía, Sevilla, 2011b, s/p. Disponível em: <https://goo.gl/JaHyxq>. Acesso em: 28 maio 2017.

\_\_\_\_\_. **Desprivatizar el nombre propio, deshacer la ficción individualista**. 2014a. Disponível em: <https://goo.gl/nCKoB3>. Acesso em: 17 out. 2017.

\_\_\_\_\_. *Manifiesto Contrassexual: prácticas subversivas de identidad sexual*. 1ª Ed. Tradução por Maria Paula Gurgel Ribeiro. São Paulo: n-1 edições, 2017;.

\_\_\_\_\_. **¿La Muerte de la Clínica?**. Conferência ministrada no programa "Somateca" do Museu Reina Sofía em Madrid. 2013. A transcrição da conferência foi publicada em Córdoba por Bocavulvaria Ediciones, 2015b. Disponível em: <https://goo.gl/a3tMRc>. Acesso em: 07 maio 2017.

\_\_\_\_\_. *Pornotopia*, n-1 Edições, 2020;

\_\_\_\_\_. **Gender, Sexuality, and the Biopolitics of Architecture: From the Secret Museum to Playboy**, Tese em Filosofia em Princeton, Estados Unidos, 2013.

\_\_\_\_\_. **Savoirs\_Vampires@War. Multitudes**, n. 20, 2005. [Saber\_Vampiros@War. In: Norberto Gómez, Biopolítica de los estados de excepción, 2010b]. Disponível em: <https://goo.gl/dqRQhi>. Acesso em: 21 jul. 2017.

\_\_\_\_\_. **La sexualidad es como las lenguas. Todos podemos aprender varias**. Entrevista concedida a Luz Sánchez Mellado. 13 jun. 2010c. Disponível em: <https://goo.gl/HkZqNq>. Acesso em: 11 set. 2017.

\_\_\_\_\_. *Cartografias Queer: flâneur perverso, a lésbica toprofóbica e a puta multicartográfica, ou como fazer uma cartografia zorra com Annie Sprinkle*. eRevista Performatus, Inhumas, ano 5, n. 17, jan. 2017a. ISSN: 2316-8102.

\_\_\_\_\_. **The Parliament of Bodies: How does it feel to be a problem?**. Programas Públicos da exposição Documenta 14. 2017b. Disponível em: <https://goo.gl/Z1GxFG>. Acesso em: 29 jul. 2017.

\_\_\_\_\_. **El parlamento de los cuerpos. Entrevista concedida a María Galindo.** 2017c. Disponível em: <https://goo.gl/tFz9jD>. Acesso em: 17 out. 2017.

\_\_\_\_\_. **A importância de chamar-se Paul.** Medium, 2017d. Entrevista concedida à Dolores Curia, colunista do periódico digital Página12, 2015. Tradução e adaptação por Bryan Willian Axt. Disponível em: <https://goo.gl/zY9F9d>. Acesso em: 15 nov. 2017.

RAMOS, S S. **Claude Lefort e a escrita democrática**" in: DISCURSO, v. 48, n. 1, p. 155-166, 2018;

ROLNIK, S. **Esferas da insurreição: notas para uma vida não cafetinada**, n-1 Edições, 2021;

RUCOVSKY, Martín A. de Mauro. **Cuerpos en escena. Materialidad y cuerpo sexuado en Judith Butler y Paul B. Preciado.** Barcelona: Editorial Egales, 2016.

SIBERTIN-BLANC, G. **Deleuze et l'aint-Edipe: La production du désir.** Paris:Presses Universitaires de Frances, 2010;

\_\_\_\_\_. **Politique et État chez Deleuze et Guattari: Essai sur le matérialisme historic-machinique**, Presses Universitaires de France, 2013.

YOUNG, E. B., GENOSKO, G., WATSON, J., **The Deleuze&Guattari Dictionary**, Bloomsburry, 2013.

ZOURABICHVILLI, F., **Le vocabulaire de Deleuze**, Eclipses, 2003.